

Diário de Lisboa

DIRECTOR — NORBERTO LOPES
DIRECTOR-ADJUNTO — MARIO NEVES

TELEFOS.: 20271, 20272, 20273, 21154 e 21155
ENDEREÇO TELEGRAFICO: I B O A

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO 44 e 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — J. CHRISOSTOMO DE SA
NÚMERO AVULSO: UM ESCUDO

O presidente eleito do Brasil ofereceu hoje um almoço ao embaixador do seu país

O dia de hoje da permanência em Lisboa do presidente eleito da República do Brasil não foi sensivelmente diferente dos anteriores. O sr. dr. Janio Quadros voltou a isolar-se no seu apartamento do hotel, mantendo-se distante do contacto com jornalistas e fotógrafos.

Durante toda a manhã trabalhou sozinho, estudando múltiplos problemas relacionados com a formação do seu Governo e com o futuro económico do Brasil. Problemas transcendentes, portanto.

A's 13 horas recebeu o embaixador do seu país em Lisboa, sr. dr. Negrão de Lima, e esposa, e o comendador sr. António Duarte Martins, proprietário do hotel e seu amigo pessoal, com quem almoçou, no restaurante do hotel, acompanhado também de suas mãe e esposa, que de manhã foram ao cabeleireiro.

A fotografia que o dr. Janio Quadros não queria...

O presidente eleito parecia muito

futuro chefe do Estado do Brasil a sair pressurosamente do hotel pela porta de serviço, a fim de evitar o encontro com os jornalistas...

O almoço decorreu em atmosfera de intimidade. O dr. Negrão de Lima e esposa retiraram-se cerca das 14 e 30, recolhendo, então, o dr. Janio Quadros de novo aos seus aposentos, no sexto andar, onde continuou a trabalhar sozinho.

Provável visita aos bairros típicos de Lisboa

Como é já seu hábito, o ilustre visitante deverá voltar a percorrer a cidade, a pé e, às vezes, de táxi, ao fim desta tarde.

Ontem, abandonou o hotel, onde também lhe foram deixados cartões de cumprimentos dos srs. prof. dr. Oliveira Salazar e marechal Craveiro Lopes — com quem conviveu durante a inesquecível visita oficial do anterior Presidente da República

(Continua na página central)



O dr. Janio Quadros, à direita, com os seus convidados

bem disposto e acedeu, até, a deixar-se fotografar para a Imprensa, pela primeira vez dentro do hotel, e já quando se encontrava à mesa com os seus convidados. Ao reencontrar a reporter-fotográfica com quem altercara anteontem, à noite, o dr. Janio Quadros teve o gesto simpático de a abraçar e de a apresentar assim a sua esposa:

— Esta foi a senhora que me tirou a tal fotografia que eu não queria...

A foto em questão apresentava o

DOIS RAPAZES AÇORIANOS
atravessaram o Atlântico escondidos na cauda de um avião americano

DOVER (Delaware), 5 — Dois rapazes portugueses viajaram, clandestinamente, num avião das Forças Aéreas Americanas, num voo de doze horas desde os Açores até à base aérea de Dover.

Os jovens, Jerónimo Pereira da Rocha, de 15 anos, e Elísio Vieira de Freitas, de 14 anos, não foram descobertos durante a viagem, mas foram encontrados ontem, nesta cidade, quando um deles saiu da secção da cauda do aparelho para desentorpecer os membros.

Os rapazes afirmaram que projectavam visitar a irmã de um deles casada em Toronto. — (R.).



Margarida recebeu, na Irlanda, onde se encontra em gozo de férias, a confirmação de que ia ser mãe. O casal Armstrong-Jones não esconde a sua alegria

Margarida soube na Irlanda que espera um filho

LONDRES, 5 — A princesa Margarida espera um filho... E' o que diz, pelo menos, na primeira página, o «Daily Sketch». Afirma que a irmã da rainha Isabel, que se encontra na Irlanda com o marido, recebeu uma «boa notícia» de Londres, pelo telefone. Acrescenta haver grande alegria no palácio de Birr, onde a princesa Margarida se encontra em visita à mãe do marido. Espera-se que a notícia seja anunciada oficialmente muito em breve.

Informada pelo telefone de uma «notícia que a interessava acima de tudo», acrescenta o «Daily Sketch», a irmã da rainha não resistiu a transmiti-la imediatamente ao marido, que andava a caçar. Pediu a Martin Parsons, segundo filho do Conde de Rosse, o proprietário do Palácio de Birr e padasto de Antony Armstrong-Jones, para a conduzir no seu automóvel. Quando enxergou o marido, a princesa Margarida apeou-se do carro e, depois de correr uns cinquenta metros, caiu-lhe nos braços. — (F. P.).

Diário de Lisboa

publica hoje
20 páginas

Os Estados africanos darão «outra oportunidade» à acção da O. N. U. no Congo

CASABLANCA, 5. — A Conferência Africana, presidida pelo rei Mohamed V, prosseguiu os seus trabalhos, em terceira sessão, no salão nobre do Palácio Municipal. Na agenda, figura a discussão do problema congolês.

Informadores dignos de crédito comunicaram que os dirigentes políticos das oito nações africanas reunidos nesta cidade estão dispostos a dar «outra oportunidade» à O. N. U. no Congo.

Estas nações contribuíram com um terço dos efectivos da O. N. U. no Congo, tendo algumas retirado já os seus contingentes e outras ameaçado tomar igual atitude. Na agenda da conferência destacam-se os problemas do Congo e da

Argélia, as experiências nucleares francesas no Sahara, as reivindicações de Marrocos sobre a Mauritânia e o caso da Palestina, aparentemente por insistência de Nasser que parece desejar um apoio mais efectivo das nações africanas.

(Continua na 12.ª página)

Nota do dia

O FORMATO E A ORIENTAÇÃO

O nosso prezado colega «Diário do Governo», que nos assegura todos os dias uma informação abundante e variada, mudou de formato e de aspecto gráfico, passando a publicar-se num tamanho mais reduzido e com a impressão melhorada. Reconhecemos, por certo, vantagens nessa remodelação gráfica. Caso contrário não se teria adoptado. O jornal tornou-se, deste modo, mais manuseável, mais caracterizadamente tabloide, como agora se diz. Quanto ao mais, a sobriedade do seu estilo e a seriedade da sua informação, o «Diário do Governo» mantém os créditos conquistados ao longo de uma existência já provecta em anos e brilhante, senão em êxitos jornalísticos, pois não é esse o seu objectivo, pelo menos na fidelidade impecável com que se tem devotado à causa pública. Não visando a satisfazer curiosidades mundanas, o «Diário do Governo» não deixa de ter, contudo, os seus leitores fiéis. E quantas vezes é aguardado com a an-

siedade febril com que se desdobra um quotidiano noticioso, para ver em que número saiu a sorte grande, por aqueles que esperam ver a sua cautela premiada. Quantas alegrias e quantas desilusões ele não terá causado num país em que todos esperam do Estado a solução dos seus problemas, o bem-estar das famílias e o progresso das povoações. O «Diário do Governo» mudou de formato, mas não mudou de orientação. Os anos passam e ele mantém-se fiel a princípios e a fórmulas que alguns consideram ultrapassados. O chefe da redacção, porém, a quem o director dá plenos poderes, ainda não mudou de ideias e, como diziam os Latinos — para não citar a tradução vernácula de Camilo —, «hoc opus hic labor est».

Visado pela Comissão de Censura



O presidente Nasser foi recebido efusivamente pelo rei de Marrocos, quando da sua chegada ao aeroporto de Casablanca

TRANSPORTADO PARA O PORTO NOS AVIÕES DA T. A. P.

Arquitectura popular em Portugal

O Sindicato Nacional dos Arquitectos vai editar em breve, com subsídio do Centro de Estudos da Direcção-Geral dos Serviços de Urbanização, integrada no Ministério das Obras Publicas, uma obra ilustrada sobre a arquitectura popular em Portugal. Este trabalho, de vasto interesse documental e artístico, é resultado de um inquérito em extensão e profundidade que se realizou há poucos anos por iniciativa daquele Sindicato.

Em 1955, reconhecendo o Sindicato Nacional dos Arquitectos a necessidade de realizar uma investigação em profundidade a nossa Arquitectura Popular, dirigiu uma exposição ao sr. ministro das Obras Publicas no sentido de lhe serem facultados os meios necessários à realização de um inquérito em todo o País. Mereceu desde logo, esta iniciativa, todo o apoio do titular daquela pasta, eng. Arantes e Oliveira, publicando o Governo seguidamente, o decreto n.º 49349, em 19 de Outubro de 1955, cujo preambulo bem esclarece e prova a acção dos propósitos dos arquitectos e o alto interesse do problema. Dava-se assim início ao que então se chamou «Inquérito à Arquitectura Regional Portuguesa».

Na impossibilidade de confiar a prospecção de todo o continente a um só grupo de arquitectos, constituíram-se seis grupos de trabalho para outras tantas zonas de pesquisa, que correspondem sensivelmente ao Minho, Trás-os-Montes, Beiras, Estremadura, Alentejo e Algarve. Nesta divisão houve apenas a preocupação de definir as zonas em relação às suas prováveis afinidades de ordem técnico-construtiva, etnográficas e à distribuição equitativa de quantidades de trabalho — onde havia maior densidade de aglomerados populacionais as zonas eram menores em superfície e vice-versa.

Cada grupo de trabalho, formado por três arquitectos, foi dotado de meios de transporte próprios que lhe permitiram percorrer totalmente a sua zona e assim levar a cabo a recolha de elementos. Das proporções do trabalho realizado, poder-se-á ter uma ideia, por estes números esclarecedores: cerca de 50 mil quilómetros percorridos em motociclos, a cavalo e a pé; cerca de 10 mil fotografias, com as respectivas fichas e várias centenas de levantamentos desenhados, dos interiores e exteriores mais característicos.

Não pode haver dúvidas quanto aos resultados obtidos; eles provam bem que a nossa Arquitectura Popular obedece a determinantes objectivas de clima, de organização social, de materiais e processos de construção, de costumes, de cultivos preponderantes e, como tinha que ser, da idiosincrasia do povo.

Nos trabalhos de prospecção da Arquitectura Popular Portuguesa participaram os arquitectos Fernando Távora, Rui Pimentel, António Meneses, Octávio Filgueiras, Arnaldo Araújo, Carvalho Dias, Francisco Keil Amaral, José Huerfano Lobo, João Mafato, Nuno Teotónio Pereira, António Freitas, Silva Dias, Frederico George, Mata Antunes, Gomes da Silva, Pires Martins, Celestino de Castro e Fernando Torres.

Depois de alguns anos de trabalho dos grupos encarregados de fazer o inquérito e após ter sido comentado e discutido pela classe dos Arquitectos (em Lisboa e no Porto), chegou o momento — e tudo se encontra pronto para isso — de iniciar a publicação desta extraordinária obra, que pelo seu carácter, interesse, não só áqueles que por formação e cultura estão mais aptos a apreender o valor da nossa Arquitectura Popular, como a todo o publico em geral.

Para se avaliar ainda melhor da importância do trabalho de recolha de elementos, convirá acrescentar que, somente neste capítulo, foi despendida uma verba superior a seiscentos mil escudos. Não é, portanto, uma obra em que o Organismo editor possa auferir lucros. Por isso o seu custo é o estritamente indispensável ao pagamento das despesas de edição.

O Sindicato Nacional dos Arquitectos, ao fazer uma edição de 2500 exemplares, resolveu, para facilitar a sua aquisição, dividir esta obra em 12 fascículos — 2 por cada zona de trabalho — a sair, mensalmente, com início no corrente mês de Janeiro.

Cada um destes fascículos terá, em média 60 páginas, com cerca de 200 gravuras. Ao primeiro fascículo serão acrescentadas as páginas correspondentes ao prefácio, introdução, etc.

De ontem para hoje

UM QUARTO DE SÉCULO

Vinte e cinco anos decorreram desde a morte de Fernando Pessoa. A cidade alargou desde então as suas ruas e para os lados do Areeiro, Benfica, Ajuda rompeu as costuras, o Tejo continua a espelhar o Sol e a Lua e a arfar com o movimento inspirador da «Ode Marítima». Há vinte e cinco anos morria esse correspondente em línguas estrangeiras que deixava um livro publicado e uma mala cheia de manuscritos. Esses manuscritos têm sido publicados e consagraram já o nome do autor como um dos mais altos engenhos da nossa terra. A um quarto de século não se lembra o correspondente de línguas estrangeiras e todos conhecem o poeta Fernando Pessoa e seus heterónimos. O aniversário da morte foi celebrado ontem à noite no teatrinho do Palácio Foz. Presentes ministros, professores universitários, funcionários superiores, artistas, escritores e apreciadores da grande obra de Fernando Pessoa. Foram recitados versos e lídas prosas. Num salão ao lado encontra-se patente uma exposição bibliográfica que lembra o homem e o poeta. E a noite acabou em sonhos de grandeza e harmonia que elevam a alma às alturas: «Tudo vale a pena / quando a alma não é pequena». Há vinte e cinco anos que morreu Fernando Pessoa.

TURISTAS NÓRDICOS

Em avião especial chegou ontem a Lisboa uma excursão de 44 Finlandeses e Suecos, que vão passar as suas férias nas Ilhas Canárias. Aquele grupo permanecerá em Lisboa até amanhã, devendo visitar Lisboa, Sintra, Cascais, Estoril. Turistas de passagem podem ser que alguns deles tomem o gosto e se decidam a cá vir passar uns dias.

A CRIANÇA E A ESTRADA

Foi em Amiais de Baixo a hora de grande movimento na povoação. Entre muita gente, á beira da estrada, estava o pedreiro sr. Nemoim Lopes Lourenço. Do outro lado estava um filho seu, de 3 anos, Augusto Alves Lourenço. Entre os dois a fita da estrada. O miúdo agitou os braços, riu-se, olhou ao ver o pai e foi atravessar para se lhe ir juntar. Mas o cenário de inocência, alegria e vida transformou-se em noite escura de gritos, sangue e gelo. Veio uma furgoneta, guiada pelo sr. Manuel Simões Ventura Júnior, colheu o pequeno. Ao pai vidraram-se os olhos e pasmou-lhe a alma. Ainda foi levado a um consultório médico, mas para morrer.

Os da Ponte de Sor agradecem

Vieram ontem homens gradados de Ponte de Sor ao Terreiro do Paço. A embaixada, á frente da qual o sr. Manuel Nunes Marques Adegas, presidente da camara, compreendendo delegados da lavoura, do comércio e da industria, subiu ao gabinete do sr. ministro da Justiça. E o presidente da Camara falou por todos exprimindo o reconhecimento pela concessão do primeiro subsídio, na importância de 1500 contos, destinado á obra de construção do edificio para as novas instalações dos serviços do respectivo Tribunal e dos Registos Civil e Predial. O ministro disse esperar que as obras comecem ainda este ano.

REGRESSO

De volta á sua diocese de Sá da Bandeira, no sul de Angola, partiu ontem á noite, no avião da TAP, o bispo D. Albino Ribeiro Santana.

A última década de Dezembro foi favorável às culturas cujo aspecto vegetativo é regular

A influência do tempo nas culturas, durante a ultima década do mês de Dezembro findo, e segundo o «Boletim Meteorológico para a Agricultura», pode resumir-se assim: «As condições do tempo durante a década, com alternância de períodos de chuva e de bom tempo, foram, de um modo geral, favoráveis às culturas, que apresentavam regular aspecto vegetativo.

Os trabalhos agrícolas, que em muitas regiões, principalmente nas do Centro e Sul, tinham sofrido paralisações prolongadas devido aos frequentes períodos de mau tempo, realizaram-se com actividade, a aproveitar os dias sem chuva que houve durante a década. Prosseguiram a apanha da azeitona, que em alguns locais está atacada por gafa, a mobilização das terras, a sementeira de centeio e trigo, os trabalhos de poda das vinhas e das árvores de fruto, a colheita de citrinos, etc.

As geadas que se formaram em alguns locais, especialmente em Trás-os-Montes e na Beira Alta, causaram prejuizos nas pastagens e nas culturas hortícolas, mas foram benéficas para o afileamento das searas».

REGRESSOU A LISBOA

o embaixador italiano

Procedente dos portos da América Central e do Funchal, regressou hoje ao Tejo o paquete «Santa Maria», da Companhia Colonial de Navegação, no qual viajaram 350 passageiros, 200 dos quais da Ilha da Madeira.

Entre eles conta-se o sr. embaixador da Itália, dr. Angelo Correia e sua esposa, que estiveram de férias na Ilha da Madeira e o sr. prof. dr. Vitorino Nemésio.

Antevisão das condições meteorológicas no Continente até 15 do corrente: tempo frio, com vento variável predominante do Norte. Períodos eventuais de tempo chuvoso, mais frequentes nas regiões do Norte e no final da quinzena.



As firmas Nacional Rádio, Ld., de Lisboa e Santos, Guimarães & Oliveira, Ld., do Porto, representantes exclusivos em Portugal das fábricas GRUNDIG VERKAUFS G. M. B. H. de Furth/Bayern, Alemanha Ocidental, têm o prazer de comunicar a todos os Ex. Clientes que conforme o programa transmitido na passada quinta-feira, dia 29 de Dezembro, cerca das 21.45 pela Rádio Televisão Portuguesa, o prémio do Concurso «A HORA GRUNDIG» relativo ao passado mês de Novembro, coube ao Ex. Sr. Artur Alexandre Gonçalves Serra, morador na R. Dr. Manuel de Arriaga, lote 44-2. E. Amadora, cujo prognóstico de 8 horas 15 minutos e 35 segundos, foi o que mais se aproximou da hora a que parara o relógio do concurso: 8 horas 15 minutos e 29 segundos.

O resultado do próximo concurso, que abrangerá todas as pessoas que hajam adquirido receptores de TV, aparelhos de rádio, máquinas de gravar ou ditafones «GRUNDIG» durante o passado mês de Dezembro e nos tenham enviado os respectivos prognósticos, será apurado no próximo dia 26 do corrente, durante o programa «A HORA GRUNDIG» a transmitir pela Rádio Televisão Portuguesa.

Diário OUTRA BANDA

Os lixos do Seixal e de Arrentela

Nos paços do concelho do Seixal, efectua-se hoje, ás 18 horas, o concurso publico para adjudicação dos lixos provenientes da limpeza daquella vila e da povoação de Arrentela, durante o ano corrente. A base de licitação é de 12 contos.

TRES LIÇÕES no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos

O professor D. Manuel Fraga Iribarne, da Universidade de Madrid, vem a Lisboa proferir três lições no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos de 9 a 15 do corrente. Estas lições, que são aguardadas com interesse, dada a categoria mental daquele mestre têm os seguintes títulos: «A transformação do sistema das relações internacionais»; «As novas formas de guerra: a guerra revolucionária»; e «A adaptação da diplomacia».

Devem ainda proferir lições no Instituto Superior de Estudos Ultramarinos, durante o corrente ano lectivo, mais dois professores universitários estrangeiros.

Farmácias de serviço

ALCOCHETE — Gameiro — L. António dos Santos Jorge, 15. Tel. 034100.
ALMADA — Magalhães — P. Luís Camões, 10-12. Tel. 070242.
BARREIRO — Avenida — Av. da Bélgica, 88. Tel. 023212.
COVA DA PIEDADE — Cerqueira Afonso — P. 5 de Outubro, 18. Tel. 070254.
MONTIJO — Moderna — Rua Bulhão Pato. Tel. 030156.
MOITA — União Moitense — Av. Dr. Teófilo Braga. Tel. 039025.
SETUBAL — Bocageana — R. do Romeu, 2. Tel. 23425. — Farmácia dos Bairros.

EXPOSIÇÃO de loteamentos em Brasília

Por iniciativa de uma importante empresa brasileira, representada no nosso País pelo dr. Jónio Mota, foi inaugurada, na Rua Rodrigues Sampaio, 110, uma exposição de loteamentos em Brasília. Ao acto, assistiram numerosas pessoas de representação social, portuguesas e brasileiras.

INSTITUTO DE LINGUAS DE RENOME MUNDIAL



INGLÊS
FRANCÊS
ALEMÃO

* LIÇÕES EM GRUPOS RESTRITOS
* CURSOS PARA CRIANÇAS
INSCRIÇÕES IMEDIATAS

RUA SOCIEDADE FARMACEUTICA, 30, 1.º — TELEFONE 54530

CASINO

APRESENTA

A vedeta da canção francesa

CECILE DEVILE

nas suas mais recentes criações

ROSY BARON

um espantoso caso de ventriloquia

THE KALSKY FOLLIES

em «french can-can» e fantasia de danças eslavas

(Maiores de 17 anos)

ESTORIL

STUDIO 4

A CIDADE

Pelos hospitais

DESASTRES DE VIAÇÃO — Na sala de observações do Hospital de S. José deu entrada, muito contuso na cabeça, Orlando Rodrigues de Oliveira, de 26 anos, servente de balcão, que na Buraca, conduzindo uma motocicleta, chocou com uma furgoneta.

— Recolheram á sala de observações do Hospital de S. José, os srs. José da Graça Valente Silva, de 31 anos, empregado na Administração-Geral do Porto de Lisboa, residente na Rua dos Prazeres, 60, 1.º, e Carlos Martins Gomes Picoto, 31 anos, revisor de transportes fluviais, residente na Avenida 24 de Julho, 94, 4.º, dir., os quais caíram da «scooter» que o primeiro conduzia por aquela avenida, por lhe ter saltado uma roda. Ficaram ambos muito contusos na cabeça.

— No banco do referido hospital recebeu tratamento o sr. José Valentim Nascimento Arruda, de 22 anos, estivador, residente na Travessa da Portuguesa, 27, 1.º/c., que ficou ferido por se ter voltado, em consequência de uma derrapagem,

REUNIÃO

de camaradagem

da Mocidade Portuguesa

Encerrando o ciclo das festas de Natal, promovidas em todo o País pela Mocidade Portuguesa, e assinando, também, o significado tradicional do Dia de Reis, como data consagrada á confraternização, realiza-se amanhã no Pavilhão da Feira das Indústrias, um jantar de camaradagem de todos os dirigentes daquela organização, que prestam serviço no Commissariado Nacional, na delegação distrital de Lisboa ou nas unidades que dela dependem, bem como dos antigos graduados que queiram estar presentes; participam no jantar, como convidados, os comandantes de falange residentes na capital e os comandantes de Centro da Ala de Lisboa.

Este encontro de dirigentes e graduados e de antigos e actuais filiados coincide com o começo do ano em que a Mocidade Portuguesa vai comemorar o 25.º aniversário da sua fundação.

Oração

PARA 1961

Nossa Senhora do Rosário da Fátima Mãe querida. Movidos pelas angustias do Mundo, mais uma vez a Vós recorremos, certos de encontrar no Vosso Coração amantíssimo o porto seguro nas tempestades que de toda a parte nos assaltam.

Nós reconhecemos que tudo quanto se está passando, é o justo castigo das ofensas a Deus e a Vós! Apesar dos repetidos avisos, a humanidade, surda e cega, não ouve os avisos nem atenta nos castigos — continuando agarrada aos seus vícios. Nos seus corações, só reina a vaidade, a ambição, o ódio e a vingança! Satanás domina as almas. Ah! mas Vós o venceste; por isso, os Vossos filhos confiam em Vós.

Maria, auxílio dos cristãos; defendei-nos do Demónio.

S. José, protegi a Santa Igreja e defendei a pureza!

Meu Deus! Pelos merecimentos de Vossa Mãe Santíssima e de Vosso Amado Filho, ouvi as nossas suplicas! Fazei que a Mensagem da Fátima entre em todos os corações. E que o Concílio Ecoménico, pela força da luz do Vosso Espírito Santo, reúna toda a humanidade debaixo do Vosso Manto. Assim seja.

P. N.; A. M.; S. Rainha. Credo. Com aprovação eclesiástica

em Paço de Arcos, o automóvel que conduzia, o qual sofreu grandes avarias.

COLHIDO POR UM AUTOMÓVEL — Na mesma sala de observações deu entrada, em estado grave e sem fala, Gregório Alípio dos Santos, de 76 anos, de Elvas, que foi colhido por um automóvel na Rua de Arroios.

CAIU Á LAREIRA — Por ter caído á lareira junto da qual se aquecia, na sua casa, em Fazendas de Almeirim, sofreu várias queimaduras pelo corpo, o sr. Ulisses Cardoso Ferreira, de 22 anos, jornalista, que veio para aquele hospital, onde ficou na sala de observações.

MORTE SUBITA — No Hospital de S. José faleceu, pouco depois de ali ter dado entrada, o sr. Fernando Rosa, de 40 anos, caixeiro-viajante, residente na Rua Cavaleiro de Oliveira, 39, 3.º, onde adoeceu subitamente.

Quem perdeu?

Relação dos objectos achados ontem em Lisboa e entregues na P. S. P. (Governo Civil): dois livros infantis; um tampão para roda de automóvel; uma nota do Banco de Portugal; uma carteira de plástico; um bilhete de identidade; uma cédula pessoal; um cartão escolar; um diploma passado pelo Instituto de Assistência Psiquiátrica; uns óculos graduados; um guarda-chuva; uma sombrinha; uma sandália; um embrulho; um tampão para roda de automóvel; um tampão para depósito de gasolina; dois aros para rodas de automóvel; dois pares de luvas; diversas luvas desirmadas; uma pulseira; diversas argolas com chaves; chaves desirmadas, e uma pasta de cabedal.

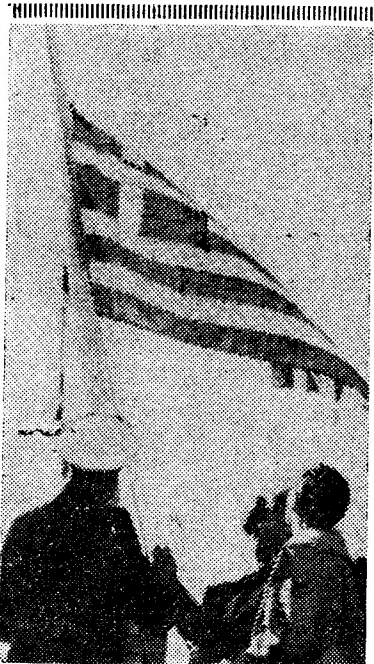
A bandeira da Grécia foi hoje hasteada no velho petroleiro "Marão" vendido a um armador grego

O velho petroleiro «Marão» construído na Suécia em 1943 e que, quatro anos depois, foi incluído no frota da Soponata, tendo sido designado antes por «Glimmingehus», mudou hoje novamente de armador pois, foi vendido para a Grécia. Passará a navegar sob o pavilhão daquele país e chamar-se-á «Henrietta». A cerimónia da transferência decorreu a bordo do barco, atracado ao molhe, em Cabo Ruivo, com a presença do ministro da Grécia, acompanhado pela esposa e pela filha, e do consul daquele país, elementos da colónia residentes em Lisboa, os srs. Polycarpe Carmel Gallia, representante do armador Jonh S. Lidsis, além de individualidades ligadas á Marinha Mercante Nacional e á estrangeira, incluindo os srs. James Ravess, Máximo Silva, comandantes Gervásio Leite, da Soponata, e Manuel Bento, e ainda o antigo capitão do «Marão», sr. Monte-Rei, que arriou a bandeira nacional, ao som de «A Portuguesa», enquanto o seu colega grego, Votsis Nicolás, içava o pavilhão nacional daquele país.

Trocaram-se, depois, saudações entre os srs. Polycarpe Gallia e capitães Monte-Rei e Votsis Nicolás. O «Henrietta», tem certificado de navegabilidade para mais dois anos e findo esse prazo o seu actual armador, terá que o sujeitar a remodelações (se as autoridades marítimas gregas forem dessa opinião) ou abatê-lo ao efectivo.

A equipa de voleibol do Instituto Superior Técnico, campeã nacional, que se desloca a Casablanca, a fim de disputar, com o campeão marroquino, um encontro a contar para a «Taça dos Campeões da Europa», esteve, hoje, cerca do meio-dia no Ministério da Educação Nacional, a apresentar cumprimentos de despedida ao sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, subsecretário de Estado da Educação Nacional.

Estiveram presentes, todos os componentes da equipa, eng.º Al-



O hastear da bandeira grega

A largada do Tejo está prevista para o princípio da próxima semana; e na viagem para o porto de Atenas sofrerá ligeiras reparações em doca seca de um porto espanhol. A guarnição do petroleiro é constituída por Gregos, á excepção do imediato, sr. Carrapeta e do primeiro maquinista, Domingues, dois portugueses que se manterão a bordo enquanto a sua colaboração for necessária.

A ACTIVIDADE das brigadas de fiscalização da I. G. A.

Os serviços de fiscalização da Intendência-Geral dos Abastecimentos concluíram processos instaurados contra dois talhantes e uma salsicharia, todos do mercado municipal de Matosinhos, por terem nos seus estabelecimentos produtos vários (mãos de vaca e de vitela, toucinho e miudezas diversas) absolutamente impróprios para consumo. Foram inutilizados 178 quilos daqueles artigos.

Também se concluiu um outro processo contra dois comerciantes de carnes verdes e industriais de salsicharia, em Alhos Vedros, que possuíam no seu talho 149 quilos de tripa salgada em estado de putrefacção.

Foi ainda processada uma firma da Avenida da Republica, com estabelecimento de modas e confecções, por ter vendido três peças de vestuário com um lucro excessivo de 61,5, 62,1 e 64,4 por cento.

PERFUMARIA CEZAL

FUNDADA EM 1910

Grande sortido em perfumarias nacionais e estrangeiras. Produtos de beleza de reputação mundial; sabonetes Franceses e Ingleses. Camy, Pinaud, Palmolive, etc. A célebre pasta dentífrica Golgate a 19\$80 cada. Cremes de barba Ingram, Colgate, Palmolive, Gibbs, Gillette, de fabrico de origem, etc. RUA DO COMÉRCIO, 12 e 14 TELEFONE 26498 LISBOA

As aspirações e necessidades da juventude merecem do Governo a maior compreensão

— disse o dr. Baltasar Rebelo de Sousa na recepção que deu hoje á equipa de voleibol do I. S. Técnico

varo Mendes, orientador técnico; e os jogadores, Francisco Valsassina, André Mendes, David Cohen, Carlos Puppe, Alvaro Pinho, João R. Fonseca, Ernesto Esteves, João Henriques, João Raimundo e Mário Ferreira.

O sr. João Maia, director do Grupo Desportivo da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico, saudou o sr. dr. Baltasar Rebelo de Sousa, a quem agradeceu o apoio dado para que a deslocação fosse possível e afirmou que os voleibolistas do I. S. T. tudo farão para deixar bem colocado o desporto nacional.

Em resposta o sr. subsecretário de Estado da Educação Nacional, depois de agradecer as palavras do sr. João Maia, disse:

«Esse apoio, esse auxílio, nada tem de excepcional, mas antes se integra naquilo que o Ministério e os outros departamentos do Estado — como foi agora o caso — sempre dão quando se trata de iniciativas concretas que visam, por qualquer forma, o interesse dos estudantes. Este interesse, as naturais aspirações e necessidades da juventude — o seu bem-estar, a melhoria das suas condições de preparação para a vida — merecem-nos a maior compreensão. Outra coisa não significa a obra vultosa levada a cabo — na modestia dos nossos recursos — nas três cidades universitárias, quer na obtenção de instalações escolares condignas, na progressiva melhoria do seu apetrechamento e nas sucessivas remodelações de estudos, quer ainda nos aspectos, também em desenvolvimento, que vão ao encontro das outras necessidades e carências, como acontece no caso que, directamente, vos interessa da cultura física do universitário. Podemos lamentar-nos de não andarmos tão depressa quanto desejamos. Mas temos a certeza de não estarmos parados.

Devemos, no entanto, discernir entre o que são legítimas aspirações da juventude que nos cabe acompanhar, estimular e satisfazer, e coisa muito diversa. Refiro-me a certos pretextos explorados, de quando em vez, como capa de movimentos sindicalistas que, jogando na aparência com reivindicações e solidariedades académicas, nada mais podem significar do que a pretensão de como que ressuscitar uma luta de classes — entre estudantes e professores e estudantes e autoridades — com vista unicamente ao engodo de massa generosa e crédula — no desenvolvi-

mento de um clima de agitação, por demais conhecido em todo o Mundo. Contra ele todos devemos estar precavidos...»

A terminar, o dr. Baltasar Rebelo de Sousa desejou aos voleibolistas boa viagem afirmando estar seguro de que eles representarão, com dignidade e galhardia, com desportivismo, na sequência de uma brilhante tradição, as cores da Escola, da Universidade e do País.

Importantes diplomas do ministro das Finanças

Foi hoje distribuído o «Diário do Governo» que insere dois importantes diplomas do ministro das Finanças, há dias anunciados:

O decreto-lei n.º 43 453 altera algumas disposições da lei n.º 1933 (dívida publica) e cria o Fundo de regularização da dívida publica e o Fundo de renda vitalícia, em substituição do Fundo de amortização da dívida publica; autoriza o ministro das Finanças a mandar emitir, por intermédio da Junta do Crédito Publico, títulos da dívida publica nominativos e amortizáveis, denominados certificados de aforo, destinados a conceder uma aplicação remuneradora aos pequenos capitais; e revoga determinadas disposições da referida lei e dos decretos-leis n.ºs 31 089 e 38 811.

Por sua vez, o decreto n.º 43 454 insere disposições relativas á criação de certificados de renda vitalícia mediante a aceitação de numerário, á regulamentação da disposição legal que estabelece os certificados de aforo e á escrituração e funcionamento dos Fundos de regularização da dívida publica e de renda vitalícia; e revoga várias disposições do actual Regulamento da Junta do Crédito Publico, aprovado pelo decreto n.º 31 090.

Jantar de homenagem ao dr. Pita Negrão

O jantar de homenagem ao sr. dr. Pita Negrão, director do Banco do Hospital de S. José, para o qual já se inscreveram numerosos colegas e amigos, efectua-se no próximo sábado, ás 21 horas, no restaurante de Montes Claros.

CORRIJA A ACIDEZ DEPRESSA

Se tiver algumas Rennie na algibeira os ardores de estômago, a azia ou a indigestão podem ser dominadas com rapidez. Basta chupar duas pastilhas Rennie — uma a seguir á outra — para sentir alívios.

A medida que as chupa os seus anti-ácidos são dissolvidos pela saliva e imediatamente levados até ao estômago, onde corrigem as secreções ácidas, sem perturbar o processo digestivo. As Rennie não lhe causarão qualquer incomodo.

Se as Rennie não lhe derem alívios, consulte, sem demora, o seu médico.

PASTILHAS

RENNIE

Pacotes de 25 e 100 pastilhas a Esc.: 6\$50 e 17\$50



As Rennie são embrulhadas separadamente para se transportarem na algibeira. Não é preciso colher nem água.



deixe de fumar com terminex

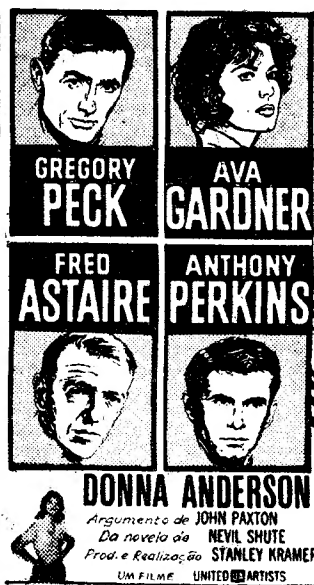
O FAMOSO PRODUTO INGLÊS

inofensivo e desprovido de sabor que contraria o hábito de fumar.

A VENDA NAS FARMÁCIAS

"NÃO HÁ DÚVIDA
DE QUE SE TRATA
DA OBRA MAIS
IMPORTANTE
REALIZADA ATÉ HOJE..." (Da crítica)

E QUANDO VOCÊ TIVER
OPORTUNIDADE DE
VER CONSTATARÁ
QUE ESTÁ EM PRESENÇA
DE UM FILME QUE
JAMAIS PODERÁ ESQUECER!



LOTAÇÕES
ESGOTADAS

A HORA FINAL
(ON THE BEACH)

TODOS
OS
DIAS
SÃO JORGE
AS 15.15
18.15
21.30
UM EXCLUSIVO
ARABOFILME ADULTOS (M/17anos)

2ª
SEMANA



DIA 6 NOITE DE REIS
«O FAIA»
APRESENTA
ALFREDO MARCENEIRO
QUE EXPOE A SUA «MAQUETA»
«A CASA DA MARIQUINHAS»
Marque a sua mesa pelo tel. 369387
(Para maiores de 17 anos)

DUAS HORAS
A RIR!

SÓ NO
MONUMENTAL

EM 2 SESSÕES
às 20.30 e 23 h.

COM
LAURA ALVES
na superprodução musical de
VASCO MORGADO
**BOA NOITE,
BETINA!**

174.

REPRESENTAÇÃO

(ADULTOS M/17 ANOS)

SÁBADO e DOMINGO
À TARDE, às 18.30 h.
TEATRO INFANTIL
A peça de PEDRO BOM
NOVA HISTÓRIA
DA CAROCHINHA
UM ÊXITO!
(MAIORES DE 4 ANOS)

REPRESENTANDO, DANÇANDO OU CANTANDO

...Ela é «CARINA»!

Por isso, o que foi...

...o mais delicioso filme do Natal

O MAIS DELICIOSO FILME DO ANO NOVO

é ainda... O MAIS DELICIOSO FILME DOS REIS!

**COMEÇOU
EM NÁPOLES**

(IT STARTED IN NAPLES)

O TRIUNFO INCOMPARÁVEL DE

SOPHIA LOREN!

Já todos cantam CARINA...

Já todos pedem RESTA COM ME...

UM FILME MARAVILHOSO EM TECHNICOLOR
E VISTAVISION, COM

Clark Gable — Vittorio de Sica

Um filme PARAMOUNT



(Adultos — m/ 17 anos)

3ª SEMANA

**UMA PEGA 6\$50
DOÇARIA CASEIRA**

só no BAR RIBATEJO — Pr. do Areeiro, 11-D
Fecha às 3,30 — Abre às 7 horas — Telf. 724111

Cartas dos Cinemas

SÃO LUIZ
Telefone 27172

A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30
(M. 17 anos)
Um filme de amor
Em Technicolor

A POUSADA DAS ILUSÕES
com Debbie Reynolds e Tony Curtis

EDEN
Telefone 26768

A's 15.15, 18.15 e 21.30
(M. 12 anos)
2.ª SEMANA
O filme excepcional

A FURIA DO PODER
com Richard Burton e Carolyn Jones
Uma história apaixonante e espectacular

ALVALADE
Telefone 76388

A's 15.15 (p. r.) e 21.45
(M. 17 anos)
Um filme de amor
Em Technicolor

A POUSADA DAS ILUSÕES
com Debbie Reynolds e Tony Curtis

ODEON
Telefone 26283

A's 21.30
(M. 12 anos)
Um êxito espantoso de que toda a gente fala em Lisboa

JOSELITO na sua melhor criação em 4.ª SEMANA TRIUNFAL
A estupenda comédia em Eastmancolor
O PEQUENO CORONEL

CINEMA IDEAL
Telefone 24194

Hoje, às 21 h.
(M. 17 anos)
UMA MULHER NO INFERNO
VIDA CONTRA VIDA

ROYAL
Telefone 865037

A's 21 horas
(M. 12 anos)
A ESTRADA DE SONHO DO MUNDO
MIGUEL STROGOFF

CLUB
Telefone 48560

A's 21 (M. 17 anos)
CONVERSA DE TRAVESSERO
A L I B I

TIVOLI
Telefone 50595

A's 3 e 6.15 da tarde (p. r.) e 9.30 da noite
Em cinemascopo-Eastmancolor

UM ESTRANHO NA MINHA VIDA

Uma notável comédia dramática com um elenco monumental: com Kirk Douglas e Kim Novak

POLITEAMA
Telefone 26385

A's 21.30 horas
3.ª SEMANA
de um êxito sempre sensacional com a divertida comédia de John Wayne

A TERRA DAS MIL AVENTURAS
com Capucine e Stewart Granger
CINEMASCOPE (M. 17 ANOS)

A's 18.15: «SUBLIME EXPIAÇÃO» — com Rock Hudson — (M. 12 anos).

CONDES
Telefone 22523

A's 15.15, 18.15 (p. r.) e 21.30 horas
(M. 12 anos)
3.ª SEMANA
O maior filme de capa e espada jamais realizado pelo cinema

O GRANDE CAPITÃO
com Jean Marais — Elsa Martinelli
Em Eastmancolor
Amanhã: Estreia do filme em Technicolor e Vistavision — SENDA DE GIGANTES.

ROMA
Telefone 727778

15.30 (M. 6 anos)
21.45 (M. 12 anos)
UM RAIO DE LUZ
com MARISOL

Grande prémio de interpretação no Festival Internacional

RESTELO
Telefone 610375

A's 21.15
(M. 17 anos)
A excelente produção dramática em Cinemascopo

HERÓICA AVENTURA
com Eleonora Rossi Drago

IMPÉRIO
Telefone 55134/5

A's 21.30 horas
(Adultos)
3.ª SEMANA
da estupenda comédia em Technicolor e Vistavision

COMEÇOU EM NÁPOLES

Uma deliciosa aventura de amor com Sophia Loren, Clark Gable e Vittorio de Sica

SÃO JORGE
BALCÃO 54154
PLATEIA 54153

A's 15.15 - 18.15 e 21.30 (M. 17 anos)
2.ª SEMANA
Gregory Peck, Ava Gardner, Fred Astaire, Anthony Perkins em

«A HORA FINAL»
O filme principal começa a ser exibido às 15.30, 18.30 e 21.50.

MONUMENTAL
Telefone 55131

A's 15 e 21 horas
(M. 12 anos)
11.ª SEMANA
Uma história dos tempos de Cristo

BEN-HUR
com Charlton Heston — Jack Hawkins

Após o início do filme, e durante os primeiros 7 minutos de projecção não é permitida a entrada na sala.

AVIS
Telefone 47163

A's 15.30 e 21.45
(M. 12 anos)
EM 6.ª SEMANA
ÚLTIMO TANGO

A incomparável Sara Montiel num belo filme em eastmancolor

TERRASSA
Telefone 20017

21.00 (M. 17 anos)
O PRIMEIRO AMOR
O ESPELHO DE DUAS FACES

CASINO ESTORIL

A's 21.30
(M. 17 anos)

A ESTRADA DA MONTANHA
com James Stewart

AMANHÃ no



UM FILME DE
CLASSE INVULGAR!



A PARAMOUNT APRESENTA

SENDA DE GIGANTES
(THE JAYHAWKERS)

UMA FASCINANTE PRODUÇÃO DE ENVOLVENTE VIGOR com

**JEFF CHANDLER
FESS PARKER
NICOLE MAUREY**

VISTAVISION® TECHNICOLOR®

UM ÉXITO QUE É UMA APOTEOSE DE CONSAGRAÇÃO TOTAL!

A HISTÓRIA DE ACÇÃO CONSTANTE DE ALGUNS HOMENS
CORAJOSOS E ALEGRES EM BUSCA DO OURO E DO AMOR!

UMA SUPER-PRODUÇÃO ÚNICA, DESTEMIDA, HILARIANTE!

A TERRA DAS MIL AVENTURAS

3^ª SEMANA NO

COM UM ELENCO MONUMENTAL
JOHN WAYNE — STEWART GRANGER — FABIAN
ERNIE KOVACS — E a grande revelação CAPUCINE

ADULTOS, M/ 17 ANOS

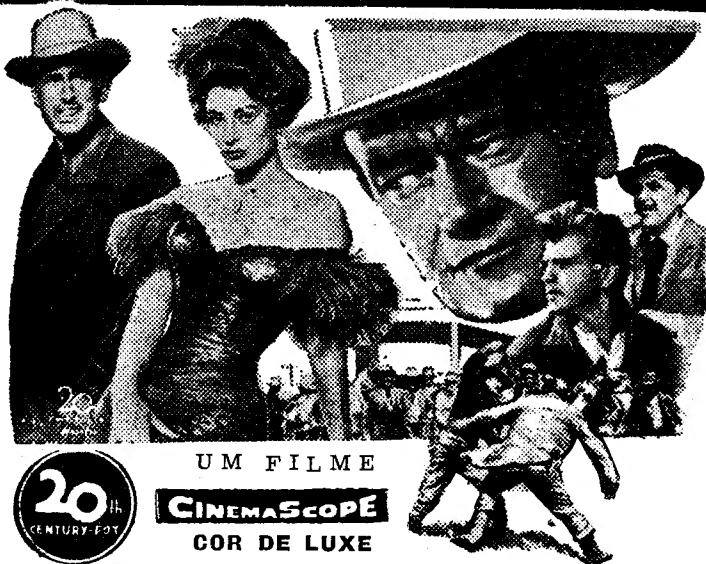
POLITEAMA

PROD. E REAL.

HENRY HATHAWAY

ARG.

John Lee Mahin-Martin Rackin-Claude Binyon



UM FILME

CINEMASCOPE

COR DE LUXE

TEATROS E CINEMAS

Atrás do reposteiro

- E' de dez dias a temporada que a companhia do Variedades vai fazer no Sã da Bandeira. O primeiro espectáculo realiza-se amanhã, com a comédia «Cucuru-cucu», a que se seguirá «Os primos Basílios» e «Armadilha para um homem só».
- «Noite de S. João no Rio de Janeiro» é o título do final do 1.º acto da revista «Garotas do rebolado», que Eva Todor apresenta no dia 13, no Avenida.
- No Trindade, realiza-se hoje, o ensaio geral da peça «A casa dos vivos».
- A actriz Maria José faz parte da companhia que Pedro Bom está a organizar.
- A recita clássica com obras de Gil Vicente, que hoje se devia realizar no D. Maria II, foi adiada para a próxima quinta-feira.
- O artista brasileiro Badaró toma parte no desempenho da revista «Com sua licença».
- No Teatro-Cine da Covilhã é amanhã representada, pela companhia brasileira, a revista «Gosto que me enrosco».

No D. Maria II

prossegue o êxito de «Do Alto da Ponte»

São sicilianos imigrados nos Estados Unidos e trabalhando na estiva de Brooklyn, a sombra da ponte que liga a Manhattan, que conservam as leis ancestrais da sua terra, sobretudo aquelas que ensinam os filhos a serem homens.



LUSO

— Adultos —
Direcção de
MODESTO MAIA
Fados e Canções
com AMÉLIA
MARIA — Isaura
A. de Carvalho —
Julietta Estrela — Eduardo Franco
— Vitor Moreira e o alegre BAPTISTA MARTINS — Adelino Santos e Amadeu Ramil.

DIA 18 — Vigésimo aniversário deste Salão — Grande espectáculo de FADOS e OUTRAS SURPRESAS
DOMINGO — «Matinée» extraordinária — FADOS e VARIEDADES

nam os homens a lavarem as afrontas e as iniquidades com sangue, as personagens da famosa peça de Arthur Miller, «Do Alto da Ponte», que obteve um êxito clamoroso no D. Maria II, na versão de Natércia Freire. Na verdade, são destemidos, implacáveis, de paixões tumultuosas e trágicas, que povoam a tragédia do grande dramaturgo americano — homens que resolvem entre si, com o vigor dos seus punhos as suas contendas. Por isso se trata de um espectáculo eminentemente popular que Cayetano Luca de Tena realizou admiravelmente e para a qual concebeu o deslumbrante ambiente cenográfico do grande artista que é Lucien Donnat. Todas as noites o público aplaude calorosamente não só a peça, como a sua encenação e a brilhante interpretação de um notável conjunto de que fazem parte, nos principais papéis, Amélia Rey Colaço, Mariana Rey Monteiro, Raul de Carvalho, Paiva Raposo, José de Castro e Varela Silva.

Depois de amanhã, realiza-se a primeira tarde popular a preços reduzidos para a qual a lotação já se encontra quase esgotada.

No Marin Vitoria

Salvador apresenta
«Chá-Chá-Chá»

Para alegria do publico de Lisboa, Salvador, o artista-empresário tão querido das nossas plateias, apresenta triunfalmente, todas as noites, em duas sessões, às 20 e 30 e 22 e 45, no popular Teatro Maria Vitória, a revista «Chá-Chá-Chá», original de Amadeu do Vale, Anibal Nazaré e Paulo da Fonseca, com musica de Fernando de Carvalho, Carlos Dias e Tavares Belo. A notável montagem, superiormente dirigida por Hernani e Rui Martins, onde sobressai pelo seu inextinguível bom gosto o novo guarda-roupa dos afamados «Ateliers Paiva», executado sob magistrais figurinos de Pinto de Campos, são uma das atracções de «Chá-Chá-Chá». Como seus principais intérpretes a revista tem a grande vedeta internacional Xiomara Alfaro, os grandes e queridos actores cómicos António Silva e Costinha, Maria Domingas, Barroso Lopes, Anita Guerreiro, Luísa Durão, Ausenda Miranda, Lucinda Amaral, Octávio de Matos (Filho) e, ainda a colaboração de Leônia Mendes, da graciosa fantasista italiana Rita Truzzi e do «Conjunto sem Nome».

liana Rita Truzzi e do «Conjunto sem Nome».

Completa este admirável e sensacional conjunto artístico um elegante friso de jovens e bonitas artistas, bailarinas, «girls» e bailarinos, actuando sob a direcção coreográfica de Carlos Alberto.

A III Retrospectiva

do Cinema Sonoro Português

A Cinemateca Nacional, em colaboração com a Federação Portuguesa dos Cineclubes, começará a apresentar, no próximo dia 9, no Teatro do Palácio Foz, a III Retrospectiva do Cinema Sonoro Português.

O programa desta manifestação cultural será o que se segue:

Dia 9: «A vizinha do lado», de António Lopes Ribeiro; 10: «Camões», de Leitão de Barros; 11: «O Leão da Estrela», de Artur Duarte; 12: «O Fado», de Perdigão Queiroga; 13: «Frei Luís de Sousa», de António Lopes Ribeiro; 14: «Chaimite», de Jorge Brum do Canto.

As sessões realizam-se, diariamente, às 18 e 15 e 21 e 30 e a distribuição dos convites está a cargo dos cineclubes de Lisboa, das associações de Estudantes Universitários, da F. N. A. T. e da M. P.

Daniel Seillier

que vem leccionar na Escola de S. Carlos, chegou, hoje, a Lisboa

Chegou, hoje, a Lisboa, vindo de Paris, o bailarino e coreógrafo Daniel Seillier que vem dirigir as classes adiantadas da Escola de Bailado Clássico do Teatro Nacional de S. Carlos.

A vinda deste notável artista, pode vir a revelar-se da maior importância para o desenvolvimento do bailado clássico em Portugal.

Daniel Seillier, que é um dos grandes bailarinos clássicos dos últimos anos, pertenceu a quase todas as grandes companhias e abandona o lugar de bailarino-estrela e mestre de bailado que ocupava na companhia do marquês de Cuevas para se fixar em Lisboa. E todos nós nos lembramos ainda da excelente interpretação que Seillier nos deu do «Peruano», da «Gaité Parisienne», de Massine.

Que todos saibam aproveitar da lição da sua experiência é o que mais pudemos desejar ao noticiar o seu regresso a Lisboa.

Coliseu

Só até domingo. Últimos espectáculos da Grande Companhia de Circo, no Coliseu. Hoje, as maiores atracções da actualidade. Sábado, á tarde, entrada gratuita às crianças dos 6 até 10 anos. À noite, espectáculo a que podem assistir crianças a partir dos 6 anos

Vai deixar Lisboa a Grande Companhia de Circo que tem estado a actuar no Coliseu com grande brilho e entusiasmo. Últimos espectáculos. Só até domingo! Aproveite para ver, já hoje, cães e pombos amestrados, malabaristas, equilibristas, perchistas, saltadores árabes, acrobatas cómicos, excêntricos musicais, boneca electrónica, bambu aéreo e ainda duas originalíssimas parelhas de palhaços.

A CASA AMANHÃ dos VIVOS

Da CRITICA PORTUGUESA:
«É do melhor teatro que já se fez em Lisboa».

Da CRITICA FRANCESA:
«A intensidade do espectáculo faz habitualmente desmaiar uma senhora».

Da CRITICA AMERICANA:
«Foi a primeira vez que saí de um teatro com um travo muito amargo na boca».

AMANHÃ



NO TRINDADE

UMA PEÇA DE GRAHAM GREENE

Desempenho:
MARIA CLARA, ALVARO BENAMOR, LIGIA TELES, ALMA FLORA, BRUNILDE JUDICE, LUIS TITO e MARIANA VILAR

(por ordem de entrada em cena)

Encenação: BRUNILDE JUDICE

e ORLANDO VITORINO

Ensaio: BRUNILDE JUDICE

ESPECTACULO SUBSIDIADOS PELO FUNDO DE TEATRO

(ADULTOS M/17 ANOS)

ADEGA MESQUITA

R. D. NOTÍCIAS, 107 — TELF. 28307



D. Mesquita



F. Pinto



F. Farinha

Como todos os anos por esta quadra a TIA ADELINA e o DOMINGOS MESQUITA distribuirão pelos seus amigos, que são todos os clientes, a tradicional fatia de «BOLO REI», uma das quais conterá um valioso BRINDE. FILIPE PINTO, o animador desta ADEGA, além dos actuais artistas privados — entre os quais se contam FERNANDO FARINHA e MARIO ROCHA, respectivamente 1.º e 3.º classificados do concurso «A voz mais portuguesa de Portugal» — apresentará DUAS GRANDES SURPRESAS.

E como é tradicional:

ATE AMANHÃ SE DEUS QUIZER



SALVADOR no «compère»

NO As 20.30 e 22.45

MARIA VITORIA

Telef. 3 17 40

SALVADOR

APRESENTA

Xiomara Alfaro

ANTÓNIO SILVA e COSTINHA

Na sua melhor revista

CHA' CHA' CHA'

AD. M/ DE 17 ANOS

com

Maria Domingas

Barroso Lopes

Anita Guerreiro

Luísa Durão

e a colaboração de

Leônia Mendes

da fantasista italiana

RITA TRUZI

e do

«Conjunto sem nome»



M. DOMINGAS no «espantalho»

Boite de Nuit

NINA

Adult. M. de 21 anos

HOJE ESTREIA

Ballet de Georges Appfel

Um grupo de esculturais bailarinas Francesas



TEATRO NACIONAL DE DONA MARIA II

HOJE, AS 21 e 45 (17 anos)

A PEÇA DE ARTHUR MILLER

DO ALTO DA PONTE

com AMÉLIA REY COLAÇO, MARIANA REY MONTEIRO, RAUL DE CARVALHO

O tempo que faz

Informação do Serviço Meteorológico Nacional:

SITUAÇÃO GERAL AS 9 HORAS (T. M. G.) DE HOJE — Em Portugal continental o vento era em geral fraco de Noroeste e o céu estava pouco nublado por acção duma massa de ar transportada na circulação do anticiclone dos Açores, centrado a sul do arquipélago.

TEMPERATURAS AS 9 HORAS (T. M. G.) — Porto, 2°; Coimbra, 3°; Portalegre, 4°; Faro, 6°; Lisboa, 7°; Funchal, 17°.

TEMPERATURAS VERIFICADAS, AS 9 HORAS, NA COSTA DO SOL: na atmosfera, 9,8; na água do mar, 13,1.

TEMPERATURAS EXTREMAS REGISTRADAS HOJE, EM LISBOA, ATÉ AS 15 HORAS: máxima, 13,2; mínima, 7°. No mesmo dia do ano passado: máxima, 16,2; mínima, 10,2.

PREVISÃO ATÉ AS 24 HORAS (T. M. G.) DE AMANHÃ — Bom tempo, com céu pouco nublado. Vento fraco a moderado de Noroeste. Pequena subida de temperatura. Possibilidade de aumento gradual de nebulosidade nas regiões do norte do continente, durante o dia de amanhã, com vento rondando para Oeste.



Será um acontecimento mundano a Exposição Canina Internacional que se realizará este mês na F. I. L.

Aproxima-se a data do encerramento das inscrições na 35.ª Exposição Canina Internacional de Lisboa, que nos dias 21 e 22 se realizará no pavilhão da Feira Internacional de Lisboa, organizada pelo Clube Português de Canicultura e com o patrocínio do «Diário de Lisboa».

O prazo de entrega de inscrições findará no próximo sábado, na secretaria daquele clube, Praça D. João da Camara 4, 3.º, em Lisboa, telefone 21478, onde são fornecidos todos os esclarecimentos relacionados com a importante iniciativa.

Ali se cuida, presentemente, de

Fui eu próprio que me golpeei

— confessa o rapaz que apa- receu em Algés com ferimentos no pescoço

Está já esclarecido completamente o caso do suposto crime de homicídio frustrado de que se disse ter sido vítima Evaristo Romeu Moita, em Algés, na manhã de 15 de Dezembro findo. O agredido indicou como agressor um indivíduo do qual forneceu larga cópia de sinais. Fornecer também pormenores da agressão, da qual resultou ficar com um golpe na garganta, feito com uma faca.

Por ausência de móbil do crime, a Polícia convenceu-se de que a narrativa do Romeu Moita era muito fantasiada e, assim, aguardou que ele melhorasse dos ferimentos que apresentava, a fim de ser devidamente interrogado sobre o sucedido.

Efectivamente, o Romeu Moita não foi vítima de agressão por qualquer indivíduo estranho, pois foi ele que se cortou a si próprio com a faca que, na casa onde estava empregado, servia para fazer sanduíches, lavando-a após fazer os ferimentos e colocando-a de novo no local habitual.

O muito é feito aos poucos. Ganhando menos consegue-se mais.

GRANDE OURIVISARIA DA MODA RUA DA PRATA, 257

Quando as crianças brigam o melhor é congratularmo-nos — aconselha um pedagogo americano

NOVA YORK, 5. — Quando os vossos filhos brigam congratulem-se em vez de vos afligirdes porquanto os seus gritos, os seus pontapés e a série de nomes que se chamam mutuamente, só podem ser encarados como uma bênção.

Por isso, em vez de pensar que estão a criar uma ninhada de gatos bravios, devem pensar, pelo contrário, quanto de benéfico as crianças aproveitam da experiência que a «arena dos combates infantis» coloca á sua disposição — aconselha o

HOMENAGEM à memória de Jaime Cortesão

A Sociedade Portuguesa de Escritores vai prestar, na quinta-feira, 26 do corrente, homenagem, em sessão pública, ao seu falecido presidente, dr. Jaime Cortesão, grande figura da cultura, das letras, da política e do pensamento portugueses.

Serão oradores nessa sessão o dr. David Mourão Ferreira, o dr. Nuno Simões e o comandante Teixeira da Mota, que se ocuparão, respectivamente, da obra do artista, poeta e dramaturgo, da acção pedagógica e cultural do dr. Jaime Cortesão no Brasil, e da sua obra como historiador dos Descobrimentos.

todos os pormenores para que o certame resulte numa manifestação de invulgar categoria, idêntica aos grandes festivais caninos de Inverno realizados nas grandes capitais estrangeiras.

As excelentes condições de conforto do pavilhão da Junqueira

Na verdade, o acontecimento deverá destacar-se não apenas sob o ponto de vista desportivo, como também pela beleza e graciosidade dos belos exemplares submetidos a concurso e, ainda, pelo interesse excepcional que sempre despertam tais iniciativas junto de um público de sociedade, entre o qual abunda



Todo ufano, este adorável cãozinho aguarda o momento de prestar provas...

um vasto sector de elegantes senhoras, todas apaixonadas canicultoras.

De resto, não só as magníficas condições do recinto, como uma série de manifestações complementares, algumas das quais anunciamos dentro de dias, proporcionarão um agradávelíssimo ambiente de confraternização. Além do completo serviço de restaurante, que funcionará permanentemente, haverá serviços de chá e de bar na vasta e cómoda galeria da nave central do moderno pavilhão da Junqueira, onde serão colocadas mesas para o efeito.

dr. Otto Pollack, professor de Sociologia da Faculdade de Wharton, da Universidade da Pensilvânia.

O professor, especialista em questões familiares e do crescimento infantil, afirma, também, que o conceito de harmonia no lar que têm muitos pais leva-os ao esquecimento de que a maior parte das quezílias infantis não são mais do que meras experiências naturais sobre a forma de resolver os conflitos.

A sua teoria é que, depois das hostilidades, há sempre a experiência da paz, que proporciona apreciável campo experimental para o desenvolvimento de qualidades que, mais tarde, permitirão, com êxito, fazer frente aos problemas resultantes de desacordos e de conflitos, pela vida fora.

Acrescenta o dr. Pollack que os irmãos e irmãs se prestam, mutuamente, serviços inestimáveis, existindo como «objectos» de hostilidade temporária, quando um, ou outro, resolve desistir da luta.

De resto — sublinha — as quezílias infantis encontram-se sempre limitadas pelos pais e, portanto, nunca existe o perigo das crianças se sentirem dominadas pelo medo, próprio das lutas desenvolvidas sem restrições.

As crianças que, durante as suas disputas, se magoam umas às outras, mas que, apesar disso, voltam a questionar, transformam-se em adultos emocionalmente mais bem formados, do que aqueles cujas experiências com a hostilidade não usufruíram do benefício de objectos de poder aproximadamente igual.

O dr. Pollack aconselha a que os pais revejam a sua maneira de encarar e de reagir perante as questões entre os filhos, pensando que tais quezílias mais representam experiências crescentes do que são as dores da vida, do que significam sinais de alteração das relações familiares.

A terminar, o professor salienta:

«Seria vantajoso para os pais tentarem discernir os resultados das querelas entre as crianças, em vez de fixarem a atenção sobre as próprias quezílias». — (A. N. I.).

A distribuição das ofertas da campanha para um Natal em cada bairro

Prossegue a distribuição domiciliária das ofertas da campanha do «Diário de Lisboa» para um Natal em cada bairro, que beneficia milhares de famílias necessitadas e é feita dentro do espírito da mais ampla solidariedade, sem restrições, consoante o âmbito da nossa iniciativa.

O humanitário empreendimento tem merecido, como acentuámos, um carinhoso interesse por parte da Imprensa, da Rádio e da TV, que lhe deram a máxima amplitude em reportagens e notícias de muito relevo e cativante simpatia. Apraz-nos registar os termos desvanecedores em que o nosso prezado colega «Diário de Moçambique», de Lourenço Marques se refere á campanha para um Natal em cada bairro e a outra iniciativa do «Diário de Lisboa», que, este ano, se repetiu com êxito invulgar, «O Natal visto pelas crianças».

CORREU 600 KM. em 82 h. e 35 m.

LONDRES, 5 — Walter Hesketh, de 30 anos chegou ás primeiras horas de hoje, a Marble Arch, nesta capital, após correr a distância de Edimburgo a Londres (cerca de 600 quilómetros) em 82 h. e 35 m. Interrogado sobre como se sentia, retorquiu: «Bem. A corrida em nada me afectou». — (R.).



JACQUELINE KENNEDY

Jacqueline Kennedy em primeiro lugar na lista das mulheres mais bem vestidas

NOVA YORK, 5. — A sr.ª Jacqueline Bouvier Kennedy, esposa do presidente eleito dos Estados Unidos, está indigitada para o primeiro lugar da lista das doze mulheres mais bem vestidas do Mundo em 1960, elaborada anualmente pelo Grupo de Alta Costura de Nova York.

A elegância da sr.ª Kennedy celebrizou-a durante a campanha eleitoral norte-americana. Houve quem acusasse a futura «Primeira Dama» dos Estados Unidos de despendir demasiadamente em «toilettes» e de preferir os costureiros europeus aos nacionais.

Para os outros onze lugares indicaram-se os nomes da rainha Sirikit, da Tailândia; da princesa Alexandra de Kent, da Inglaterra; da actriz Audrey Hepburn; da sr.ª de Stavros Niarchos; da viscondessa Jacqueline de Ribes; e da sr.ª Agnelli, de Turim, e da esposa de Norman Wiston, de Nova York, Loel Guinness e Patrick Guinness, sua filha, de Palm Beach, as sr.ª de John Barry Ryan III, de Nova York, e David Bruce, de Washington. — (A. N. I.).



Esteve treze horas no forro de um telhado que o julgava

É um prédio vasto, sólido, cinzento. Quatro andares de pedra e cal, o n.º 31, no Largo Rafael Bordalo Pinheiro. A escada é larga e funda, a luz escorre de uma clarabóia e derrama-se até ao sol, a perder intensidade. Do topo surge a cabeça branca e esgula de Deolinda Jesus da Silva.

— Ele está lá em cima. Ouç... e os passos!

Aponta a mão ossuda para o alto. Junto da clarabóia abre-se uma pequena porta. Subimos com os bombeiros e a Polícia. A linha que se circular do corrimão é quebrada por dezenas de cabeças debruçadas. É todo o prédio alarmado, veemente, quase colérico.

Um salto acrobático

— Subiu para o forro do telhado. Pôs aqui os pés, agarrou-se às vigas e ficou-se.

Deolinda Jesus da Silva aponta, no corrimão, marcas de pegadas e depois, em cima, duas manchas. As vigas, cruzadas sob a clarabóia, são de ferro, aguentam uma roda.

— A roldana de um elevador que não foi montado — esclarece ela, a gesticular nervosamente.

Seguimo-la através da casa, que tem a porta escancarada.

— O quarto do irmão é aqui. Um dos meus três hóspedes, o sr. Joaquim Palma Franco, alfaiate, homem trabalhador como os melhores...

O quarto do irmão

Um quarto estreito mas claro, de paredes cinzentas. Menos de dois metros de largura. Uma cama de ferro, dura, as roupas impecavelmente dobradas. Um guarda-roupa com espelho e uma máquina de coser. Na parede, sobre a janela, quadrada, de guilhotina, um diploma emoldurado de alfaiate.

— O irmão, o Jaime, o que está lá em cima, no forro do telhado, fazia-lhe a vida negra — explica a mulher, em frente dos outros hóspedes.



A rainha Sirikit, Alexandra de Kent e Audrey Hepburn

Reunião da Corporação da Indústria

Na sede da Corporação da Indústria reuniram-se sob a presidência do sr. Victor Gallo, o presidente da Junta Disciplinar, os oito vice-presidentes dos conselhos das secções e os directores, para tomarem conhecimento da acção daquele organismo e estruturarem, conjuntamente, o plano do próximo ano de trabalhos.

O presidente fez um relato das actividades da corporação no ano findo, referindo-se especialmente ao processo da bonificação do gasóleo e ás designações de industriais para fazerem parte de algumas comissões reorganizadoras de indústrias e sugeriu, com pleno acordo, que o sr. Carvalho Seixas, vice-presidente da Secção de Indústrias Químicas, seja incumbido de indagar, quando da sua próxima viagem a Angola e Moçambique, das possibilidades de alargar o âmbito da corporação a estas províncias ultramarinas. Anunciou ainda que a direcção da corporação decidiu promover um estudo

do sobre a indústria caseira, para o que se está a recolher os necessários elementos.

Falou ainda o sr. eng. Alexandre Aranha Furtado de Mendonça, vice-presidente da Secção de Alimentação, que se referiu, em relação á indústria de moagem, aos estudos em curso sobre a uniformização das tarifas de energia eléctrica e o agravamento da pauta dos direitos de importação de máquinas e acessórios para a moagem, acentuando que se aguarda a organização em novos moldes desta indústria, na sua orgânica e nos aspectos sociais.

Foram expostos, também, os problemas que correm pela mesma secção relativos ás indústrias de laticínios, chacinaria e confeitaria. O orador assinalou a participação nos trabalhos do presidente da Comissão Reguladora de Moagem de Rama, do director do Instituto Nacional do Pão e do presidente da Junta Nacional dos Produtos Pecuários.

eze horas de um telhado ao irmão julgava um assassino

sólido, cin-
de pedra e
Rafael Bor-
da é larga e
e uma clara-
ao sol, a per-
opo surge a
de Deolinda

ma. Ouç...
a para o alto.
abre-se uma
mos com os
A linha qua-
o é quebrada
s debruçadas.
ado, veemen-

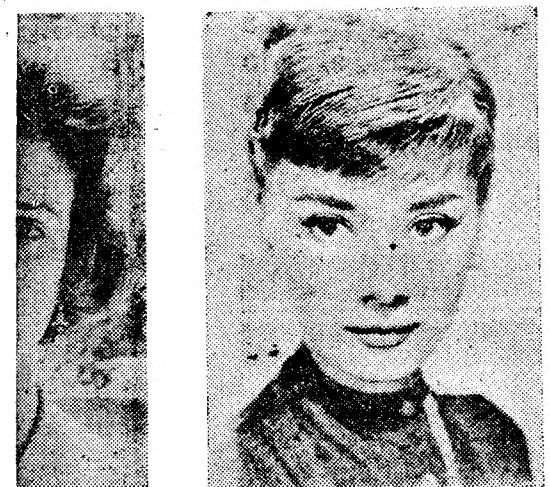
ático
no do telhado.
trou-se às vi-

Silva aponta,
de pegadas e
manchas. As
clarabóias, são
ma roda.
elevator que
clarece ela, a
te.
da casa, que
ada.
o é aqui. Um
es, o sr. Joa-
alfaiate, ho-
no os melho-

irmão
mas claro,
Menos de
a. Uma cama
upas impeca-
guarda-rou-
máquina de
re a janela,
na, um dípi-
alfaiate.
e, o que está
do telhado,
explica a
outros hós-

Destacou três bombeiros e deu-
lhes instruções para irem buscar
o fugitivo. Foram colocadas duas
escadas sobre o corrimão e as tra-
vas de ferro. Os bombeiros pe-
netraram no forro do telhado. O
chefe Viveiros, da P. S. P., pediu
silêncio.

Se o homem estiver escondi-
do é necessário não o alarmar.
Procuramos o irmão.
Não está. Ainda não veio —
esclareceu-nos Deolinda Jesus da



Kent e Audrey Hepburn

ão da Indústria

caseira, para
er os necessá-

ng, Alexandre
endonça, vice-
de Alimenta-
em relação á
aos estudos
ormização das
trica e o agra-
os direitos de
inas e aces-
n, acentuando
ganização em
indústria, na
pectos sociais,
mbém, os pro-
pela mesma
indústrias de
e confetaria,
a participação
sidente da Co-
e Moagem de
Instituto Na-
presidente da
Produtos Pe-

O sr. Manuel Pais Vieira Junior,
vice-presidente da Secção de Cur-
tumes e Calçado, falou do plano
de trabalhos que pretende efecti-
var, contando com a reorganiza-
ção da indústria de calçado e a
criação de uma Câmara dos Ex-
portadores para melhoria das con-
dições de produção e venda.



O fugitivo desce do seu esconderijo

Silva, sempre atenta. — Saiu de
manhã, como sempre. E' metódico,
exemplar. O contrário do irmão.

— Davam-se mal?
— Péssimamente. O irmão foi pá-
ra-quedista. Depois do serviço mi-
litar só tem feito distúrbios. Por-
que não é esta a primeira vez que
se esconde debaixo das camas dos
outros. Já o fez no quarto de um
amigo, há meses. Conseguiu fugir,
mas enganou-se e levou uns sapa-
tos que não eram dele. Só os te-
nhu ouvido discutir. O Jaime exi-
giu dinheiro, sempre mais dinhei-
ro...

Através da claraboia vemos bom-
beiros. Estão no telhado para im-
pedirem a fuga do rapaz. Ouvem-
se ruídos sobre as nossas cabeças.
— Encontrámos um casaco!

Um casaco, azul, ás riscas, com os
bolsos volumosos de cartões, can-
etas e uma fita métrica, é levado
ao chefe Viveiros. Bolsos peçados,
de quem vive isolado, inquieto, em
fuga permanente, sempre pronto a
partir.

— Não o vemos! Talvez tenha fu-
gido.

— E' impossível! A porta esteve
fechada durante a noite e pelo tel-
hado não há saída. Está lá, está
lá com certeza, ouvi-lhe os passos
e o respirar forte — insiste a mu-
lher, frenética.

— Procurem mais — ordena o
chefe Viveiros.

O silêncio da expectativa é ris-
cado pelo arrastar dos bombeiros
no telhado. A sombra é rasgada por
lanternas. A lona de salvação ocupa
a escada. Os bombeiros que a segu-
ram, recruta muito jovens, olham
para o alto.

A 13.ª hora

No forro do telhado ouve-se um
tumultuar.

— Está cá! Encontrámo-lo! —
gritam.

E após um silêncio:

— Diz que só desce se a Polícia
retirar!

O chefe Viveiros dá ordens pa-
ra os guardas descerem. Ele reco-
lhe-se no corredor da casa de Deo-
linda Jesus da Silva. Na entrada
do forro do telhado surge um rosto.
E' jovem, moreno, mas tem um es-
gar de pânico.

O chefe Simões fala-lhe:

— Desça sem medo. A Polícia já
retirou.

O rapaz desce pela escada de
mão, cambaleante, a gemer. Veste
um blusão e está coberto de poei-
ra. A poeira cobre-lhe os cabelos
pretos, as sobrancelhas, os lábios.
Saiu de um pesadelo horrível. Tre-
ze horas de terror no forro do tel-
hado do prédio antigo do Largo
Rafael Bordalo Pinheiro.

«Porque me querem
prender»

— Então, Jaime, porque fizeste
isto?

O chefe Viveiros aproxima-se.
Ele esbrança, a boca entreaberta,
mastigando palavras que não ouvi-
mos, e rola no patamar.

Descem depois os bombeiros. Es-

Concurso público

No Ministério das Obras Publicas,
effectuou-se esta tarde a abertura
das propostas do concurso publico
para arrematação da empreitada
de construção de edificios da obra
de rega dos Campos de Roxo.

tão irreconhecíveis. Sacodem a
poeira que os cobre.

— Cinquenta anos de lixo! — ex-
clama um, a sorrir.

— Ele não resistiu? — pergun-
támos.

— Não. Estava encolhido, no can-
to mais escuro. Pediu-me um papel
e uma caneta. E escreveu isto, no
único papel que achei nos bolsos.

O papel é um programa do Con-
des, dobrado. A letra é estreita,
unida, regular. O traço é carregado,
intenso, desenhado com a força
do desespero.

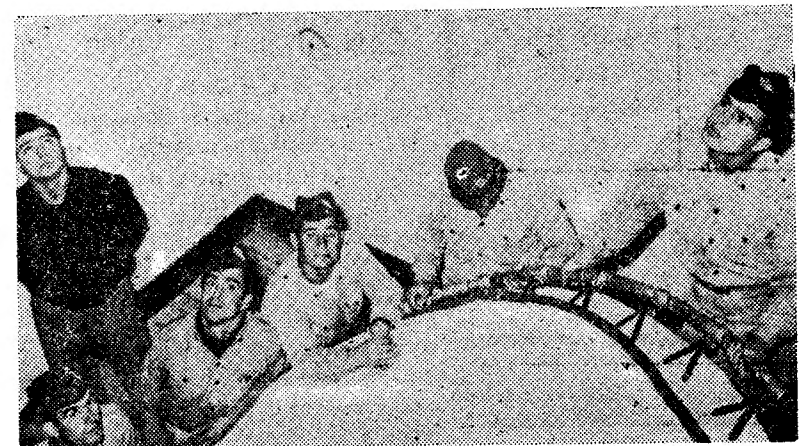
«PORQUE ME QUEREM
PRENDER»

Apenas isto. Sem o ponto de in-
terrogação. Inútil para quem se fez
a si mesmo esta pergunta durante
treze horas, na treva e na angustia.

Deram-lhe água e ajudaram-no
a descer. Quanto andares arrasta-
do, entre os inquilinos, debruça-
dos, silenciosos. Conduziram-no ao
Governo Civil onde ficou detido e
foi observado por um médico.

O irmão Joaquim Palma Nunes,
de 25 anos, apresentou-se á Poli-
cia. As autoridades suspeitam de
que o Jaime pretendia roubar o ir-
mão.

Vinte e três anos caóticos, sem
uma direcção, uma amizade, um
apoio. Uma vida prisioneira do ter-
ror, um terror antigo e pesado,
permanente, sem motivos. Géstos
desesperados, gratuitos. Uma obses-
são: a fuga. A fuga sempre inútil,
como esta, quebrada pelas paredes
do prédio antigo do Largo Rafael
Bordalo Pinheiro.



Como medida de precaução, os bombeiros estenderam uma lona no vão da escada

O dr. Jânio Quadros em Lisboa

portuguesa ao Brasil, em 1957 — e
passou pela Avenida da Liberdade,
onde, sentado num banco publico,
observou o transito de veículos e
visitou as instalações da Panair, to-
mando ali café brasileiro. A' noite,
com suas mãe e esposa, esteve na
primeira sessão do Teatro Monu-
mental.

Segundo consta, o presidente elei-
to manifestou o desejo de conhecer

SERVIÇOS DE CHÁ

GRANDE VARIEDADE — FABRICO

PRÓPRIO

OURIVESARIA PIMENTA

Rua Augusta, 253 — Tel. 24564

Vai completar-se o plano de urbanização do Castelo de São Jorge para o seu aformoseamento

Além das sugestões históricas, o
castelo de São Jorge (monumento
nacional), pela cenografia impres-
siva, a admirável panorâmica da
cidade e abrangendo dilatados ho-
rizontes, é um dos lugares que
atrai os lisboetas no seu excursio-
nismo impressionista e sentimen-
tal, repetindo-se diariamente, as vi-
sitas, facultadas pelas carreiras es-
peciais de autocarros, organizadas
pela Companhia Carris, a pedido do
presidente do Município, sr. briga-
deiro França Borges.

E' também, um dos pontos assi-
nalados no roteiro do turismo cita-
dino, tornando-se, por isso, constan-
te a afluência de estrangeiros,
os quais, muitas vezes, são obse-
quiados no restaurante ali existen-
te, onde, também, se dão banquete-
s assinalando acontecimentos ou
datas proeminentes ou distinguindo
personalidades e visitantes ilus-
tres.

Não estão, contudo, á altura des-
sas exigências, faltando-lhes o am-
biente e as comodidades indispen-
sáveis tanto para os visitantes ca-
tegorizados como para os popula-
res, as actuais instalações, tornan-
do-se por isso necessário o arran-
jo urbanístico do local, embelezan-
do-o, tornando fácil o acesso aos re-
cantos mais propícios, com segu-
rança e a precisa sinalização, além
de outros pormenores valorizade-
res, para se completarem as obras
ali executadas quando da celebra-
ção dos centenários em 1940, das
quais resultaram algumas transfor-
mações de belo efeito, incluindo a
arborização decorativa.

Já por várias vezes o vereador
arquitecto Vasco Morais Palmeiro
(Regaleira) tem insistido, em reu-
niões camarárias, na necessidade de
se valorizar o local histórico pela
execução de um adequado plano ur-
banístico, incluindo as instalações
do restaurante, á altura das reu-
niões de representação nacional, e
de um «bar» acessível a toda a ge-
te.

Ao encontro da ideia do ilustre
vereador, cujo nome é uma garan-
tia do harmonioso arranjo a exe-
cutor, o presidente do Município
nomeou uma comissão presidida
por aquele architecto e da qual fa-
zem parte a sr.ª D. Julieta Ferrão,
conservador-chefe dos Museus Mu-
nicipais e os srs. engs. Eduardo
da Abreu Nunes e José Pulido
Garcia, chefes das repartições, res-
pectivamente, das Obras Municip-
ais e de Arborização e Jardina-
gem; dr. João Pina Vidal, chefe da

secção de Propaganda e Turismo;
e architecto José Augusto de Maga-
lhães, da Repartição de Arquitec-
tura.

A referida comissão, que já se
reuniu pela primeira vez, elaborará
um relatório, consoante os estudos
a que vai proceder, o qual servirá
de base ao plano das obras a exe-
cutor para ser aprovado pela vere-
ação. O arranjo urbanístico não im-
plica quaisquer alterações na ar-
quitectura original da parte histó-
rica do monumento, embora sejam
aproveitados como motivos de su-
gestiva decoração alguns elementos
característicos, velhas peças de ar-
tilharia, por exemplo, adaptadas ao
novo arranjo, cuja finalidade essen-
cial é a valorização turística do lu-
gar admirável e propiciar as má-
ximas comodidades e atractivos que
o tornem mais aliciante aos visi-
tantes nacionais e estrangeiros.

Nasceu uma filha do jovem enforcado em Novembro, em Londres

LONDRES, 5 — Nasceu ontem,
num hospital da zona Oeste de Lon-
dres, uma menina que talvez nun-
ca venha a saber a identidade do
pai — Francis Forsyth, enforcado
aos dezoito anos, em Novembro, por
homicídio.

Margaret Catlin, a mãe da meni-
na, de princípio pensara em con-
tar toda a tragédia á criança, quan-
do ela chegasse á idade da razão.
Agora, porém, depois do nascimen-
to da filha, parece haver mudado
de opinião. — (A. N. I.).

LINHOS

BRANCOS E DE CÔR
CAMBRAIAS DE LINHO
HOLANDAS DE LINHO

LINHOS CRUS
PARA APLICAÇÃO
DE RENDAS
PARA BORDAR
A PONTO DE CRUZ

LINHOS PARA FATOS
ESTOPAS DE LINHO
TOALHAS DE LINHO
GUARDANAPOS DE
LINHO

TOALHETES DE LINHO
LENCOS DE LINHO
LINHO PARA ESTOFOS

O MAIOR SORTIDO
DE LISBOA

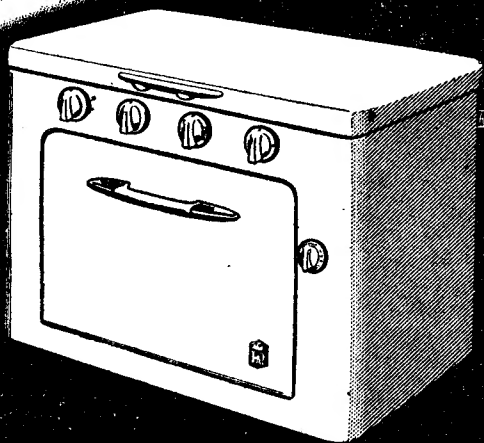
CASA DE PANOS

R. DE S. JULIÃO-ESQUINA
DA R. DOS FANQUEIROS

FOGÕES FRANCESES DE FAMA MUNDIAL

ACIMA DE TUDO...

FAR



DESIR - F 33 — 3 lumes — Forno com termostato, isolamento «Roclaine»

A GÁS-A GAZCIDLA

(ADAPTAVEIS A QUALQUER TIPO DE GÁS)

A venda na CIDLA, Lisboa, Porto, Coimbra, em todas as suas agências no País e nas Casas da especialidade

DISTRIBUIDORES:

J. COSTA & SILVA, LDA.

Rua Arco do Bandeira, 79, 1.º — LISBOA-2 — Telef. 26713

FAR PRODUZ MAIS DE 1.000 FOGÕES POR DIA

COM FAR NUNCA DIRÁ... SE EU SOUBESSE !!!

YBARRA & C.ª, S. A.
SEVILHA

P A R A

AMÉRICA DO SUL

**CABO
SAN VICENTE**

12 JANEIRO

Tenerife
Rio de Janeiro
Santos
Montevideo
Buenos Aires

OS AGENTES:

Em Lisboa:

AGENCIA MARITIMA

TRANSATLANTICA, LDA.

Rua do Alecrim, 20-A, 1.º

Telefone 27264

No Porto:

KENDALL, PINTO BASTO

& C.ª LDA.

Rua Nova da Alfandega, 12

Telefone 26146



Dr. António Ribeiro

Conservador da 7.ª Conservatória do Registo Predial

A família do dr. António Ribeiro, participa a todos os seus amigos, que manda rezar missa pelo eterno descanso da sua alma amanhã, dia 6, na Igreja de S. José, Largo da Anunciada, pelas 12 horas e 30.

No CAFÉ JARDIM, em PONTE DE SOR, encontra-se à venda o «DIÁRIO DE LISBOA».

PÁGINA 8 * Diário de Lisboa

J. MENDES COELHO, LDA.

CONCESSIONÁRIOS FORD

A MAIOR E MAIS COMPLETA EXISTÊNCIA DE

PEÇAS LEGÍTIMAS FORD

O MAIOR QUADRO DE PESSOAL TÉCNICO ESPECIALIZADO

OFICINAS • EST. SERVIÇO

RUA GOMES FREIRE, 5A a 5F — LISBOA

TEL. 43523 - 57947

OBTENHA DAS SUAS ECONOMIAS O MELHOR RENDIMENTO APLICANDO-AS EM OPERAÇÕES DE CRÉDITO COM

GARANTIA REAL NA

A FINANCIADORA

COMPANHIA NACIONAL DE CRÉDITO

S. A. R. L.

Sede: Av. da Liberdade 3-2.º — LISBOA * Sucursais no Porto e Coimbra

**CAFÉ CENTRAL
MALVEIRA**

QUEM PASSAR PELA MALVEIRA
NUNCA DELA DIGA MAL
POIS SERÁ MUITO FELIZ
JOGANDO NO CAFÉ CENTRAL

NA LOTARIA DOS REIS
JOGUE NO CAFÉ CENTRAL E SERÁ FELIZ
TELEF. 046580



Constantina da Veiga

FALECEU

Confortada com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja

Simão Luís da Veiga e sua família participam que foi Deus servido chamar a Sua Divina Presença, a sua mulher, mãe, madrastra, sogra, avó, cunhada e tia e que o funeral se realiza amanhã, às 11 horas, da Avenida Defensores de Chaves, 23, 2.º, dt.º para o cemitério dos Prazeres.

AGÊNCIA ALVES

GIRA-DISCOS

MODELO 1961 — C/ AMPLIFICAÇÃO, ALTO-FALANTE

Chassis Dual 300/A — trav. automática, saída STEREO apenas por 1.790\$00 com BRINDE dois discos 30 cms. — CLUBE INTERNACIONAL DO DISCO, S. A. R. L. — Rua Joaquim António de Aguiar, 41, r/c, dt.º, e ARAMEIRO DOS RESTAURADORES, Praça dos Restauradores, 64 — Lisboa.



Hugo Rui de Campos

1.º ANIVERSÁRIO

Seu Pai e mais família participam que amanhã, às 12,15, na Igreja de S. Mamede, se reza missa por sua alma.



ENGENHEIRO

Luís Afonso Gariso do Carmo

Missa do 1.º Aniversário

Sua mulher, filhos e mais família participam que será rezada missa pelo seu eterno descanso, amanhã, dia 6, sexta-feira, às 12 horas, na Igreja dos Mártires, desde já agradecendo a todas as pessoas que se dignem comparecer a este piedoso acto.

EXUMAÇÃO

de restos mortais

de antigos combatentes

No dia 10 do corrente, serão exumados os restos mortais dos antigos combatentes, da primeira Grande Guerra, João Pedro Gonçalves e Manuel Jorge Pedrosa, que estão sepultados nos covais 1732 e 1733 do talhão privativo do cemitério do Alto de São João.

ERICEIRA

António Bento Franco

(MÉDICO)

MISSA DO 7.º DIA

Sua família participa que será rezada missa por seu eterno descanso, sábado, dia 7, pelas 10,30 h., na Igreja Paroquial desta vila.

**General
JÚLIO PEREIRA
LOURENÇO**

MISSA 5.º ANIVERSÁRIO

Maria Joaquina d'Alcobia Pereira Lourenço e mais família, participam que amanhã, dia 6, será celebrada Missa na Igreja da Conceição Velha, às onze horas, pelo eterno descanso do seu saudoso Marido e parente.

Agradecem a todas as pessoas, que se dignarem assistir a este piedoso acto.

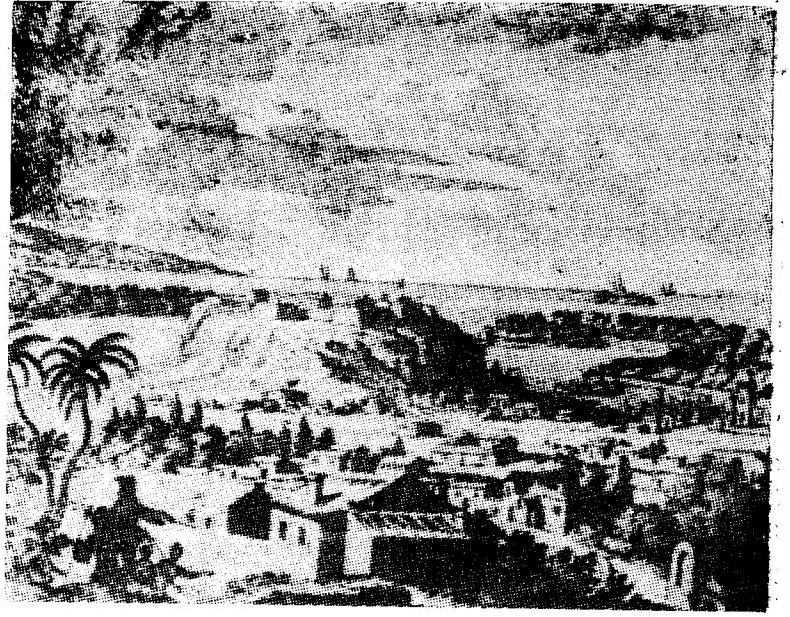
Armando Pinto

FALECEU

Beatriz Torres Pinto, Celeste Pinto, marido e filha, Albano Torres Pinto, mulher e filha, Carlos Alberto Pinto, e mulher, Ema de Andrade e marido e demais família, cumprem o doloroso dever de participar o falecimento de seu querido marido, pai e parente, e que o funeral se realiza na sexta-feira, dia 6, às 11 horas, da Igreja da Pena, para o cemitério do Alto de S. João.

Visita à colecção particular do pintor Diego de Rivera

por MARQUES GASTÃO



Acapulco — gravura alemã do séc. XVII

MEXICO (Dezembro) — Apollinaire e Modigliani foram amigos de Diego de Rivera, esse extraordinário pintor mexicano, morto não há muito, depois de ter criado algumas das mais representativas obras de pintura do México. Esteta, grande espírito de observador, Rivera depois de ter permanecido na Europa, durante alguns anos, regressou ao México — e no seu país se tornou tão grande como Orosco e Siqueiros, depois de Posada que, no dizer de alguns críticos, teria sido indirectamente seu mestre.

Autor de alguns dos maiores frescos mexicanos, Diego de Rivera era senhor de uma pintura plena de movimento e cor, tendo atravessado, na sua carreira, diversas fases, da clássica e tradicional, à moderna e revolucionária.

João Tello, o nosso compatriota que vive no México, é amigo pessoal da família de Rivera e foi graças a ele que D. Olga Olmedo, última mulher do grande pintor, aceitou amavelmente a receber-nos. Olga Olmedo reside na Calle Popotla, no Bairro dos Jardins de Pedregal, numa casa magnífica. A que foi, no seu tempo, das mais bonitas mulheres mexicanas, tem hoje 50 anos. Não a vimos pessoalmente, por termos chegado tarde de uma longa excursão a Teotihuacan. Recebeu-nos a filha, uma bonita jovem, formada em Direito.

Na magnífica sala, onde penetramos, sentimos imediatamente a presença do grande pintor. Presença envolvida pelo carinho da família, pela ternura de Olga Olmedo. Nas paredes, a valiosa colecção de quadros de Diego de Rivera e numerosas fotografias suas, com autógrafos, legendas do seu amor por Olga Olmedo. O pintor que, com 70 anos, morreu há 3 anos, estava vivo diante de nós. Vivo nos seus olhos enormes, cheios de ternura; no seu nariz grossalhão e nos seus lábios sensuais, na fronte enorme, na expressão do rosto que parece sorrir.

Irene, a jovem advogada, a nosso lado e de João Tello, vai-nos indicando os nomes dos quadros de Diego de Rivera: um de Olga Olmedo, vivo na cor, no desenho e na expressão impressionante de ternura; uma tela magnífica que lembra Velasquez, nos tons diluídos e nas máscaras cheias de sombras; carvões extraordinários; 20 aguarelas dos Poentes de Acapulco, feitas em 1956, agonia cíclica de cor; os famosos «Niños Russos», por entre uma colecção preciosa de peças da época zapoteca; «La maca», com as duas figuras femininas, uma dormindo, a outra desperta, aquela no seu tom róseo e esta nesse espantoso amarelo-otrô refulgente, que nos ficou nos olhos como uma apoteose de cor, quase única no Mundo; outro quadro de 1934, «A Índia» e os filhos, dramáticos no seu simbolismo, que sugere Rembrandt ou mesmo Velasquez; outros quadros, uns de expressão realista e cubista, como «O homem da estilografia», comprado por Olga Olmedo em Nova York e que nos mostra uma fase curiosa da evolução do pintor mexicano; os quadros «A Deusa do Sol» e «A Deusa da Terra», este último de formas monstruosas, rosto triste de uma negra, mãos firmes e serenas, com seus tons surrealistas; um «Picador» espantoso de serenidade e realismo e «Nos arrabaldes de Toledo», com três figuras vivas, dominadoras na sua expressão quase carnal, em

contraste com a espiritualidade que as banha...

Irene fala-nos de Diego de Rivera e há pormenores curiosos de natureza autobiográfica, que não resistimos a mencionar neste rápido apontamento sobre o grande pintor. Diego de Rivera pintava uma aguarela, uma hora e três carvões, num período entre 3 e 4 horas; não era supersticioso e amava o povo com uma ternura cheia de simplicidade; não sendo um perdulário, tudo o que ganhava o gastava, tal o seu desamor ao dinheiro; as melhores e mais belas mulheres do México, adoravam-no e pintava a qualquer hora, falando ao mesmo tempo, chegando a levantar-se de madrugada para criar, agitado por qualquer ideia que lhe surgia. Grande fumador de charutos, acabou por os pôr de lado, a conselho dos médicos, o que o levou a mandar colocar a entrada do estúdio um aviso, pedindo que não fumassem na sua presença.

— Era um homem terno, um homem extraordinário! — diz-nos Irene. — Gostava de bailar e não gritava nem gesticulava. Dizia-nos, sorrindo, que era um sapo e nos bilhetes que mandava a Olga desenhava o sapo para acompanhar as suas palavras de amor...

O tempo decorreu por entre ovacões de Diego de Rivera e a pre-

nas, a senhora e dona das mais belas paisagens mexicanas. Por Acapulco passaram frota de Hurtado de Mendoza e Cortez e célebre é o seu Forte de S. Diego. Antigo porto, a ele aportou a frota holandesa de Speilgerb em 1615, sendo cobigado pelos piratas ingleses que procuravam aprisionar o famoso Galeão de Manilha.

Depois de Cuernavaca, com o seu Vale de sonhos, majestoso no verde da sua vegetação, nas suas flores, com a sua cidade de tipo colonial, com as suas vivendas e as famosas árvores do Fogo, palmeiras e coqueiros, suas «fincas» e seu mercado regional, estancia de repouso, Acapulco foi para nós um banho de luz e tranquilidade. Apenas a uma hora de avião, do México a Acapulco, a temperatura muda repentinamente: deixamos o frio para o calor tórrido do trópico. Por bela estrada chegámos ao centro da cidade, toda iluminada e hospedámo-nos no Hotel El Presidente, construído no cimo de um morro, beijado pelas águas do Pacífico — mornas e doces para o corpo fatigado e pouco habituado a comodidades.

Passámos dois dias em Acapulco. Enchemos os olhos da claridade do seu Sol, na dogura das suas águas, da cor dos seus poentes e do verde da sua vegetação e da beleza das

grandeza na terra onde se perdem todos os orgulhos!

Uma «tenta» no Rancho «El Rocío», com Manuel dos Santos, Arruza e Giron

A convite do toureiro português Manuel dos Santos, seguimos para o Rancho «El Rocío», do ganadero D. Manuel Bunch, um mexicano educado em Oxford, que vive isolado, com os seus magníficos cães dalmatas, na «finca» que arrendou por toda a vida e está situada no Estado de Tula, a mais de 120 quilómetros da cidade do México, próximo do Rancho de Carlos Arruza.

Com o jornalista e além de Manuel dos Santos e do seu peão de brega Vitoriano, seguiu Chuchu Se-

riência... Das mãos de Carlos Arruza recebeu o jornalista a «alternativa», toureando com o capote... não sem certo nervosismo, a despeito do pouco tamanho do «bicho»...

Um magnífico almoço fechou a recepção em «El Rocío» e no seu decorrer Arruza falou-nos de Portugal e dos seus inúmeros amigos portugueses.

Um dia magnífico que ficámos a dever à amabilidade de Manuel dos Santos, o nosso extraordinário matador de toiros.

Alguns portugueses que combateram ao lado de Cortez na Nova Espanha

Fechamos esta série de crónicas com uma pergunta: Já se buscou na História a presença portuguesa na conquista da Nova Espanha?

A pergunta não é descabida e de há muito que aguardava a oportunidade de a fazer. Não me lembrou se Hernan Cortez se refere a essa presença, mas há relatos da Conquista que dão conta da presença de soldados portugueses no México. Um deles pertence a Bernal Diaz del Castillo, na série da sua história de quatro volumes. Diz Bernal que em Zocotlán havia casas tão semelhantes às de Castelo Branco, no dizer de «unos soldados portugueses», que Cortez decidiu dar a esse «pueblo» o nome de Castelo Branco. Noutro capítulo, Bernal também se refere a «um português», Gonzalo Sanchez, que era do Algarve português, mas a nota mais impressionante é-nos dada no capítulo CCV, que é constituído por uma relação dos mortos e desaparecidos na conquista: «é pasó un bueno soldado é bien sulto peón que se decia Magallanes, português, murió en poder de indios; é pasó otro português, ya hombre anciano; é pasó otro português que se decia Juan Alvarez Rubazo, murió de su muerte; é pasó otro muy esforzado português que se decia Gonzalo Sanchez, murió de su muerte; é pasó otro português, vecino que fué de la Puebla, que se decia Gonzalo Rodriguez, persona proeminente, murió de su muerte; e passaram otros dos portugueses, vecinos de la Puebla que se deciam los Villanuevas, altos de cuerpo, no sé qué se hicieran é donde murieron».

Notável, não é?

Concluamos, com algumas palavras de agradecimento não só a João Tello e a Octávio Couret, como a direcção da Guest em Lisboa, a quem ficámos devendo uma das mais ricas viagens em experiência, que temos realizado no decorrer da nossa carreira de jornalista.



«El Revolcadero», em Acapulco

sença dos seus quadros. E no dia seguinte, D. Olga Olmedo telefonou a João Tello a pedir-lhe que voltássemos, para nos receber... Infelizmente, não pudemos voltar... Talvez fosse melhor assim... Nos nossos olhos ficou a beleza viva de Olga Olmedo naquele quadro de Diego, seu grande amor...

«Adiós Acapulco»

Depois de termos visitado Cuernavaca, um dos 30 «pueblos» que Carlos V deu a Cortez, nessa terra «onde havia dentro dela muita gente de guerra» e onde Hernan Cortez combateu rudemente, seguindo depois para Xochimilco, dos «carpos floridos», onde surgiu, entre outros, Gonzalo Sanchez, «que era do Algarve português», no dizer de Bernal Diaz del Castillo, seguimos para Acapulco, no Estado de Guerrero, com as suas magníficas baías, suas praias, hotéis, pisci-

nas, actual apoderado de Manuel, no México. No rancho, esperavam-nos Arruza, e César Giron, que nos receberam com afecto. D. Manuel Bunch, simpático anfitrião, pôs-nos à vontade e depois de uma «copa» de «tequila», eis-nos no «camarote» do tentadero a assistir à lide de 10 vacas destinadas a reprodução de toiros de morte. Manuel dos Santos, que é hoje o maior ídolo do toureio em todo o México, está no apogeu das suas faculdades de matador. Corajoso e valente — mas sobretudo artista, fino e elegante no seu tourear variado, quer com o capote quer com a muleta, desenhando das mais belas faenas que se estão a ver nas praças do México. Arruza, que abandonou o toureio, definitivamente, mantém com Manuel dos Santos, o «record» do Mundo na lide de 10 toiros mortos, cada um deles, num só dia. Vive agora em Pastéjé, na sua «finca» e com os toiros. Apesar disso, Arruza, Giron e Manuel dos Santos, honraram o jornalista com algumas preciosas «faenas» e, sorridentes e amáveis, convidaram-nos a «tourear», «ali alimon», uma pequena brincadeira que não deixou de constituir uma curiosa experiência.

«Adiós Acapulco!» Adeus Acapulco com as tuas baías, as tuas palmeiras e os teus coqueiros! Acapulco das montanhas tranquilas, por onde no passado guerreavam os aztecas; Acapulco de águas claras e tépidas, da verdura e do perfume; dos miradouros e dos hotéis, dos «bungalows»... Acapulco de largas avenidas e praças, com os teus «cocotales», Acapulco cidade de vida, de sonho e de estuante frescura, de paz e de alegre convivência! Adeus Acapulco, com os teus jardins e a arte dos teus nativos. Acapulco deusa do amor... Adeus Acapulco, como o direi à Sierra Madre, montanhas de pedra e vegetação virgem, com sugestões de fogo e lava, temerosas nos assomos de

lorzano, actual apoderado de Manuel, no México. No rancho, esperavam-nos Arruza, e César Giron, que nos receberam com afecto. D. Manuel Bunch, simpático anfitrião, pôs-nos à vontade e depois de uma «copa» de «tequila», eis-nos no «camarote» do tentadero a assistir à lide de 10 vacas destinadas a reprodução de toiros de morte. Manuel dos Santos, que é hoje o maior ídolo do toureio em todo o México, está no apogeu das suas faculdades de matador. Corajoso e valente — mas sobretudo artista, fino e elegante no seu tourear variado, quer com o capote quer com a muleta, desenhando das mais belas faenas que se estão a ver nas praças do México. Arruza, que abandonou o toureio, definitivamente, mantém com Manuel dos Santos, o «record» do Mundo na lide de 10 toiros mortos, cada um deles, num só dia. Vive agora em Pastéjé, na sua «finca» e com os toiros. Apesar disso, Arruza, Giron e Manuel dos Santos, honraram o jornalista com algumas preciosas «faenas» e, sorridentes e amáveis, convidaram-nos a «tourear», «ali alimon», uma pequena brincadeira que não deixou de constituir uma curiosa experiência.

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre de absoluta necessidade, em praxes protocolares, para pessoas de distinta condição social, bem como de bom gosto.

ANIBAL - Gravador
Rua Nova do Almada, 64 — LISBOA
A casa que melhor trabalha



Tem Prisão de Ventre?

BEBA
AGUA DO MOUTO
CHÃO DA PÓVOA

Regularizador das
funções intestinais

Laxativa

Dep. Geral: Condé

Barão 43

Telefone 664378

SINTRA ESPERA-O

NO DOMINGO

Para a sua deslocação utilize os
COMBOIOS ELECTRICOS

LEITE PASTEURIZADO VIGOR

Tendo aumentado a produção de leite dos estábulos que fornecem Lactícínios Vigor, Ld., é já possível atender os pedidos habituais dos consumidores deste leite.

A Europa vai construir um satélite artificial para investigação na alta atmosfera

PARIS, 5. — O Governo francês concordou com o projecto de promover, em Londres, uma conferência destinada a estudar a possibilidade da construção, em comum, de um satélite europeu.

Na conferência participaram delegados dos onze países do grupo europeu de estudos espaciais (Inglaterra, França, Alemanha Ocidental, Suécia, Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica, Suíça, Espanha e Itália), e talvez mais alguns delegados de outros países interessados, como a Austrália. Na reunião tomam parte técnicos civis e militares, que apresentarão relatórios aos seus Governos.

A INICIATIVA PARTIU DA INGLATERRA

A iniciativa desta conferência partiu do Governo inglês, que propôs à França a construção, em comum, de um satélite para estudos espaciais. A Inglaterra contribuirá com o foguetão «Blue Streak». Este, posto de parte como engenho

militar, poderia ser utilizado como primeiro andar de um foguetão sonda. Os técnicos franceses começaram por manifestar certa reserva a respeito do projecto britânico porque o «Blue Streak» é um engenho de carburante líquido, cuja concepção é antiquada. Por outro lado, não se sabe quanto custaria a adaptação do foguetão «Blue Streak», ou qualquer outro foguetão de origem europeia, a usos científicos. Uma das primeiras tarefas dos técnicos que vão reunir-se em Londres será avaliar o custo desta adaptação.

Os Ingleses começaram por propor aos Franceses que se dividissem as despesas, igualmente, pelos dois países, mas parece que o Governo francês não está disposto a contribuir com mais de um quarto das despesas. E será preciso saber, ainda, quais as reacções dos outros possíveis associados, especialmente a Alemanha.

OS OBJECTIVOS PRATICOS DO SATÉLITE EUROPEU

Um satélite europeu contribuiria, decisivamente, para as investigações meteorológicas e espaciais, as quais, nos países europeus, se debatem sempre com falta de verbas. Há um domínio onde o satélite serviria objectivos práticos perfeitamente definidos desde já: as telecomunicações intercontinentais. Presentemente, as emissões chocam-se ou podem chocar-se nas mesmas frequências. Com satélites, que seriam atingidos por feixes hertzianos apropriados, poder-se-ia trabalhar em comprimentos de onda muito mais curtos e até agora não utilizados. Essas ondas serviriam para comunicações por telescópios e telefones, e permitiriam a transmissão de programas de televisão em escala intercontinental.

Dentro de anos poderão colocar-se em órbita vários satélites retransmissores, a gravitar a 4000 ou 5000 quilómetros da Terra. A maior distância poderiam colocar-se engenhos que, gravitando com a mesma velocidade da Terra, se nos afigurariam estacionários e serviriam de espelhos hertzianos. Os países europeus têm, assim, necessidade de desenvolver os seus próprios sistemas de comunicações por meio de satélites artificiais. — (F. P.).

A ALEMANHA

festejou hoje o 85. aniversário de Adenauer

BONN, 5. — O chanceler Adenauer, o mais idoso chefe de Governo do Mundo, festejou hoje o seu 85. aniversário. Adenauer é chanceler da Alemanha Federal há onze anos consecutivos.

O chanceler principiou o dia ouvindo missa rezada, na capela católica de um hospital desta cidade, por seu filho, o padre Paul Adenauer. Depois, dirigiu-se ao Palácio Schaumburg, sua residência oficial, passando por ruas festivamente embandeiradas para receber as felicitações pelo seu aniversário.

Em primeiro lugar, recebeu os parabéns dos seus sete filhos e vinte e um netos, seguindo-se os seus mais directos colaboradores. Durante toda a manhã recebeu uma série de individualidades políticas alemãs e diplomatas estrangeiros. Cerca do meio-dia, foi visitado por Willy Brandt, presidente do Município berlinense, que lhe apresentou felicitações em nome da antiga capital alemã.

Facto sem precedentes, foi o presidente da República, Heinrich Lübke, ter decidido visitar o chanceler, para o felicitar pessoalmente. Adenauer recebeu numerosas mensagens de felicitações, incluindo telegramas de Eisenhower, Kruchchev e de Gaulle. — (Reuter e A. N. I.).

UMA CONFERENCIA SOBRE O CHANCELER ALEMÃO

Para comemorar o 85. aniversário do chanceler Adenauer, haverá hoje, às 18 e 30, na sede do Instituto Alemão, de Lisboa, na Avenida da Liberdade, 222-2, uma conferência do dr. Hans Karl Vancano, primeiro-secretário da Embaixada da República Federal da Alemanha, intitulada «Konrad Adenauer — Um homem alemão e um homem de Estado», a que assistirá o embaixador, dr. Herbert Schaffarczyk.

Recintos de diversões

Carlos Velez, Augusto Saraiva, Maria Amélia Preença e Manuel Lopes vão interpretar dois trabalhos de dois conhecidos poetas populares.

Gravada pelo conjunto Jorge Machado, Simone de Oliveira cantou, com música de Alirio Covas, e versos de Américo Marques dos Santos, «A minha rua».

O Grupo «Quem paga vai... Quem não paga fica», festejou o seu 15.º aniversário, vestindo e calcando 28 crianças. A madrinha do grupo, a artista Fernanda Maria, foi oferecido um lindo ramo de flores, sendo descerrado o seu retrato.

É no próximo dia 21, que pelas 21 e 30, se efectua, no Lisboa Clube Rio de Janeiro, a festa de homenagem ao poeta popular João Gomes, que se encontra doente.

Necrologia

FALECIMENTOS

D. Constantina da Veiga

Faleceu na sua residência, Avenida Defensores de Chaves, 23-2, Dto., a sr.ª D. Constantina da Veiga, casada com o sr. Simão Luís da Veiga, pintor e antigo cavaleiro tauromáquico. Era mãe dos srs. Simão da Veiga e dr. João Luís da Veiga (já falecido); da sr.ª D. Isabel da Veiga, Filipe Luís da Veiga, do sr. dr. Luís Fernando da Veiga e madrasta da sr.ª D. Maria Emília da Veiga Teixeira.

O funeral sai amanhã, às 11 horas, da residência indicada, para o cemitério dos Prazeres.

Manuel Henriques Domingos Rosa

FIGUEIRÓ DOS VINHOS, 5. — Faleceu com 82 anos, no lugar de Alge, deste concelho, o sr. Manuel Henriques Domingos Rosa, comerciante e proprietário. Deixa viúva a sr.ª D. Maria da Conceição Rosa e era pai das srs.ª D. Alice, D. Laurinda, D. Libânia, D. Orlanda e D. Maria Benedita Rosa, e sogro dos srs. Joaquim Varandas Henriques, Alvaro Loja da Conceição, António Coelho Simões Sezinando da Conceição Loja, Joaquim da Silva Quaresma e Aurélio Figueiredo Loja.

O extinto era muito estimado, quer como chefe de família exemplar, quer como comerciante honesto, pelo que o seu funeral foi muito concorrido, nele se incorporando muitas pessoas que vieram propositadamente de Lisboa e de Coimbra.

D. Sofia Cardoso de Mesquita Rangel Barba de Meneses

VISEU, 5. — Na sua casa de São Miguel faleceu, com 75 anos, a sr.ª D. Sofia Cardoso de Mesquita Rangel Barba de Meneses, viúva do notário dr. José Cardoso de Meneses e mãe da sr.ª D. Maria Teresa Cardoso de Lemos Barba de Malheiros, esposa do sr. dr. António Malheiros, de Ponte de Lima, e do sr. Alvaro Cardoso L. Barba C. de Meneses.

FUNERAIS

José Fiuza Correia de Sá

RIO DE JANEIRO, 5. — Com grande acompanhamento realizou-se o funeral do sr. José Fiuza Correia de Sá, comerciante, natural de Ponte de Lima.

O extinto há muitos anos que residia no Rio de Janeiro, onde era geralmente estimado. Era tio do sr. António de Sousa Amorim, figura de muito relevo na colónia portuguesa da capital carioca.

Luís Marcos Pinto

Simy Pinto Ezaguy, residente em Lisboa, participa o falecimento ocorrido em Tanger, a 23 de Dezembro, do seu querido e muito extremo irmão Luís Marcos Pinto, proprietário e comerciante naquela cidade. O distinto falecido era pai de Marleine Pinto Sabat e Jacques Pinto, ambos residindo no estrangeiro, cunhado de Abrão Ezaguy e tio de Elsa e Rica Pinto Ezaguy.

Fechou o testamento numa caixa que pesa 65 quilos e só pode ser aberta na presença de 24 bispos e de fiéis

LONDRES, 5. — Joana Southcott faleceu em 1814 deixando determinado no seu testamento que uma caixa com o peso de 65 quilogramas, fechada com fortes cintas metálicas e grossos pregos de cobre, devia ser aberta na presença de 24 bispos da Igreja de Inglaterra e de uma multidão de fiéis.

Qual o motivo de tanta solenidade? A resposta foi dada pela «Panacea Society» — que se declara fiel depositária do espólio de Joanna Southcott: dentro da carta encontra-se uma mensagem com a solução para todos os males que afligem o mundo.

Ora, a dignidade dos bispos anglicanos não indica muito entusiasmo com a perspectiva de conhecer o que a defunta vidente legou à Humanidade, mas é de crer que a atitude dos prelados se explique pelo facto de não acreditarem na utilidade actual das soluções formuladas por quem viveu a maior parte da sua vida no

quase patriarcal século XIX. Aliás, já houve quem duvidasse da existência da própria mensagem, pois a Sociedade mostra-se muito reticente e discreta sobre o paradeiro da caixa que se encontra — ao que afirmam — confiada à guarda de um grupo restrito de pessoas de confiança.

Um dos membros da «Panacea Society» declarou que em 1918 conseguiram reunir o numero de bispos necessários para abrir a caixa, mas dado que a assembleia episcopal pretendia agir em segredo, sem a requerida presença de outros fiéis, não foi possível chegar a qualquer acordo.

Em 1924 e em 1935, duas petições, assinadas respectivamente por 10 000 e 35 000 pessoas, foram apresentadas ao arcebispo de Cantuária, mas o acolhimento foi negativo.

Contudo, a despeito de todas as vicissitudes, o informador da Sociedade afirma que esta nunca desistirá. — (A. N. I.).

Um fantasma japonês entra nos táxis e desaparece para espanto dos motoristas

NAHA (Okinawa), 5. — A Imprensa local relata o estranho caso de um fantasma feminino, que vagou de noite, nas estradas ermas das montanhas, nos arredores desta cidade, e que já «foi visto» por três motoristas de táxi e por outras duas pessoas.

Partiram de Havana os funcionários da embaixada americana

HAVANA, 5. — Três mil mulheres e raparigas, empunhando cartazes, desfilarão pelas ruas da velha Havana, quando o «ferry-boat» de West Palm Beach partiu deste porto com pessoal da embaixada dos Estados Unidos.

Cantando marchas revolucionárias, as mulheres gritavam frequentemente: «Cuba sim, Americanos não» e «Fuzilai os terroristas».

O encarregado de Negócios dos Estados Unidos em Havana, Daniel M. Braddock, encontrava-se no cais a assistir à partida do barco, mas foi, inicialmente, impedido pela Polícia marítima de entrar na embarcação. Só foi a bordo o tempo suficiente para trocar os apertos de mão de despedida, depois de uma curta demora.

Braddock fica na embaixada com mais 10 outros funcionários até se entregar finalmente, à embaixada suíça, a tarefa de cuidar dos interesses americanos.

O «ferry-boat» partiu sem incidentes com cerca de 100 funcionários da embaixada americana e suas famílias e alguns residentes americanos. — (R.).

O LITIGIO CUBANO-AMERICANO DEVE SER DECIDIDO PELA O. E. A. OU MESMO PELA O. N. U., DIZ UM SENADOR DEMOCRATICO

WASHINGTON, 5. — Eisenhower pode ter deixado uma «bomba de relógio» ao novo Governo de Kennedy, ao cortar as relações diplomáticas com Cuba — afirma o senador democrático Wayne Morse, presidente da Subcomissão de Relações Exteriores do Senado, para a América Latina.

O senador afirma que os Estados Unidos devem colocar a sua disputa com Cuba nas mãos da Organização dos Estados Americanos.

Se Fidel Castro recusar a arbitragem da Organização, o problema deverá ser posto perante a O. N. U.

Morse comenta que se se não proceder deste modo os Estados Unidos surgirão aos olhos do Mundo no papel de «Goliath» e Cuba no de «David».

O senador manifesta igualmente o receio de que Fidel Castro, depois de criar esta imagem, possa fomentar um incidente que force os Estados Unidos a tomarem medidas de ordem militar, especialmente em Guantanamo. — (A. N. I.).

MENOR VÍTIMA

de atropelamento mortal

GRANDOLA, 5. — Registou-se no sítio de Telheiro das Pontes, perto desta vila, um lamentável desastre que custou a vida a um menor.

Quando uma camioneta de carreira passava colheu o pequeno Manuel Paulo Dias, de 8 anos, filho da sr.ª D. Helena Paulo e do sr. Manuel Paulo Dias, moradores em Represa. O Manuel desviava-se, na altura de uma camioneta de carga e atravessava a estrada sem que o condutor da camioneta de carreira se apercebesse de tal. Teve morte imediata, sendo o corpo transferido para a casa mortuária do cemitério local.

Segundo o depoimento das cinco testemunhas, o fantasma é de mulher, com idade entre os 20 e os 30 anos, usa calças compridas, pretas, e cabelo cortado curto.

A etérea personagem teria sido vista vagabundeando na estrada que liga «Camp Scrwab», base dos fuzileiros navais norte-americanos, nesta cidade, e Henoko, pequena localidade piscatória.

Foi vista pela primeira vez uma noite, cerca de uma hora, pelo condutor de táxi Yoxio Higa, que afirma que o fantasma lhe fez sinal de parar. Travou e a «mulher» entrou no táxi, dizendo: «Leve-me a Nago».

Quando se aproximou dos arredores da cidade, Higa virou-se para perguntar à passageira onde desejava ficar, mas não ouviu resposta, e no banco traseiro não havia ninguém.

O segundo caso é descrito por Katsu Yamaxiro, outro condutor de táxi.

Transportava uma criada de restaurante entre Nago e Henoko quando, ao passar pelo ponto em que Higa havia visto o fantasma, a sua passageira gritou que «havia uma mulher mesmo no meio da estrada». Porém, Yamaxiro não viu ninguém e prosseguiu no caminho.

No entanto, no regresso a Nago, o condutor viu, no mesmo local, uma mulher que lhe acenava para parar. Parou, e a mulher entrou sem uma palavra. Yamaxiro disse que deve ter guiado durante três minutos, até que perguntou à passageira para onde pretendia dirigir-se.

Nenhuma resposta. O condutor estava sózinho na viatura e uma das janelas traseiras, inicialmente fechada, encontrava-se aberta. Por seu turno, o taxímetro trabalhava com maior velocidade do que a habitual.

O terceiro condutor de táxi, So-fuku Ganaha, relatou que quando transportava um fuzileiro norte-americano para «Camp Schwab» avistou o fantasma feminino no mesmo local já antes descrito pelos seus camaradas de ofício. Não queria parar, mas o militar insistiu para que o fizesse, porque haveria outra pessoa com quem dividir o custo da «bandeirada».

O fantasma entrou no carro e sentou-se ao lado do fuzileiro. Ganaha prosseguiu na marcha e a certa altura, ao olhar pelo espelho retrovisor, verificou que a «mulher» já havia desaparecido, sem que o norte-americano lhe tivesse notado a falta.

Quando se aproximava da cidade o fuzileiro pediu-lhe para parar, dizendo que a senhora queria descer.

O táxi parou e o militar empalideceu quando verificou que ninguém se encontrava a seu lado. — (A. N. I.).

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: RUA DO CARMO, 98.2.

Dr. Amaro d'Almeida — Medicina, coração e pulmões — às 18 h.

Dr. Coelho de Castro — Cirurgia, dentes e articulações — às 18 horas.

Dr. Nelson de Figueiredo — Rins e vias urinárias — às 16 horas.

Dr. Miguel de Magalhães — Rins e vias urinárias — às 13 horas.

Dr. Romão Loft — Doenças nervosas, electroterapia — às 14 h.

Dr. António Ferrão — Doenças dos olhos — às 16 horas.

Dr. Mário Jacquet — Fisioterapia — às 16 horas.

Dr. Casimiro Afonso — Doenças das senhoras e operações — às 15 h.

Dr. Gonçalves Coelho — Doenças das crianças — às 18 horas.

Dr. Pinto Bastos — Boca e dentes, prótese — às 10 horas.

Dr. Luís Malheiro — Pele e sífilis — às terças, quintas e sábados, das 14 às 16 e 30 horas.

Prof. dr. Alen Saldanha — Raios X — às 16 horas.

Dr. A. de Barros Simão — Garganta, nariz e ouvidos — às 16 h.

Dr. Fernando Vasconcelos Dias — Estômago, fígado, intestinos e

Em liberdade condicional gastava à larga o procuto de várias burlas

Em liberdade condicional, José Saldanha Pereira da Silva, era alvo de vigilância especial por parte das brigadas móveis da Seção Central da Polícia Judiciária, cujos elementos, no serviço habitual de prevenção e repressão da criminalidade, repararam nas avultadas despesas que aquele fazia, embora sem qualquer emprego conhecido.

Os agentes intensificaram a vigilância e procuraram esclarecer a proveniência das importâncias que o Saldanha gastava. Assim, apuraram que ele se dirigia a várias casas comerciais e, intitulando-se engenheiro ou médico, ali requistava artigos à experiência, os quais, depois, transacionava, assim obtendo o dinheiro para as suas dissipações.

Acabou por ser detido numa pensão onde residia e na Polícia Judiciária confessou-se autor de várias burlas.

Entre os vários objectos que lhe foram apreendidos incluem-se aparelhos de televisão, rádios «transistors», máquinas de escrever, gravadores de som, etc. O valor das burlas ascende a cerca de 40 contos.

Contra o detido estão agora a correr seus tramites um processo-crime e outro para revogação da liberdade condicional em que se encontrava.

O PORTO pelo telefone

Três pessoas feridas

PORTO, 5 — Na Via Marechal Carmona, um automóvel conduzido pelo seu proprietário, sr. Francisco Leite Pires, residente na Rua Feliciano de Castilho, 19, embuteu com uma camioneta de carga guiada por Joaquim Martins de Carvalho, morador na Rua do Lugarinho, 222. Do acidente resultaram danos materiais em ambos os veículos e ferimentos em três dos ocupantes do primeiro, os srs. Julio Teixeira da Costa e Fernão Sampaio Macedo e ainda D. Margarida da Costa Sampaio, que receberam tratamento numa casa de saúde próxima do local do acidente.

Roubo num estabelecimento

O sr. George August Faria de Magalhães, residente na Rua de Pedro Hispano, comunicou à Polícia de que os gatuos partiram um vidro da mostra do seu estabelecimento, de onde roubaram aparelhos de telefonia no valor de alguns milhares de escudos.

Criança colhida por uma camioneta

Ao Hospital de Santo António recolheu a menor de 28 meses Leônidas Neto Sousa Macedo, residente no lugar da Boavista, Freamunde, Paços de Ferreira, que ali foi atropelado por uma camioneta de carga, sofrendo lesões internas.

Roubaram o automóvel e danificaram-no

Na P. S. P. queixou-se o sr. Albino da Costa Reis, de Gaia, contra

Vida social

CASAMENTO

No passado dia 31, realizou-se na igreja de Fátima o casamento da sr. D. Maria Judite Leite de Magalhães, filha do sr. José Leite de Magalhães, já falecido, e da sr. D. Maria Adelaide Jacob Leite de Magalhães, e neta do colonialista coronel A. Leite de Magalhães, já falecido, com o sr. Rui Alberto Henriques Cardoso Ferreira, funcionário do Banco de Angola, filho do sr. Manuel B. Gonçalves Ferreira, inspector administrativo do Ultramar, e da sr. D. Maria Helena Henriques de C. Cardoso Ferreira.

Presidiu ao casamento e celebrou missa o rev. Miguel Ponces de Carvalho, primo da noiva.

Foram padrinhos da noiva os seus primos o dr. Kyrio Gomes e esposa, sr. D. Mécia Ponces de Carvalho Gomes, e do noivo, seu irmão, eng. Carlos M. Henriques Cardoso Ferreira, e esposa, sr. dr. Fernanda Gonçalves Pereira Cardoso Ferreira.

ENG. JORGE JARDIM

No avião da TAP, procedente de Lourenço Marques, chegou a Lisboa o sr. eng. Jorge Pereira Jardim, deputado à Assembleia Nacional pela província de Moçambique.

Em 3 linhas

Foi publicada, em suplemento ao «Diário do Governo», a lista de antiguidades do pessoal da Direcção-Geral da Aeronáutica Civil.

///

Estão publicados, em apêndices à folha oficial, os acordãos do Supremo Tribunal Administrativo, proferidos, pelo tribunal pleno, durante o ultimo trimestre de 1959 e pela 1.ª secção (Contencioso administrativo) no primeiro trimestre de 1960.

///

Passa a ser aplicável às secretarias dos serviços dos corpos administrativos, o disposto no artigo 8.º do decreto-lei n.º 42 800, referente ao regime de horário de trabalho aos sábados.

///

Foi criado, no Ministério das Comunicações, o Gabinete de Estudos e Planeamento de Transportes Terrestres.

///

Foi suspenso, até 31 de Dezembro deste ano, o pagamento do imposto de minas liquidado à Empresa Industrial, Carbonífera e Electrotécnica, pelas suas minas de Rio Maior e que se encontra por pagar.

///

Estão abertos concursos de provas, publicas para provimento de lugares de professor catedrático de Fisiologia (2.º grupo), Semiótica Radiológica (6.º grupo, subgrupo) e Clínica Obstétrica (8.º grupo).

grupo) da Faculdade de Medicina de Lisboa.

///

O edificio do antigo Paço Episcopal do Funchal vai ser adaptado a museu de história natural e de arte sacra e a biblioteca.

///

O dr. Horácio Frederico Teixeira Parente foi nomeado chefe dos serviços de economia da província de Macau.

///

Foi criada a Caixa de Crédito Agrícola Mutuo do Concelho de Gavião e considerada extinta, por virtude de dissolução, a de Moita do Ribatejo.

A CASA de Moçambique elegue novos dirigentes

Os associados da Casa de Moçambique elegeram novos corpos gerentes para o ano que principiou. Os cargos foram distribuídos como segue:

Assembleia Geral — presidente, dr. Elísio da Costa Vilaça; vice-presidente, eng. Fernando de Manuel Velho de M. Cabral; 1.º secretário, Simão Joaquim Xavier Valente; 2.º secretário, Manuel João Paisana; direcção — presidente, capitão Abel de Sousa Moutinho; vice-presidente, eng. João da Fonseca George; 1.º secretário, Nelson Saraiva Bravo; 2.º secretário, Jaime de Araújo Vasques; tesoureiro, Manuel Guerreiro Beatriz; e vogais, João Bernardo Abrantes, José Candido Pereira Burguete, Alberto Eduardo Botelho de Sousa e António Rosado; suplentes — vogais, dr. Aniceto Nicolau Xavier Dias; comandante Aires Nunes; Gabriel Pessanha Valério, e José Simões de Abreu; conselho fiscal — presidente, Delfim Costa; vogais, Manuel dos Santos Pereira Sampaio e Amadeu de Carvalho Magalhães Ferraz; suplentes — vogais, Sisenando Ribeiro Artur e Augusto Monteiro.

Cursos de italiano

No próximo dia 14, principiarão, no Instituto Italiano de Cultura na Rua do Salitre, 146, novos cursos intensivos bissemanais de língua italiana, para principiantes. Para todo o curso, que terminará em 23 de Junho, a quota fixada é de 250\$00. Aos alunos melhores classificados serão concedidas bolsas de estudo para uma viagem à Itália.

Linha de CASCAIS

O estudo das estradas do concelho de Cascais

O sr. subsecretário de Estado das Obras Publicas, eng.ª Saraiva e Sousa, voltou, esta manhã, a Cascais, acompanhado dos srs. eng.ª Fernando Pessoa, secretário; Miguel Resende, director do gabinete do Plano Director da Região de Lisboa, Duarte Ferreira, adjunto do mesmo gabinete, Apolónio Gomes de Freitas, director de estradas de Lisboa; e Castro e Silva, da mesma Direcção, para, com o presidente do Município, major Vítor Novais Gonçalves, técnicos da Camara e presidente da Junta de Turismo da Costa do Sol, sr. Serra e Moura, tratar de assuntos pendentes do seu gabinete.

Houve uma reunião, durante a qual foram apreciados os estudos elaborados em várias sessões de trabalhos de gabinete e de campo, sobre a rede de estradas nacionais que interessam ao desenvolvimento do concelho de Cascais, realizados em íntima colaboração entre a Junta

Cinemas

ALGES — Stadium — A's 21: «O Diabo branco» (12 anos).
PAÇO DE ARCOS — Cine-Teatro — 21 e 15: «Uma certa mulher» e «Apache branco» (17 anos).
PAREDE — Royal-Cine — A's 21: «A terceira voz» e «Paragem de autocarro» (17 anos).
ESTORIL — Casino — A's 21 e 30: «A Estrada da Montanha» (17 anos).
CASCAIS — S. José — A's 21 e 30: «A ultima viagem» (17 anos).

O Município de Lisboa gastará dez mil contos durante o corrente ano para construir arruamentos

O Município de Lisboa começará, durante o ano corrente, a construção dos seguintes arruamentos, orçada em 10 000 contos: segunda fase de Olivais-Sul; acesso ao Palácio das Necessidades; bairro da Quinta das Linhas de Torres; viaduto da Avenida 5 de Outubro; troço da Avenida de Berna; logradouros da Avenida dos Estados Unidos da América; prolongamento da Rua Ferreira Borges; tomadas de juntas em diversos locais; lote C da Avenida 24 de Julho; calçada de vidro em passeios, em vários locais; logradouros da Avenida Madrid; arruamentos junto à Capela do Alto de Santo Amaro; prolonga-

mento da Rua do Giestal; ruas interiores do Bairro Azul; Rua D. João de Castro; Jardim do Bairro da Encarnação; Pracetas da Rua Freitas Gasul; e Rua Frei Miguel Contreiras.

Outras obras previstas

Gastar-se-ão também 10 000 contos, com as seguintes obras: de saneamento, construção e reconstrução dos colectores da Avenida Almirante Reis, do Campo Grande e de Xabregas, — a fim de evitar as inundações que por vezes ali se verificam —; do tunel da Avenida 28 de Maio; e de saneamento de Al-gés.

15 000 contos estão destinados à construção de pavimentos e esgotos nos arruamentos interiores de Olivais-Norte, na Avenida General Roçadas, nos Bairros Azul, Santos e de Santa Cruz, na Praceta da Calçada da Tapada, no arruamento junto à Escola Marquês de Pombal, na Rua 2 de Picheleira e na Rua Filipe de Magalhães.

Estão previstas, também entre outras, as seguintes despesas: 10 000 contos para construção de casas para famílias pobres e funcionários municipais; 8000 para pequenas construções em parques, jardins, e viveiros municipais; 8000 para as novas escolas primárias de Benfca-Oeste, Sete Rios, Castelo e Charneca; 7500 para iluminação de diversos arruamentos e de monumentos; 6230 para conservação da iluminação das vias publicas, parques e jardins; 4000 para novos mercados e instalações para o abastecimento da cidade e a sua fiscalização sanitária (Gomes Freire, Alvalade Norte e Sul, Encarnação, Matadouro e postos sanitários); 3000 para os viadutos das Avenidas António Augusto de Aguiar, 28 de Maio, Infante D. Henrique, Rua Filipe da Mata, Segunda Circular e Avenida de Ligação entre Aeroportos; 2000 para edificios, destinados à instalação de serviços publicos nas Ruas Alexandre Herculano e Presidente Arriaga, na Praça de Espanha, na Avenida dos Estados Unidos e na Rua 1.ª de Dezembro; 1500 para as piscinas de Campo de Ourique, do Alto do Caramão, da Avenida de Roma, da Madre de Deus, de Olivais-Norte, do Campo Grande e do Póço dos Mouros e para o campo de futebol, destinado a principiantes, no Parque Florestal de Monsanto; 1000 para os banheiros de Alfama e do Castelo, salões de festas e bibliotecas de Benfca-Oeste; 1000 para o Parque Eduardo VII, o Palácio da Cidade e o Pavilhão dos Desportos; e 990 para iluminação e sinalização em propriedades.

Vida musical

Concerto gravado na Biblioteca Americana

Na Biblioteca Americana haverá hoje, pelas 18 horas, um concerto de musica gravada da série dedicada a compositores americanos, o qual será preenchido com obras de Samuel Barber (1910). O programa é o seguinte: «A Escola para Escândalo» (Abertura), «Adagio para Cordas», «Canções de Eremita», pelo soprano Leontyne Price, e a «Sinfonia n.º 1 em um Movimento». No final do concerto, cerca das 19 horas, serão passados dois filmes sobre as eleições presidenciais. A entrada é livre.

Bols de SINTRA

Cinemas

AMADORA — Recreios Desportivos — A's 21 e 15: «Sem olhar para trás».
QUELUZ — Queluz-Cine — A's 21 e 15: «Metropolitano no espaço» e «Dinos».
MEM-MARTINS — Cine-Chaby — A's 21 e 30 «Quanto mais quente melhor» (17 anos).

Farmácias de serviço

SINTRA — Marrazes — Largo Afonso de Albuquerque, Tel. 980058.
QUELUZ — André.
AMADORA — Cavaca — Rua Elias Garcia, 209-211. Tel. 930019.

Balduino medianeiro entre os grevistas e o Governo

BRUXELAS, 5.—O rei Balduino recebeu ontem, á noite, o primeiro-ministro, Gaston Eyskens, depois de ter conferenciado com Leo Colard, chefe do Partido Socialista.

A votação do referendo começa amanhã na Argélia

ARGEL, 5. — Ontem, á noite, registou-se de novo uma certa efervescência no Casbah, repetindo-se os «yu-yu» das mulheres e os gritos dos homens. Parece que esta manifestação constituiu um protesto contra uma identificação que se efectuava num bairro da cidade velha. Pouco antes da meia-noite, tudo acalmou.

O serviço de ordem continua a exercer apertada vigilância nos bairros muçulmanos, ou de predominância muçulmana. A partir de hoje, e até nova ordem, a hora de recolher será efectiva das 22 às 5 horas.

Amanhã, começa no interior a votação do referendo. Prosseguirá, no sábado, nas pequenas aglomerações e, no domingo, nas cidades mais populosas. 4 519 673 eleitores — dos quais 650 000 europeus — estão inscritos, o que representa mais 10 % de que em 1958. A contagem dos votos começará no domingo, ao fim da tarde. Os resultados serão centralizados em Argel, onde funcionará a Comissão de Fiscalização. — (F. P.).

APREENDIDO O «PARIS-JOUR» EM ARGEL

ARGEL, 5. — O jornal «Paris-Jour» foi hoje apreendido pela Polícia, ao chegar a esta cidade.

Não foi revelado oficialmente o motivo da apreensão, mas sabe-se que, na primeira página, trazia o seguinte título: «Receia-se o pior no domingo em Argel e Oran». — (Reuter).

Hammaraskjoeld conferenciou hoje com Kasavubu

LEOPOLDVILLE, 5.—Dag Hammaraskjoeld discutiu aspectos da situação do Congo com o presidente Joseph Kasavubu.

Um porta-voz do O. N. U. admitiu a possibilidade de outros dirigentes congolezes terem assistido ás conversações, mas disse ser pouco provável que o secretário-geral se aviste separadamente com cada um deles. O informador sublinhou que Hammaraskjoeld limitou-se a fazer escala em Leopoldville, a caminho da África do Sul, o principal objectivo da sua viagem.

Hammaraskjoeld conferenciou hoje, também, com elementos do pessoal do O. N. U. no Congo, que lhe forneceram relatórios sobre a situação. O secretário-geral deve partir amanhã, de manhã, para Pretória.

Grupos que apoiam Patrice Lumumba voltaram a manifestar-se em frente da sede do O. N. U. nesta cidade. A Polícia Militar dispersou-os e fez algumas prisões. Os soldados das Nações Unidas ficaram impassíveis enquanto a Polícia Militar congoleza espancava diversos manifestantes. — (R.).

ENSOPADO DE ENGUIAS

Famoso prato
do RIBATEJANO
SALVATERRA DE MAGOS

Segundo os observadores políticos, o soberano procura encontrar uma solução para as divergências entre o Governo e os socialistas.

A conferência entre o rei Balduino e o chefe do Partido Socialista desencadeou uma série de rumores relativos á intervenção directa e pessoal do soberano, no sentido de pôr termo ao movimento grevista e impedir que a luta entre o operariado e o Governo venha a entrar em ponto morto. Não foi possível saber-se, até aqui, se foi o soberano ou os dirigentes sindicais que tomaram a iniciativa da audiência.

Até que ponto o rei Balduino poderá tomar sobre si a responsabilidade de uma mediação, dentro dos limites das suas atribuições, na sua qualidade de monarca constitucional? Há a opinião de que a melhor actuação do rei será utilizar a sua influência moral, quando ambos os lados mostrarem cansaço perante um conflito a que não poderá dar pessoalmente, uma fórmula de solução. — (Reuter e A. N. I.).

MANIFESTAÇÃO EM BRUXELAS DISPERSA A BASTONADA

BRUXELAS, 5.—A Polícia dispersou á bastonada milhares de grevistas, que pretendiam romper os cordões de segurança colocados em torno da praça principal da capital. Foram feitas cinco prisões.

Desmente-se que o burgomestre de Bruxelas tenha proibido os comícios publicos na cidade.

Nos círculos bem informados, citam-se o nome de Spaak, secretário-geral da N. A. T. O. e antigo primeiro-ministro, como medianeiro entre o Governo e a oposição. Mas, em Paris, funcionários do Pacto do Atlântico desmentiram aqueles ru-

O Laos aceita a fiscalização da Comissão Internacional de Armistício como propuseram a U. R. S. S. e a Inglaterra

LONDRES, 5. — Círculos autorizados desta cidade anunciam que, na nota que enviou ao Governo britânico, o Governo do Laos afirma estar disposto a aceitar o recomeço de actividade da Comissão Internacional de Armistício conforme, foi proposto pela Grã-Bretanha e União Soviética. — (R.).

OS REBELDES ACUSAM OS AMERICANOS E A TAILANDIA

HONG-KONG, 5. — O capitão Kong Le afirmou que as suas tropas continuam a dominar a pla-

A conferência Africana em Casablanca

(Continuação da 1.ª página)

Estuda-se, também, o plano apresentado ontem pelo rei de Marrocos, no sentido da criação de uma Carta Pan-Africana.

A conferência deve terminar amanhã com a publicação de um comunicado oficial.

A posição da Guiné e da R. A. U. quanto ao auxílio a prestar ao Congo e a Patrice Lumumba, parece, desde já, bastante mais fraca que a definida ontem pelo rei Mohamed V, de Marrocos, no discurso inaugural. Ghana e Marrocos, são partidários de uma solução que restabeleceria a cooperação com as Nações Unidas, desde que estas aceitem o método preconizado pelo soberano marroquino, isto é, que os participantes na conferência considerem como medida inicial, a intervenção da organização internacional no Congo. — (F. P. e A. N. I.).



Quase mil grevistas marcharam pelas principais avenidas de Bruxelas para protestarem contra o projecto governamental da «lei única», em discussão no Parlamento. Esta lei, que prevê severas medidas de austeridade económica, está na base de todos os acontecimentos que se tem vindo a desenrolar na Bélgica

mores. Um porta-voz da Aliança Atlântica afirmou não ter sido feita qualquer diligência, nesse sentido, junto de Spaak. — (Reuter).

NOVO EMPRÉSTIMO DOS OPERÁRIOS INGLESES

LONDRES, 5.—O secretário-geral do Congresso dos Sindicatos Operários, George Woodcock, declarou que, além do empréstimo de 50 000 libras (4000 contos) já feito aos grevistas belgas, será efectuado outro, de quantia superior, de acordo com um pedido ontem recebido na Federação dos Sindicatos Operários Belgas. — (A. N. I.).

De Gaulle e Macmillan passarão juntos o último fim de semana de Janeiro

PARIS, 5. — O Ministério dos Negócios Estrangeiros francês anunciou oficialmente que o primeiro-ministro MacMillan passará um fim-de-semana, nos próximos dias 28 e 29, com o presidente de Gaulle no castelo de Rambouillet.

Crê-se que as conversações entre os dois estadistas incluirão alguns dos mais prementes problemas internacionais, como Congo, Cuba e o Laos.

Entretanto, prevê-se que a conferência tenha como principal objectivo a análise de problemas especificamente europeus, nomeadamente a posição dos «Seis» e dos «Sete». — (A. N. I. e R.).

MENSAGEM DE MACMILLAN SOBRE O DESARMAMENTO

LONDRES, 5. — O primeiro-ministro MacMillan afirmou hoje, na mensagem de Ano Novo ao Partido Conservador, que continua a defender um plano prático de desarmamento, com base na redução da tensão internacional.

Na sua mensagem, MacMillan diz: «A paz foi mantida apenas por o receio da aniquilação pelas armas nucleares ter sido maior que os apetites agressivos. Enfraquecer esse receio, neste momento, seria uma tremenda loucura. O que temos de fazer, e o que estamos dispostos a fazer, é utilizar o actual equilíbrio de poder para procurar uma base mais positiva para a paz».

TRÊS MILHÕES de Americanos vivem em «roulottes»

NOVA YORK, 5. — Há actualmente cerca de 3 milhões de pessoas que vivem em «roulottes», nos Estados Unidos — segundo estatísticas industriais.

Existem hoje 1 500 000 «roulottes», enquanto em 1950 o seu numero não excedia 245 000. — (A. N. I.).

E acrescentou: «Algumas nações podem permitir-se serem neutrais. Não assumem qualquer das responsabilidades que nos cabem devido á nossa história e á nossa posição geográfica. Mesmo assim, essas nações devem pensar em quanto tempo lhes restaria de neutralismo se não estivessem englobadas pelo mesmo escudo nuclear que nos protege». — (R. e A. N. I.).

Kennedy discutiu com o seu secretário de Defesa a situação em Cuba e no Laos

NOVA YORK, 5. — O presidente eleito, John Kennedy, e o seu secretário de Defesa designado, Robert McNamara, conferenciaram a noite passada, durante uma reunião anunciada como destinada a tratar da organização do Departamento da Defesa, mas julgase que discutiram, também, a situação no Laos e em Cuba.

Kennedy, que chegou ontem, de avião, a esta cidade, vindo de Palm Beach, na Flórida, declarou a jornalistas que a administração Eisenhower, que abandona o poder em 20 de Janeiro, mantivera o seu gabinete designado informado acerca da situação no Laos.

Interrogado acerca de Cuba, o presidente eleito respondeu: «A responsabilidade cabe ao presidente até 20 de Janeiro».

KENNEDY NAO GOSTA QUE LHE CHAMEM «JACK»

John Kennedy preferiria que os jornais deixem de o chamar pelo seu diminutivo «Jack», e digam simplesmente «Kennedy» ou ainda, utilizando as suas iniciais, «JFK» — declarou o informador do presidente eleito, Pierre Salinger.

«O presidente pretende sómente sublinhar que os títulos dos jornais, fazendo alusão a «Jack», são contrários á dignidade da presidência».

No entanto, o emprego de diminutivos é facto corrente nos Estados Unidos. Eisenhower, por exemplo, gosta que o tratem por « Ike ». Quanto ás iniciais, são utilizadas pelos jornais sobretudo quando pretendem referir-se a Franklin Delano Roosevelt — FDR. — (Reuter e F. P.).



RESTAURANTE
CASTANHEIRA

LUMIAR • LISBOA • TELEFONE 790168

Amanhã, dia de REIS, actuação da Orquestra JORGE D'AVILA, aos jantares — das 20 às 24 horas.

Serviço habitual à lista. — M/ 15 anos

Um estudo sobre Júlio Pomar e Ernesto de Sousa

Na colecção «Contemporânea» da Artis, que reúne estudos sobre Mário Eloy, Abel Manta, Alvarez, Vieira da Silva, Carlos Botelho, Amadeo, Tagarro e a pintura abstracta portuguesa, foi publicado um ensaio de Ernesto de Sousa sobre Júlio Pomar. Com reproduções de dezotto obras, «Farrapeira», «Almoço do trolha», «Meninos no jardim» (colorida), «Na estrada de Aveiros», «Ciclo do arroz — I», «Circo», «Maria da Fonte», «Lota», «Cena no cal», «Os cegos da Madrid», «Fonte da telha», «O carro das mulas» (colorida), «Cena na praia», «Dulcinea», «O carro dos cómicos» e «O estaleiro», o ensaio situa Julio Pomar na arte portuguesa do nosso tempo. No final do estudo, Ernesto de Sousa escreve:

«Todas as dificuldades, condições e virtudes que expusemos para o realismo, se aplicam a Julio Pomar. Um grande artista não é só aquele que exprime, mas também aquele que propõe. Esta apresentação não é uma apologia, mas uma forma de luta. Só a luta enriquece e enobrece — ainda que seja a luta de Jacob e o Anjo, a minha luta com aquilo que me apaixonou. Uma pintura como «O Estaleiro» conta-se entre os objectos mais belos desta minha terra, do Pintor, da Arte Portuguesa; uma reivindicação de grandeza... Mas o que propõe determinadamente, para além dum espaço plástico e duma hipótese de movimento — eis a pergunta a que só o futuro responderá cabalmente. Pergunta feita com paixão e ao rosto vulgar dos dias; porque ainda, como o Poeta, sabemos que continuam

Monstros e homens lado a lado, não á margem, mas na própria vida.

Antes de saber a resposta, julgamos poder esperar que esta pintura seja o começo dele; que o caminho está aberto para negar a negação; para compreender os maiores horizontes que o realismo pode rasgar num evoluir alienatório, servindo-se da própria alienação. E com esta, devolver as perguntas ao espectador. Ao responder, ele intervirá activamente no espectáculo, de um modo ou de outro modo: será o diálogo.



«O Estaleiro», painel que Julio Pomar executou para a Companhia Colonial de Navegação

Os romancistas soviéticos

mais notáveis ganham 3000 rublos por mês

A «Literatournaia Gazeta», de Moscovo, num dos seus numeros recentes, publicou um longo artigo para demonstrar que, ao contrário do que se julga no Ocidente, e mesmo na própria Russia, os escritores soviéticos não têm ordenados fabulosos. «Na verdade, afirma a «Literatournaia Gazeta», apenas 3,7% dos romancistas e dramaturgos soviéticos ganham mais de 3000 rublos por mês (o salário de um engenheiro relativamente qualificado; o do operário médio é de 800 rublos).



vida literária

SUPLEMENTO DO «DIÁRIO DE LISBOA»

NUMERO 128

os nossos contos

Breve história de um senhor de engenho

Texto de ROCHA FILHO

Ilustração de LUIS JARDIM

— Coronel Mariz! Coronel Mariz! Era uma linda manhã de sábado, cheia de sol, e o coronel Mariz ia contente, na sua bela montada, a caminho da vila. Sábado era dia de feira, dia de rever amigos e conhecidos, de fazer ou entabular negócios. Mas o sábado tinha, além desses, um sentido todo especial para ele — era dia de encontrar-se com a Mira, uma bonita moça de dezoito anos, que estava sob a sua protecção havia mais de seis meses.

— Coronel Mariz! Coronel Mariz! — Fala, caboclo! Que deseja? Esbaforido, pela carreira que dera, o pobre homem mal podia falar. Com o chapéu de palha na mão, os olhos baixos, gaguejava de maneira a não se entender.

— Que houve? Fala de vez! — disse o coronel já irritado, pensando estar a perder tempo, enquanto a Mira o esperava.

— Seu coronel, me desculpe, mas aconteceu uma desgraça... O seu Joventino, delegado, foi quem me mandou avisar... Mataram a moça... Uma desgraça!

— Que moça? — A moça... A D. Belmira... O coronel teve um estremeção, mas a duvida ainda pairou no seu espírito — duvida ou desejo de que houvesse engano — e perguntou, com voz, calma, disfarçando o sofrimento: — Que Belmira?

— A moça, seu coronel... A sua moça...

Ficou estático, por alguns instantes, á procura de uma decisão. Fora ferido no seu orgulho de proprietário, de senhor de engenho, acostumado ao mando e ao respeito; destruíram-lhe uma coisa sua, uma parcela dos seus bens. Fora roubado nos seus pertences, e o caso exigia uma reparação. Fingindo serenidade, indagou novamente: — Prendaram o criminoso?

— Apenas um... O outro fugiu... — Está bem! Estou ciente! Vou falar imediatamente com o Joventino!

Enquanto cavalgava, fazia conjecturas. De onde partira aquilo tudo? O crime fora cometido por dois; não podia ser, portanto, um crime passionnal. Devia ser vingança. E vingança terrível, maquinada por poderosos inimigos. De saída, pensou no coronel Saldanha, senhor do «Muriqui». Tivera com o mesmo vários incidentes, por questões de

limites de terras. Certa vez, fora obrigado a dar uma surra num dos seus «cabras», que estava a contar lorotas na porta do barracão do seu engenho. Em revide, o Saldanha mandara matar um dos seus trabalhadores. Porém as coisas não pararam aí. Na primeira oportunidade, invadiu a propriedade do inimigo, tocou fogo no seu canavial. Da refrega, saíram vários mortos e feridos. Mas a maioria estava do lado de lá. Saldanha danara-se, mas nada fizera. Houve intervenção de amigos, inclusive do governador do Estado, que era seu correligionário. O Saldanha e ele foram chamados ao Palácio. Depois de escutá-los, o governador, que era jovem e destemido — um homem de sangue nas gúelras — passou um sermão em ambos, ameaçou metê-los na cadeia, caso não cessassem em suas brigas. E as brigas cessaram em todo o Estado, que

(Continua na página seguinte)

A «História da Arte Portuguesa»

de Reynaldo dos Santos editada em Espanha

Constitui excepcional consagração da cultura portuguesa contemporânea, não só pelo intrínseco valor da obra como pela projecção internacional que a vai assinalar, a edição pela Labor, do relevante estudo de Reynaldo dos Santos «História da Arte Portuguesa». Fruto de um trabalho de investigação aturada e profundo, servido por inteligência penetrante e por uma arte esplendida de escritor, este volume condensa na sua ampla estrutura o mais completo panorama documental e crítico que se levou a cabo até hoje sobre a criação plástica em Portugal. E, na verdade, uma obra empolgante pela grandeza das proporções e pela personalidade inconfundível dos critérios, original no contexto, elegantíssima na forma, largamente ilustrada e de equilíbrio magistral na apresentação gráfica.

Pode-se discordar — e não falta quem discorde, certamente — das opiniões de Reynaldo dos Santos sobre o nosso património artístico e a sua história, em tantos passos

(Continua na 20.ª página)

Dois jovens poetas



Manuel de Castro e Henrique Tavares

MANUEL DE CASTRO:

— Utilizei algumas descobertas surrealistas para benefício de uma expressão poética.

Manuel de Castro, autor do «Paralelo W» e da «Estrela Rutilante» livros de poesia cuja repercussão ainda é cedo para prever pela transcendente proposta para o Futuro que nos apresenta é um poeta cuja actualidade está bem expressa na atitude de crítica pessoal que nos revela. Colaborador dos Cadernos Literários «Pirâmide» e em várias revistas literárias responde agora a algumas perguntas sobre a posição da crítica em Portugal em relação á poesia.

— Qual o motivo que levou alguns críticos de poesia á classificá-lo como surrealista?

— Creio que devido a um desconhecimento quase total dos processos e das intenções do movimento surrealista por parte dos críticos

(Continua na 20.ª página)

HENRIQUE TAVARES:

— Não pode existir «grande» pintura sem existir «grande» poesia

Henrique Tavares é um poeta de génese. A sua inegável qualificação não caiu do céu — brotou, sem qualquer duvida, da poderosa reivindicação poética do testemunho que já escreveu, esteja ou não totalmente publicado. As palavras que colhemos numa breve conversação, marca a lucidez de que é dono, lucidez que desmente o hermético e o ininteligível, que alguns quiseram ver nos seus versos.

Perguntámos ao poeta, por uma causa fundamental na iniciativa de consumir uma obra como o seu ultimo livro publicado.

— Ao escrever os «Livros Sibillinos da Lusitania» entenda-se que não procurei assumir uma posição de poder no panorama da poesia portuguesa contemporânea mas li-

(Continua na 20.ª página)

FEIRA DAS VAIDADES

A tradução

de ARTUR PORTELA FILHO

A lentidão melancólica mas conformada do ritmo das traduções do pós-guerra era positiva na medida em que respondia ao interesse do publico. O caudal aumentou, passou a fronteira do interesse e converteu-se num elemento de indisciplina cultural. Excedendo largamente o publico, no seu interesse, na sua possibilidade de compra, mesmo no tempo disponível para a leitura, a corrente submergiu-o, na indecisão que a quantidade provoca, no caos de uma leitura zigzagueante, estilhaçada, abrupta. Por outro lado, cria a atmosfera propícia á tradução desnecessária, injusta, negativa. Desordem da própria vida literária, se quisermos, que o leitor deve enfrentar e entender, mas não o nosso, mal preparado e excessivamente ambicioso, num ecletismo total, elástico, de cauchu.

O livro português contra-ataca. O influxo processa-se num sentido de fora para dentro mas abre uma via, organiza um sistema arterial, que pode ser aproveitado, nas horas de movimento menor ou nulo, ao contrário. As editoras portugue-

sas, por menos impressionantes que sejam as suas tiragens e relativamente pouco convincentes os seus «best-sellers», têm atrás de si um mercado inquieto, febril, exi-

(Continua na página seguinte)

os nossos contos

(Continuação da página anterior)

o homem era sisudo, homem-de-sim-sim, não-não. Fíndo, porém, o seu mandato, os governantes que o sucederam não tinham a sua juventude, nem o seu des-temor. E as brigas voltaram, muitas delas brigas de família, ensanguentando todo o Estado. No seu Município, que era um dos mais tranquilos, raro era o dia em que não aparecia um esten-dido na estrada.

Mas devia não ser o Saldanha, que andava murcho, desde que a filha lhe fugira com um caixeiro-viajante. Desin-teressara-se de tudo, indo raramente à vila. Nem mesmo para vender os seus produtos, transpunha a porteira do en-genheiro, dos plantadores de algodão e dos plantadores de algodão e cuidados do filho mais velho, que geria, agora, todos os bens da família. E esse era um rapaz direito, justiça se lhe fizesse, não se envolvendo com a vida alheia.

Talvez fosse o Rodrigues, mulato arrogante, que enriquecera, roubando no prego e no peso, dos senhores de engenho, dos plantadores de algodão e cereais do Município. Desentendera-se com o mesmo, certo dia, por causa de uma diferença de peso numa partida de açúcar. Não chegaram às vias de facto, pela intercessão de amigos. Porém, se

destrataram mutuamente. Enraivecido, dissera-lhe o que realmente pensava dele: «Um ladrão!» E o negro, que era atrevido, teve a coragem de lhe devol-ver o insulto.

Durante algum tempo, pensara em li-quidar o Rodrigues. Difícil não seria: dispunha de «cabras», e teria a opinião pública a seu favor, porque o mulato não era simpático. Acontecia, porém, que ele, como tantos outros senhores de engenho, dependiam das burras do Ro-drigues. Alguns lhe deviam dinheiro, tomado por adiantamento de futuras safras: outros por lhe ter hipotecado as terras. Consultou o coronel Louren-ço, o patriarca daqueles rincões, a respeito do «serviço», mas fora desaconselhado pelo mesmo.

— Não me responsabilizo por isso, não, Mariz! Já fui contra esse homem, mas, hoje, reconheço ser ele necessário. Tem tirado muito senhor de engenho do aperto. Além disso, é homem de respeito, não levando insulto para casa.

Diante de tais ponderações, procurou esquecer o Rodrigues, e passou a ven-der o seu açúcar ao Amarel, que tinha a mão maneira, furtando de mansinho, sem que ninguém o sentisse.

Quem teria sido? Talvez um trabalha-dor, injustiçado havia muito tempo, que soubera sofrer a sua ira, a espreita de

momento oportuno, para exercer a sua vingança.

Fosse quem fosse — e pouco importava o motivo — a vingança não poderia ter sido maior. O autor intelectual do crime, como diria o seu compadre e amigo, o dr. Amarília, juiz de direito da comarca, devia estar de peito lavado. Matando a Mira, destruíram metade de si mesmo. Onde encontrar semelhante docura? Mas onde encon-trar aquele abandono, aquela maneira suave de entregar-se, aquela meiguice, aquela ternura? Além disso, era uma desprendida, nunca lhe tendo feito exi-gências. Recebia sempre de boa von-tade o que lhe dava, e ficava sempre grata por tudo. Onde encontrar uma jóia igual àquela?

Ao chegar à vila, foi directo à dele-gacia de polícia, entender-se com o Jo-ventino.

— Uma atrocidade, coronel!

— Onde está o corpo?

— Aqui! Uma atrocidade!

O cadáver repousava sobre o catre, coberto por um lençol, empapado de sangue. Fingindo compunção e respeito, Joventino ergueu o lençol, deixando aparecer uma face lívida, de olhos va-sados e orelhas mutiladas. Visivelmente surpreso e enraivecido, o coronel Mariz

Breve história de um senhor de engenho

arrancou, num repêlão, o lençol das mãos do delegado, deixando aparecer o que restava do formoso corpo de Mira.

— Miseráveis!

E depois de uma pausa:

— Quem é o preso?

— Ninguém o conhece. Deu o nome de Severino Pereira da Silva, e disse que morava em Santana.

— E o outro?

— Disse que não sabia o seu verda-deiro, nome, conhecendo-o pelo apelido de Pajeú.

— E o mandante?

— Disse que não sabia. Que fora con-tratado pelo Pajeú, que, para ele era o mandante.

— Eu gostaria de olhar para essa peste.

— Pois não, coronel!

Depois de examiná-lo de todos os an-gulos, e de fazer mil e uma perguntas, saiu dali convencido que já mais vira aquele sujeito, que devia ser de fora, de algum Estado limítrofe. E que mor-teria de apanhar, sem trair os seus cúmplices. E o melhor seria não es-mo-lo a pau, como era o seu desejo, porém deixá-lo cumprir pena. Um dia — quem sabe? — numa crise de re-morso, poderia revelar o seu grande se-gredo.

E o assassino foi condenado a trinta anos de prisão, tudo sendo feito de acordo com o coronel Mariz, que era

compadre e amigo do dr. Amarília, juiz de direito da comarca.

Passaram-se anos. A onda de pro-gresso, que se espalhava por todo o país, atingiu o longínquo município de coronel Mariz. Os engenhos foram subs-tituídos por usinas — moloques moder-nos, que devoravam toneladas de cana em poucas horas. Os animais, por trac-tores e caminhões. Em vez do cavalo, os antigos senhores de engenho, transfor-mados em usineiros, centaureavam au-tomóveis e «jeeps». Já não se matava mais por questões de terra: os prop-riários eram poucos, e estavam todos satisfeitos. Matava-se ainda, porém, menos, e quase sempre por motivos po-líticos ou questões pessoais. O país progredira. O Estado também. E o mu-nicípio não quisera ficar atrás. A vila fora elevada à categoria de cidade, e enchia-se de bancos e prédios altos, ca-sas comerciais e hotéis. Já possuía gi-násio e escola normal, e falava-se até na criação de uma Faculdade de Agro-nomia.

O coronel Mariz envelhecera. Casara filhos e netos. De senhor de engenho, passara a fornecedor de cana da Usi- Central, Cordeiro Irmãos S. A. O seu prestígio declinara. Agora, mandavam comerciantes e banqueiros, mancomunados com os doutores e os homens do governo. A vista disso, quase não saía da fazenda, indo raramente à vila, isto

LIVROS E AUTORES

COMENTÁRIOS DE ALVARO SALEMA

«NUS E SUPLICANTES»

por URBANO TAVARES RODRIGUES

Apesar da intensidade da sua criação novelística nos últimos dois ou três anos Urbano Tavares Ro-drigues não tem sido um tranqüilo inventor de histórias, na uniformi-dade de um bom estilo adquirido. Em cada livro revela diversidades de um talento ficcionista e de uma arte versátil de escrever que são testemunho de espírito inquieto, ansioso de desvendar outros rumos procurando-se a si próprio e às suas personagens com a diferentes sen-tidos de visão da vida. Nos contos e novelas do livro «Nus e Supli-cantes», há pouco publicado, há os multiformes indícios de uma viragem mais acentuada. Tendo parti-do de um esteticismo formal em que se confundiam o hedonismo do momento vivido e o pessimismo sobre as razões essenciais da circ-unstância de viver, Urbano Tava-res Rodrigues está a descobrir ca-da vez mais fortemente, e com a seriedade da experiência adulta, os valores, que são também literários, da «dignificação do Homem e da construção da cidade futura». A sua arte de escritor, promissora de grandes criações vindouras, é ca-da vez mais uma afirmação de personalidade que não fecha os olhos à verdade e à esperança.

Como obra de viragem, «Nus e Suplicantes» reveste ainda a hete-rogeneidade dos caminhos possí-veis que se dividem ou se sobre-põem: se encadeiam e separam,

sem estrutura definitiva. E sucede assim não só nos temas como no estilo. Vem à superfície, com fre-quência, o apelo expresso ou im-plicito aos que «vivem destruídos da vida dos outros», aos que «podem ser bons porque são ricos» aos que sustentam a «lei» que consente a promiscuidade e a miséria mas reprime as suas inevitáveis conse-quências. O assunto e o estilo pro-testatários de uma literatura buga-gé são aqui muito mais veementes do que em qualquer outro livro do autor. Mas, através deles, persiste ainda muito da antiga vocação in-dividualista, existencial, frenética e ilusória — a da personagem que proclama com desespero que «as paixões, o que importa é satisfazê-las, desde que não molestem os outros». A sexualidade obcecante, dramatizada, paroxística e excesi-siva, envolve ainda demasiadamen-te estas novelas. Mas muitas vezes, também, nas narrativas que volvem aos ambientes crapulosos ou existencialmente românticos, emerge a advertência do novo caminho que as verdades mais fundas da vida revelam aos que não perdem a alma: «...a indecência que tudo isto representa, a cavalo em tanta gente com fome, sem roupa e sem amor».

Este último livro de Urbano Ta-vares Rodrigues é complexo em to-dos os sentidos. No conto «Crescei e multiplicai-vos», tão forte de sig-nificação humana na sua essência social, há um expediente de efeito dramático e violento que prejudica o verismo dominante. E, através do estilo apropriado que o traduz, infiltra-se um timbre estilístico nem sempre feliz de reportagem. A narrativa «O falso pesquisador» está impregnada de um cinismo inocente e de um moralismo versá-til que faz lembrar «La Chute», de Camus.

A fantasia «Oxalá» tem o es-tilo límpido e caricioso dos contos para a infância, ou para a adoles-cência que da infância desponha, condensando na fábula um profun-do sentido. Na novela «A Dama de Trunfo» prevalece a complexidade intelectual velando um instintivis-mo dominador que se disfarça sob a ficção literária do «sentimento quase franciscano da dádiva, da obediência a todos os apelos». Em «Nus e Suplicantes», a novela que dá o título ao volume, é o roman-tismo existencial e até a sensiblerie que saturam a transfiguração da experiência viva.

Urbano Tavares Rodrigues conti-nua a testemunhar a força de um escritor de poderosos dons que vai rasgando com inquietude ansiedade os mais vários caminhos possíveis. A sua juventude literária tem-se prolongado. Mas «Nus e Suplica-tes» tem já o cunho de uma obra de viragem decisiva. — *Livraria Bertrand, Lisboa*.



URBANO TAVARES RODRIGUES

«VELAZQUEZ»

por JAIME BRASIL

Da esplêndida biografia crítica e estudo de arte que Jaime Brasil consagrou ao génio de Velázquez, assinalando com singular digni-da-de a celebração em Portugal do seu centenário, já se disse neste jornal, anónimamente mas com in-teira verdade, a admiração que merece. Pouco mais cumprirá acres-centar ao que se escreveu. O que tem havido de mais forte, original e convicto no estilo de ensaísta de Jaime Brasil; o que há de apaixo-nado e veemente na sua persona-lidade, que não pede licença a na-da e a ninguém para ser o que é; o que melhor tem valorizado pelo estudo estrênuo e pela investigação séria na sua inteligência sempre em vibração — condensou-o magis-tralmente o escritor nesta obra. É uma das mais exemplares e acaba-das, senão a melhor, que tem saído da sua pena. Das limitações de es-tilo e de composição biográfico-ar-tística que há meses foram aqui apontadas a propósito do estudo de Jaime Brasil sobre Leonardo da Vinci, quase nada haveria que re-ter ao findar a leitura do esplên-di-do «Velázquez». A sobriedade da biografia, o equilíbrio e economia essencial do comentário estético, a interpenetração do erudito e do en-saístico, são modelares na obra. Se alguma impressão menos agradável aflora na sequência da exposição e comentário do assunto é a da ex-cessiva secura com que o autor passa por certos momentos da vi-da e da obra do extraordinário pintor. Mas a unidade do volume resulta perfeita, não só na matéria instrutiva e objectiva como na su-gestão psicológica profunda que se desprende da interpretação do ar-tista e das suas criações.

Nem a vida nem as obras de Velázquez tiveram, até agora, em

«O VENTO E A SOMBRA»

por MARIA AMÉLIA NETO

Entre os livros de versos que vêm a público em Portugal com incurável facundia lírica são mu-lto raros, naturalmente, os que des-pertam num sobressalto de mais vivo interesse. A abundância ver-sejadora, hoje como em outras épocas, chega a suscitar o reflexo da saturação — de que já se disse tudo e não valerá a pena dizer mais nada. E quando surge uma reve-lação de originalidade e personali-dade, de descoberta mais funda nos velos reconditos do sensível, do emocional ou do ideativo, o so-bressalto é mais vivo. Assim suce-de com os poemas de Maria Amé-lia Neto em «O Vento e a Sombra».

A descoberta formal não tem ne-le nada de surpreendente. Os versos são simples, claros, quase sem-pre muito sincopados, por vezes ásperos. Na condensação parece descobrir-se uma alma que se es-

conde, inquieta. Mas a ansiedade, a vibratidade, a emoção contida, vêm à superfície, por isso mesmo, com sugestão mais forte e domina-dora, desvendando em lances pe-netrantes a paisagem larga de uma natureza feminina dotada de sin-gulares antenas receptivas. A poe-tisa interpoce entre as suas inquie-tudes ou vibrações e o leitor um véu discreto, puro e quase hirto. Mas é sob ele que se adivinham a riqueza do temperamento poético a profundidade lírica sem artifício a sinceridade de expressão e a m-últipla disponibilidade de sentimento que Maria Amélia Neto sabe comu-nicar nos seus versos.

E uma arte diferente solici-tam do con. maior força a comunhão íntima através das suas evasivas, a que esta escritora agora revelada vem trazer ao nosso difuso pano-rama poético. Maria Amélia Neto vem «gritar silenciosamente a sua verdade»; desvendar «a promessa que vive no tempo e dentro de si», transfundir em vida de poesia «o minuto de vida que anuncia a mor-te»; desvendar em palavras de sin-gular sobriedade «os olhos escondidos do passado e do futuro, e de ponto onde a noite parou». A sua poesia é uma arte desconcertante de suspensões e de retraimentos. Por isso é mais dramática e per-turbadora. E por isso, também, é mais forte. Exige do leitor um es-forço de adivinhação e de desco-beria, sem deixar de se comunicar vibrantemente.

Entre tantas experiências de es-peculação fictícia, de exploração convencional ou de manifesto bluff poético, este livrinho de Maria Amélia Neto destaca-se com origi-nalidade singular. É uma obra de anúncio — e fica-se com a cer-teza de que subsiste, para além de-la, um tesouro secreto de inspira-ção de receptividade lírica e de emoção transmutável arte que é promessa literária a esperar mais largas e plenas realizações. «O Vento e a Sombra» deverá consti-tuir o ponto de partida de uma grande obra que já se anuncia com esplêndidas esperanças. — (*Edição da autora, Lisboa, 1960*).



JAIME BRASIL

Portugal, a difusão merecida — afir-ma Jaime Brasil. São muitíssimas, segundo parece, as pessoas cultas entre nós a quem o génio do for-midável construtor de «Las Lan-zas» não diz nada, como se conta numa anedota famosa que por aí corre. Seria deplorável que esse alheamento subsistisse, sobretudo entre as gerações novas da cultura e das artes plásticas que ascendem para a vida entre desconcertantes solicitações. Publicando o seu ma-gistral estudo, prestou Jaime Bra-sil um serviço intelectual a que se deve expresso reconhecimento, e que cumpre apreciar e admirar em toda a largueza da sua significa-ção. — (*Portugalia Editora, Lisboa*).

«A descida aos Infernos»

farsa dramática de Norberto Ávila

O autor de «O homem que cami-nhava sobre as ondas», Norberto Ávila, publicou «A descida aos In-fernos», farsa dramática em dois actos, separata do número de Se-tembro e Outubro da revista «Ru-mos».

a apurete

em meados de Janeiro

Segunda edição

introdução à filosofia & psicologia

Breve Antologia Filosófica

1 volume

organizado por

Joel Serrão e Jorge de Macedo

livraria

SÁ DA COSTA

editora

Caminhos de Ferro

Serviço especial até 10 de Janeiro
Comboio n.º 9011 — Efectua-se diariamente entre Barreiro e Vila Real de Santo António-Guadiana, com ligação para Lagos.

DESPORTOS

«NACIONAL» DE BASQUETEBOL

Três importantes jogos Algés — Barreirense, Belenenses — Académica e Benfica — Sporting na jornada inaugural

Inicia-se hoje, o Campeonato Nacional da 1.ª Divisão, de basquetebol. Esta noite, em Algés, o clube local defrontará o campeão de Setúbal (F. C. Barreirense) e, amanhã, no Pavilhão, os grandes rivais voltarão a medir forças. É curioso assinalar que o Sporting ainda não venceu o Benfica esta temporada. Finalmente, no sábado, o Belenenses, no Restelo, receberá a equipa dos estudantes de Coimbra, grupo de tradições na prova. Jornada inaugural, de interesse excepcional que servirá para todos os paladares.

Um título para o Benfica

Mais um título para os «encarnados». Tem significação especial a reconquista deste título, pois não há dúvida que nos revela não só a aplicação dos jogadores «encarnados» no decorrer do torneio regional, mas também o trabalho de reestruturação feito pelo técnico responsável prof. Teotónio Lima.

Os benfiquistas, que estiveram largos anos afastados do comando da modalidade, voltaram a demonstrar que quer a poder. Pacientemente, buscando, aqui e além elementos, fazendo outros, refundindo métodos, criando sistemas, ganharam de temporada a temporada mais coesão e firmeza ao ponto de alcançarem o lugar que hoje desfrutam.

É certo que o grupo «encarnado» ainda está a ser «limado» em muitas arestas, mas também é certo que a equipa tem presentemente, boa dose de jogo, de poder e de personalidade. Não é impunemente que se atinge o final do torneio com mais de um milhão de tentos obtidos contra quatro centenas sofridos e, apenas uma derrota, imposta pelos «azuis».

A acção da equipa vencedora do campeonato revelou-se excelente sob vários aspectos, principalmente, quanto ao de disciplina de jogo e entreajuda dos seus jogadores, nos lances de ataque e defesa. É certo que a equipa mostrou certas fraquezas o que vem corroborar o nosso ponto de vista, de que a superioridade do Benfica não é ainda verdadeiramente sólida.

É justo lembrar que o Sporting passa por um mau período, mais de orgânica do que técnica. O Belenenses procura entrar na senda dos «grandes», tendo já realizado trabalho de Heracles. O Algés teve altos e baixos a revelar uma ligeira dificuldade de afinação. O Nacional, nas suas características de entusiasmo, manteve a mediania, porém, com a ressalva de possuir nos seus quadros valores individuais de quilate. O Liberdade decaiu muito em relação ao ano passado; e o Campo de Ourique, sem várias pedras individuais, houve-se sofrivelmente. Finalmente, o Tabacos, que baixou de Divisão, foi uma sombra, não revelando força para estar no agrupamento principal.

O Queiz a caminho do título regional da 1.ª Divisão

O Campeonato Regional da 1.ª Divisão retomou o seu curso depois de ligeiro interregno. Todavia, ainda há encontros em atraso, aliás, já marcados para sábado (Carnide-

Atletico e Sporting de Torres-Que-luz) o que nos indica que os dirigentes estão na disposição de activar o termo da competição para dar lugar rapidamente aos «Nacionais» das 2.ª e 3.ª Divisões.

Na ronda de ontem, o Queluz, derrotando o Lisboa Ginásio, por margem esclarecedora (47-29) deu um passo quase decisivo para a conquista do título. Por outro lado, o Sacavenense, perdendo em Carnide, contra o clube local comprometeu as suas aspirações (51-44). O Oriental vencendo o Técnico de forma convincente, fixou-se no meio da tabela (40-24). Em Torres Vedras, o Sporting local fugiu à zona perigosa derrotando o Atlético (27-19) que justamente com o Técnico estão na cauda da tabela.

A classificação actual é a seguinte:

	J.	V.	E.	D.	P.
QUELUZ	9	8	—	1	25
Sacavenense	10	6	—	4	22
Lisboa Ginásio	10	6	—	4	22
Carnide	9	6	—	3	21
Oriental	10	5	—	5	20
Sporting de Torres	10	5	—	5	20
Atlético	9	2	—	7	13
Técnico	11	1	—	10	13

JOSÉ BATALHA

Seis jogadores estrangeiros na equipa do Algés

Ao abrigo de uma decisão, tomada no último congresso da modalidade, quanto a jogadores estrangeiros nas equipas portuguesas, o Algés pediu, agora, a Federação, a inscrição de seis jogadores estrangeiros (Arménios, Libaneses e Egípcios), alunos estagiários do Instituto Nacional de Educação Física (I. N. E. F.) que são bolsistas da Fundação Gulbenkian e que se encontram entre nós há mais de seis meses, portanto, dentro dos preceitos regulamentares de inscrição no «Nacional». Todavia, o Algés não poderá utilizar, simultaneamente, os seis estrangeiros. Apenas um terço dos jogadores estrangeiros poderá ser incluído numa equipa. Isto é, para três Portugueses, dois estrangeiros.

CONTA-GOTAS do hóquei em patins

● O guarda-redes do Campo de Ourique, Vitor que, devido à saída de Luís Alves para o Benfica, subirá à equipa principal daquele popular clube, acaba de assinar a ficha pelo Sporting. Estas duas deserções foram possíveis à sombra da nova lei do amadorismo. Entretanto, o C. A. C. O. ficou sem guarda-redes à altura de defenderem as tradições do clube na modalidade.

● O Benfica, como se sabe, como campeão nacional, será o representante do País na próxima «Taça Lusitania», a disputar, pela terceira vez, em Montreux. Todavia, a deslocação dos campeões está dependente da sua direcção estar disposta a arcar com as responsabilidades financeiras correspondentes.

● E se o Benfica não concordar com a ideia, Portugal não estará em Montreux para defender a posse de um troféu oferecido por Portugueses.

● O Sporting continua interessado em recorrer para o ministro da Educação Nacional da decisão da Direcção-Geral dos Desportos que considerou procedente o recurso do Parede Futebol Clube sobre o jogo da final do Campeonato Nacional de Juniores.

● A disposição da Direcção-Geral dos Desportos, que prevê a criação das associações distritais em substituição das associações regionais, continua a não ser cumprida.

● Esta circunstância leva a Associação de Patinagem do Sul a pensar em disputar o próximo campeonato dividindo os clubes em dois agrupamentos — lisboeta e não-lisboeta.

O baile e o «canto» e os prognósticos de futebol

Sem saberem de futebol, mas apenas guiados pelo sexto sentido dos ciganos, a bailadora «flamenca» Rosa Duran, e seu pai, o cantor José «El Tordo», ganharam milhão e meio de pesetas por terem acertado nos 14 resultados dos desafios de futebol do passado domingo, em Espanha. Os jornais espanhóis publicam a fotografia dos dois felizardos, bailando e cantando com mais alegria que nunca.

Disputa-se em Portugal o 11.º Campeonato Internacional Militar de «Cross-country» do C. I. S. M.

As Forças Armadas Portuguesas tomaram a seu cargo a organização do 11.º Campeonato Internacional Militar de «Cross-Country» do «Conseil International du Sport Militaire», organismo internacional de que Portugal é membro.

EUSÉBIO

não foi autorizado pela Federação Portuguesa de Futebol a ingressar no Benfica

Na sua reunião de ontem à noite, a comissão executiva da direcção da F. P. F. apreciou o pedido de transferência do jogador Eusébio, do Sporting Clube de Lourenço Marques para o Benfica.

A F. P. F. que, há pouco tempo, é a única entidade que trata dos pedidos de transferência, indeferiu a pretensão dos «encarnados» por não ter encontrado, na regulamentação respectiva, fundamento para o deferimento.

Admite-se, entretanto, que o Benfica recorra da decisão referida, pois considera que a transferência requerida era, em tudo, análoga à que foi concedida ao jogador Pedrado, quando este deixou o clube dos «encarnados» para se fixar na terra da sua naturalidade.

O INQUÉRITO do Benfica-Sporting segue os seus trâmites

Segue os seus trâmites normais o inquérito relativo ao encontro Benfica-Sporting da 9.ª jornada do Campeonato Nacional de futebol.

O inquiridor sr. dr. Catarino Nunes, promoveu, agora, a expedição da nota de culpa para que os dirigentes interessados, srs. Gastão Silva, do Benfica; e Jaime Duarte, do Sporting, respondam aos respectivos quesitos.

O BELENENSES INAUGUROU a sua nova sede

Realizou-se, ontem à noite, a cerimónia inaugural da nova sede do Belenenses, instalada dentro do Estádio do Restelo.

Presidiu o sr. dr. Vale de Guimarães, que, num breve improviso, afirmou que as novas instalações ficavam bem entregues à dedicação da comissão que levou a cabo a magnífica iniciativa constituída pelos srs. Vitor Gerales, Alferdo Ribeiro, Egídio Serpa, Renato Silva, Alberto Gatinho, Manuel de Oliveira e Manuel Meireles.

Vitor Gerales agradeceu a direcção a confiança que depositou na sua pessoa e nos seus colegas de comissão.

litare», organismo internacional de que Portugal é membro.

Tal responsabilidade impõe desde já a Comissão Executiva de Educação Física e Desportos das Forças Armadas os trabalhos de organização e preparação cuidada da equipa, com a dupla finalidade de estimular uma actividade desportiva de manifesto interesse militar e de prestigiar as Forças Armadas nacionais nesta primeira prova do C. I. S. M. organizado no nosso País. Quanto à organização da prova, a sua parte técnica, foi entregue ao Centro Militar de Educação Física, Equitação e Desportos do Exército (Mafra).

Quanto à selecção e preparação da nossa equipa militar foram já

(Continua na página seguinte)

Notícias de futebol

No treino da selecção de Lisboa ne-juniores, ontem à noite, realizado no Estádio do Restelo, a equipa treinadora (Belenenses) venceu o seleccionado por 2-0.

Entretanto, a sessão foi considerada proveitosa pelos técnicos responsáveis.

— O protesto do Boavista, relativo ao jogo Boavista-Vianense, não foi considerado pela comissão executiva da direcção da F. P. F., na sua reunião de ontem à noite, por ter sido manifestado e assinado por pessoa que não era o delegado do jogo, conforme determina o § 4.º do art. 105.º do Regulamento Disciplinar.

— Não foi ainda homologado o resultado do jogo Boavista-Vianense referido, por não se conhecer ainda a conclusão do inquérito ordenado.

— O Argentino Gonzalez, do Atlético, e Artur, do Boavista, foram punidos com três jogos de suspensão cada um.

— Avaténio António da Costa e Teixeira, ambos do Sporting de Braga, foram repreendidos por discordarem das decisões do árbitro.

— O campo do Boavista foi interdito por três jogos, por comportamento incorrecto de uma parte do publico, com agressão, pedrada, a um dos elementos da equipa de arbitragem e distúrbios graves que levaram à suspensão definitiva do jogo. O Boavista também foi multado com 250\$00.

— Foram igualmente multados com 250\$00, o Benfica por comportamento incorrecto de uma parte do publico e arremesso de objectos; o Atlético e o Salgueiros, por comportamento incorrecto de uma parte do publico e arremesso de almofadas.

— Foram punidos, respectivamente, com uma repreensão registada e uma advertência, o dirigente do F. C. Porto, Abel de Araújo, e do Boavista, Orlando de Sousa.

A punição do primeiro é derivada da sua discordância sobre as decisões do fiscal de linha; a do segundo, por não prestar, como delegado ao jogo, assistência à equipa de arbitragem.

— O treinador Janos Zoro, do Montijo, foi multado em 250\$00 e suspenso por 15 dias por comunicar com os jogadores durante o encontro.

O F. C. PORTO

EM VIGO

O Futebol Clube do Porto deslocou-se a Vigo, onde disputou dois encontros, um de basquetebol, em que defrontou a selecção daquela cidade; outro, de handebol de sete, contra a selecção da provincia da Galiza. No primeiro, os Portuenses perderam por 59-34. No segundo, os Nortenhos venceram por 22-12.



ŠKODA



economia, robustez e elegância

STOCK LDA
Rua Luciano Cordeiro, 113, 113-D
Telefs. 535 47 e 73 01 37 — LISBOA-1
AUTO PORTUGUESA, LDA
Rua Rodrigues Sampaio, 50-A

AUTO PUMA, LDA.
Rua Castilho, 167-A e 167-E
Telefs. 65 07 87/8 — LISBOA
TEIXEIRA & COUTINHO, LDA.
Avenida Guerra Junqueiro, 1-A

TODAS AS PECAS EM ARMAZEM

CASAMENTOS

Só será feliz se for servido pela Pastelaria

A CONQUISTADORA, LDA.

14, Rua Gomes Freire, 16

— Telef. 16247 —

Uma certeza em bem servir e seriedade

HIPOTECAS

Sobre propriedades ou automóveis. Em todo o País. Rapidez e sigilo.

A FINANCIADORA
Companhia Nacional de Crédito
S. A. R. L.
Av. da Liberdade, 3 — Telef. 24446
LISBOA

DALI

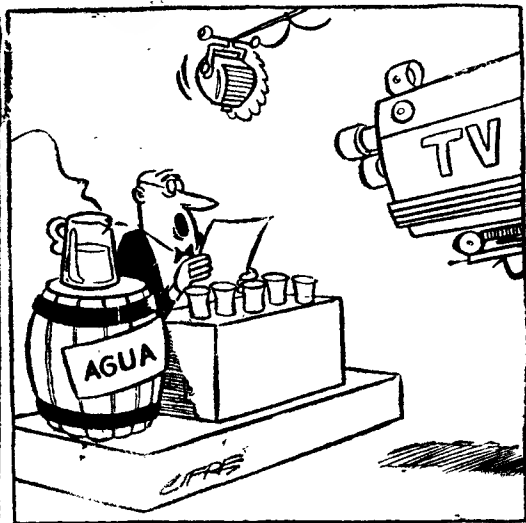
e a «cover-girl»

Salvador Dali ficou deslumbrado com a plástica da cover-girl da moda, Gene Tournay. Dirigiu-se-lhe logo, no seu género explosivo:

— Contrato-a por cinquenta dólares á hora para posar para mim. É claro que tem de posar nua.

A jovem sorriu e respondeu:

— Obrigada, mas qualquer costureiro de classe me oferece sessenta dólares á hora para posar... vestida.



— Vou agora falar-vos da influência do sal no organismo humano.

CAIXEIRAS EFICIENTES

Existem em Londres algumas escolas secundárias que preparam raparigas para trabalhar em lojas. A necessidade de empregadas de balcão verdadeiramente eficientes torna-se cada vez mais premente.

O London County Council organizou uma comissão especial, composta por 44 membros, que tem por missão sugerir às escolas londrinas as técnicas de ensino e os equipamentos necessários para preparar empregadas de balcão que saibam expor as mercadorias, arranjar e decorar as montras, que conheçam a fundo os processos contabilísticos dos «stocks» e que sejam, sobretudo, vendedoras eficientes.

Dessa comissão fazem parte, além de directoras de escolas secundárias femininas, alguns membros da União dos Lojistas e delegados da Câmara do Comércio Nacional.

QUEM CANTA

seu mal espanta..

Só anseias ser Mulher,
Menina tonta, inocente.
Ser criança é o que quer
Toda a mulher, toda a gente...

VASCO DE BARROS QUEIROZ

DIZ QUEM SABE

FELICIDADE é estar bem de saúde, ter uma alma tranquila e boa, um objectivo cuja realização defenda apenas de nós e dar, todo, os dias, um passo mais em frente e para o alto!

NIKOS KAZANTZAKIS

* A felicidade não se dá: troca-se. A nossa felicidade vem sempre de outrém.

C. DIANE

* O aborrecimento é a infelicidade das pessoas felizes.

H. WALPOLE

EFEMÉRIDES

No dia 5 de Janeiro de 1744 nasceu o poeta espanhol Jovellanos.

PRATAS ANTIGAS

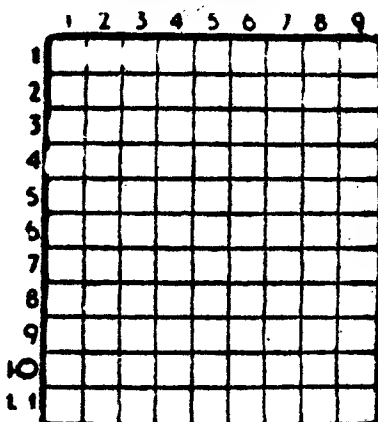
Um par de castiçais muito raros, formado pela marca do ourives do Porto, Domingos de Sousa Coelho do 2.º quartel do século XVIII, um serviço completo de chá do século XIX. Vendem-se na

OURIVESARIA SANTA FILOMENA

Largo Manuel Emídio da Silva, 9-C. (em frente ao portão principal do Jardim Zoológico)

PALAVRAS CRUZADAS

(COM PROVERBIO)



HORIZONTAIS: 1 — Nome de um planeta. Cidade de França. 2 — Prefixo de negação. Letra grega. Nota musical. 3 — Acontecimentos. 4 — A medula das plantas. Olá! 5 — Localidade perto de Setúbal onde há um sanatório de crianças. Soletou. 6 — Pátria. Preposição. 7 — Assim que. Dirigiu. 8 — Pegadeira. Ratazanas. 9 — Faça. 10 — Basta! Nome de mulher. Céu. 11 — Genro de Maomé. Criada grave.

VERTICAIS: 1 — Variedade de maçã. Ilha do Mediterrâneo, grande porto estratégico. 2 — Certo. Montes de sal em forma de prisma triangular terminado por dois meios cones. O mais. 3 — Da Catalunha. 4 — Retribuir. Utensílio de lavoura. 5 — Esmonco. Apelido de uma grande pintora já falecida. 6 — Satélite de Jupiter. Impedira. 7 — Sagaz. 8 — Artigo definido. Lábua. Nesse lugar. 9 — Porto de Atenas. Juro excessivo.

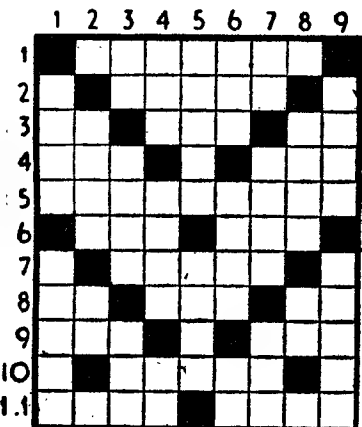
Solução do problema n.º 4228

HORIZONTAIS: 1 — Dona. Boga. 2 — Sargento. 3 — Sério. 4 — Ar. Gil. Pá. 5 — Delataras. 6 — Elo. Sua. 7 — Lá. Grã. Sr. 8 — Pó. Nó. 9 — Mal. Tri. 10 — Pegadeira. 11 — Ela. Aos.

VERTICAIS: 1 — Cadeira. Pé. 2 — Os. Rel. Mel. 3 — Nas. Ló. Pagã. 4 — Arega. Gola. 5 — Gritar. Dó. 6 — Baila. Ante. 7 — Oco. Rs. Oriá. 8 — Gó. Paus. Iró. 9 — Casara. A's.

(COM PROVERBIO)

Problema n.º 2183



HORIZONTAIS: 1 — Império da África Oriental onde recentemente se malogrou um golpe de Estado. 2 — Peça da carroça, a que se prende a extremidade do temão. 3 — Preposição. Prefixo que designa ar.

Deus dos pastores. 4 — Acredita. Rio de Portugal. 5 — Copiáveis. 6 — Sapo do Amazonas. Género de palmeiras do Brasil (pl.). 7 — Proteles. 8 — Viração. Filósofo, romancista e crítico de arte espanhol autor de «Três Horas no Museu do Prado». Pronome reflexo. 9 — Freguesia do concelho de Esposende. Ente. 10 — Apelido do amante da rainha D. Teresa. 11 — Grande cão de fila. Junte.

VERTICAIS: 1 — Mil seiscentos e um em romano. Vila e concelho do distrito de Lisboa. 2 — Solitária. Batráquio. 3 — Interjeição. Terreno endurecido para debulha de cereais. Base aérea portuguesa. 4 — Cólera. Todas as coisas. Letra grega. 5 — Letra grega. Arre! 6 — Semelhante. Esteiros. Futil. 7 — Satélite de Jupiter. Divindade. Chiste. 8 — Progenitores. Catedral. 9 — Saudáveis. Avia.

Resolveu completamente este problema?

Procure agora, em segundo passo-tempo, o PROVERBIO nele inserido.

Solução do problema n.º 2182

HORIZONTAIS: 1 — UMA. FOI. 2 — A. Armão. 3 — CD. Cal. Cr. 4 — Hora. Aaro. 5 — Aru. QUE. 6 — Insinua. 7 — Socai. 8 — Ao. Mas. Dr. 9 — Runa. Apar. 10 — Areia. 11 — Troa. Siou.

VERTICAIS: 1 — Acha. Marat. 2 — Dori. Ou. 3 — Má. Runs. NAO. 4 — Arca. Somara. 5 — Ma. Sica. 6 — Fala. Nasais. 7 — Oó. Aqui. Pai. 8 — Crua. Dá. 9 — Troe. ER. ROU.

(Provérbio: UMA FOI A QUE NÃO ERROU).

CONSTIPAÇÕES JÁ NÃO SÃO PROBLEMA!

Muitas experiências de laboratório mostram que a respiração produzida num ar temperado a 52 graus determina que os micróbios das numerosas vias respiratórias se rarefazem nas mucosas das narinas, da boca, da garganta e dos brônquios.

O calor, activando os pequenos vasos sanguíneos das mucosas, desenvolve a circulação: os glóbulos vermelhos do sangue chegam mais depressa, trazendo consigo mais oxigénio, os tecidos das vias respiratórias serão pois reforçados e terão possibilidades de resistir melhor a qualquer infecção.

Muitos estudos climatológicos realizados por vários médicos estrangeiros, principalmente alemães e americanos, provaram que o ar quente e seco do deserto diminui consideravelmente o número e a força dos micróbios responsáveis das afecções das vias respiratórias. Por exemplo o clima do Egipto é ideal para esse fim, bem como, segundo o famoso dr. Dudley White, médico do presidente Eisenhower, o do Arizona!

Mas, como é evidente, não poderemos enviar todas as pessoas constipadas para o deserto! É certo que as fricções, as cataplasmas, as inalações, etc., constituem paleativos normalmente empregues. Contudo, nada disto é definitivo.

O CLIMAMASKE

Um médico de Colónia, o prof. Dobbelstein, descobriu um novo processo de atacar as afecções das vias respiratórias através de um aparelho eléctrico a que deu o nome de Climamaske.

Como o próprio nome indica, trata-se de uma máscara que permite introduzir o ar seco e quente nas narinas, na boca, na garganta e nos brônquios. Este aparelho, munido de um fio eléctrico e de uma tomada de corrente, destina-se a aquecer e a extrair toda e qualquer humidade do ar circulante, durante o tempo necessário para o completo restabelecimento das vias respiratórias. Contém uma mecha que se pode imbuir de essências balsâmicas para reforço da resistência das mucosas.



A EFICÁCIA DA «MÁSCARA-CLIMA-HICO» É DEVIDA A POSSIBILIDADE DE SE ASPIRAR DURANTE LONGO TEMPO AR QUENTE E SECO QUE PENETRA NAS VIAS RESPIRATÓRIAS SEM QUALQUER INCOMODO. AS CRIANÇAS PODEM ASPIRÁ-LO TÃO FACILMENTE COMO OS ADULTOS

DEBELA:

- CATARRO NASAL
- CONSTIPAÇÕES — TOSSE
- BRONQUITE
- ASMA OU CORIZA DOS FENOS
- ASMA BRÔNQUICA
- AMIGDALITE
- INFLAMAÇÕES DA GARGANTA
- E DA FARINGE
- SINUSITE FRONTAL NASAL
- E MAXILAR

A venda nas Farmácias
DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS
PARA PORTUGAL:

HASSE, LDA.

3, Calçada do Garcia, 5
Telef. 862040 LISBOA-2

Depositário no Porto:
BORAL
Rua da Fábrica, 36 — Telef. 3 44 17

HOJE em cada lar

contra todas as afecções
das vias respiratórias o
INALADOR eléctrico portátil
DE

CALOR REGULAVEL

consebido pelo DR. DOBBELSTEIN
para a respiração de

AR QUENTE E SECO



PATENTE MUNDIAL

O 11.º Campeonato Internacional Militar

(Continuação da pagina anterior)

tomadas as seguintes disposições: realização naquele Centro Militar, no dia 14 próximo, do Campeonato Nacional de Corrida pelo Campo das Forças Armadas, num percurso de 5 kms., em terreno variado, aberto a qualquer oficial, sargento ou praça do Exército, Armada e Força Aérea. Os 4 primeiros classificados terão prémios no valor de 1.000\$00, 800\$00, 500\$00 e 200\$00. Aos 10 primeiros da classificação geral, medalhas comemorativas.

Imediatamente a seguir a esta prova, ficarão em estágio, de selecção e treino, no Centro Militar, os 20 primeiros classificados. Esta 1.ª fase da selecção da nossa equipa militar será ainda completada por uma pesquisa feita nos 3 Departamentos das Forças Armadas, tanto no Continente como no Ultramar, com vista ao possível aproveitamento de militares que corram os 5 kms., planos, em menos de 17 minutos. Destes, os que obtiverem os melhores tempos virão a ser também integrados no estágio atrás citado. Com as disposições indicadas pretende-se que se revelem os melhores militares corredores, que representarão as nossas Forças Armadas no referido Campeonato, onde terão que disputar 8 kms. de percurso, ao lado dos melhores atletas estrangeiros.

rido Campeonato, onde terão que disputar 8 kms. de percurso, ao lado dos melhores atletas estrangeiros.

Dado o interesse militar desta prova, e o apoio que ela mereceu do Departamento da Defesa Nacional, todos os militares com condições físicas para tal prova, devem enviar a sua inscrição através das suas unidades, o mais urgentemente possível, ao Centro Militar de Educação Física Equitação e Desportos do Exército.

O árbitro português

do Portugal-França em handebol de sete para o Campeonato do Mundo falseou o resultado?

Na secção desportiva do jornal espanhol «Ya», de ontem, vem publicada uma local em que se faz referência ao encontro de handebol de sete, disputado no Porto, entre as selecções de Portugal e da França, para o campeonato do Mundo, da modalidade.

O sr. «Borrero», autor da referência nota, começa por atribuir a Federação Portuguesa a culpa da partida ter sido dirigida por um árbitro português, em vez de um neutro como «sta estabelecido.

Depois, refere-se, largamente, ao trabalho do juiz de campo, o qual considera parcial após a marca chegar a 7-2, a favor dos Gauleses. E, finalmente, divulga um aspecto de arbitragem que necessita de ser conhecido pelo organismo português, a fim de ser devidamente averiguada a razão do noticiário.

Diz este que, a despeito de as agências e os jornais portugueses terem dado a França como vencedora por 10-9, o boletim do árbitro registou o empate a nove tentos, boletim esse que não está assinado por nenhum jogador ou delegado francês.

Prosseguindo, o colaborador do «Ya» esclarece que a anomalia, embora não interesse aos Franceses, pois estes estão apurados seja o empate ou o seu triunfo contra os Portugueses o resultado averbado, já o mesmo não sucede relativamente aos Espanhóis. Com efeito, se o desfecho, entre Portugueses e Franceses, for o empate, os primeiros ainda podem igualar, em pontuação, com os Espanhóis se ganharem, em Madrid, no próximo dia 14, o que obrigaria a um jogo de desempate para o segundo e o terceiro lugares.

Inversamente, se o triunfo francês, aliás, o resultado verdadeiro, for o considerado, então os Espanhóis têm já o segundo lugar garantido.

SEM ESCONDERIJO

por LORENZ HELLER

RESUMO DOS CAPÍTULOS ANTERIORES — Katie é acusada de matar Ron e o marido dela procura desvendar o mistério. Para isso avista-se com uma cantora, que estava ligada ao assassino. Depois procura um pianista que igualmente mantinha relações de amizade com Ron.

FOLHETIM SEMANAL do Diário de Lisboa

20

travam-se os detectives Flavian e Gilman, os homens que tão compassivamente me tinham olhado, após a prisão de Katie. Mas nos seus rostos, não havia agora piedade. Estavam impassíveis. Flavian era um homem alto, de cabelos cor de espiga e olhos espertos; Gilman era mais baixo, mais lento, mais caseiro.

— Que se passou aqui esta noite, Harmon? — perguntou Flavian, nem hostil nem amigável.

Voltei a tatear a ligadura, ainda mal recomposto do espanto.

— Eu... entrei em casa... e alguém...

— Não percas o teu tempo, Harmon. Caíste e bateste com a cabeça no primeiro degrau da escada. Os homens do Laboratório já provaram isso. E para que andavas com isto? — Mostrou-me o revólver 38 que eu descobrira no quarto de Bailey, no Hotel Globo.

— Nada. Eu...

— Para nada? Deste dois tiros para o tecto do vestíbulo, e chamas a isso nada? Rasgaste um pouco da pele da cabeça, também. Muito pouco. Mas passemos uma esponja por isso. Ora cheira o ar. Não sentes um cheiro especial?

Obedei mecanicamente. Pairava na atmosfera um leve cheiro a trapos queimados. Flavian viu que eu compreendia e acenou a cabeça.

— Devias ter sentido o cheiro quando entramos aqui da primeira vez. Até nos pôs tontos. Não sabes nada a este respeito?

Estendeu a mão, mostrando-me na palma, uma ponta de cigarro de mortalha castanha. Marijuana.

— Estavas intoxicado e embriagado também — disse Gilman, virando a cabeça para uma mezinha onde havia uma garrafa de «whisky» meio vazia. — Quase te arruinaste, rapaz.

Gaguejei qualquer coisa e Flavian interrompeu-me com impaciência.

— Já tenho visto muito cenário armado na minha vida de polícia, Harmon, mas este quase chega a ser escandaloso. Não penses que a gente

18

CAPÍTULO IV

Atirei a chave para cima da mesa e perguntei: — Estava a falar com alguém? Talvez com Bailey, não?

— Não... não — gaguejou o empregado. — Era o tenente Lohrs. Ele telefonava-me de vez em quando. O tenente não conhece o senhor. Quer dizer...

— E o meu departamento tão-pouco conhece todos os tenentes que há no país. Ora eu quero ter a certeza de que descobri o homem que procuro...

Descrevi Bailey o melhor que a minha memória permitia — um metro e oitenta de altura, magro, moreno, bem parecido.

— Agora lá bem parecido não é ele — disse o outro, já com visível relutância. — Todo o lado direito do rosto é cirurgia plástica. A luz, parece cera. Uma espécie de carne morta. Até arrepiava. Hum! pensando melhor, há noites em que ele chega por volta desta hora. Pode esperar ali, junto à cabine telefónica e eu aponto-lhe quando ele...

— Obrigado, mas não preciso que me digam o que devo fazer — respondi.

Sai. Tinha a certeza de que, entretanto, o tenente Lohrs despachara dois detectives para o hotel, — a fim de descobrirem o que eu procurava.

Voltei para casa depois de ter feito uma breve paragem no Novelty-Bar para tomar um «Scotch and soda», que me tornou ainda mais desanimado do que me sentira até ali. Não conseguia um só trunfo após toda a minha fanfarronice de tirar a Katie da prisão e de não consentir que uma só pessoa se interpusesse no meu caminho. Eu nem sequer conhecia os enunciação da investigação elementar. Muirhead tivera

21

se deixa embarrilar desta maneira. Ninguém disparou contra ti e tão pouco procurou fazer-te cair numa armadilha. Tu mesmo é que criaste isto tudo. Pensaste lá para ti que nos atirarias com areia aos olhos. «Vou mostrar-lhes, a estes polícias estupidos, como foi que Craig foi assassinado». Estou pronto a admitir que somos estupidos, mas não a esse ponto! O que devíamos fazer, era meter-te no *estarm*, mas em vez disso vou dar-te um conselho, porque tenho pena de ti! Não tentes outra vez, Harmon. Outra partida como esta e tranco-te a sete chaves Juro! Bem sei que queres salvar a patroa. Isso compreende-se. Serias um malandro se não o fizesses. Mas queres saber qual é a melhor maneira de a ajudares? Vai para o Alaska até depois do julgamento. És uma autentica ameaça. Vamos embora, George.

Sentei-me estupefacto. Nem os ouvi sair. Doia-me a cabeça e era-me difícil pensar noutra pessoa que não fosse Katie, e do que Flavian e Gilman pensavam que eu estava a fazer por ela. Encolhi os ombros num gesto de desanimo e de desculpa, como se ela estivesse ali e me pudesse ver e compreender.

Eu não architectara aquele cenário como Flavian me acusara. A coisa passara-se assim realmente, por muito fantástica que parecesse. Não, fantástica é que não. O objectivo fora desacreditar-me aos olhos da Polícia e fora bem sucedido, apresentando-me como um homem irracional e histérico, um candidato ao hospício.

Levei uns bons minutos antes de apreender, com um subito arrepio de pavor, qual era o fim de contas o verdadeiro objectivo. Não era eu o alvo, mas sim, Katie. O meu assaltante limitara-se a pôr-me fora de combate, como se eu fosse uma mosca incomodativa.

O assassinio de Ron tinha de ser riscado dos registos da Polícia e o meio mais fácil estava ali à mão. Katie tinha que morrer!

Existem muitas espécies de raiva e de furia, mas a pior é a furia da impotência. A minha

19

razão num ponto: eu só conseguia *chatiar* toda a gente. Se prosseguisse com tais métodos — irritando as pessoas e tornando-as desconfiadas — eu só contribuiria para condenar a Katie com a minha incompetência. Na manhã seguinte, resolvi ali mesmo, iria contratar os serviços profissionais da Agência de Investigação Seaboard. Eu nada sabia a respeito daquela gente, mas eles publicavam um grande anúncio na secção amarela da Lista Telefónica — Agência de Investigação Seaboard. Não creio que me pudesse sentir mais deprimido.

Guardei o carro na garagem e encaminhei-me para casa, toda mergulhada na escuridão. Compreendia bem, agora, o que queria dizer Mary Elizabeth ao desabafar num grito de agonia: «Ron está sempre á minha volta...». Também Katie estava sempre á minha volta, nas frágeis recordações de todas as pequenas coisas que juntos tínhamos feito em casa e no jardim. As tão importantes inconsequências. Os malmequeres plantados á sombra do imenso carvalho. Quase a via ajoelhada na relva, plantando cuidadosamente as pequenas sementes, com uma madeixa de cabelo sobre a testa e que ela afastava de tempos a tempos com as costas da mão.

Era possível enfrentar-se corajosamente a tragédia, mas recordações como aquela mordiam o coração com dentes aguçados; e a minha mente estava cheia de tais recordações, que choravam á medida que eram mordidas.

Entrei em casa pela porta principal. Nunca entrava pela cozinha, porque a cozinha era... fora o domínio de Katie. Fechei a porta, automaticamente experimentei o fecho para me certificar de que estava bem fechada, e dei três passos na direcção das escadas. Não cheguei a dar o quarto passo... Cai sem sentidos.

Quando voltei a mim estava deitado no sofá da sala de estar. Doía-me a cabeça. Ergui a mão e, num gesto incrível, tateei a ligadura apertada em volta da testa. De pé, junto ao sofá, encon-

22

Katie, a minha Katie bem amada, de boca gentil e mãos compreensivas, de olhar calmo e apaixonado. Perdi a cabeça e empunhando a mezinha arremessei-a de encontro ao espelho por cima da lajeira. O espelho desfez-se em estilhaços. Tive de fazer um esforço sobre-humano para me acalmar, pois bem sabia o que Flavian e Gilman pensariam de mim se me surpreendessem naquele breve paroxismo de loucura.

Fui á cozinha — deixara de a evitar — e enchei o rosto em água fria. Atravessava agora uma fase contrária áquela por que passara momentos antes, e encontrava-me na ilusão de que o meu cérebro trabalhava agora tão suave e pessoalmente como uma máquina electrónica. Sabia que eram 4 e 35 da manhã, mas que importava isso? Liguei para casa de Mary Elizabeth. O telefone tocou muito tempo antes que a sua voz arrastada e sonolenta viesse atender.

— Fala Alec Harmon — disse eu bruscamente. — Diga-me uma coisa: Neil Bailey estava apaixonado por si? Ele era seu acompanhante. Foi ele quem a apresentou a Ron?

— Sim, ele... Alec, eu estou demasiado paralisada para suportar novo interrogatório. Sabe que horas são? É quase um quarto para as cinco. Telefone-me amanhã — E desligou.

Estendi a mão para voltar a ligar o mesmo numero, mas baixe a mão lentamente, ao ver finalmente a que ponto chegara a minha fadiga. Só ter os olhos abertos, era já um esforço. Precisava de dormir. Podia manter-me acordado, mas para que propósito? Eram quase cinco horas da manhã. Subi as escadas e atirei-me para cima da cama. Não obstante estar exausto, não conseguia conciliar o sono. Katie precisava de mim. Tinha de me levantar imediatamente e fazer qualquer coisa. Qualquer coisa. Todo o meu cérebro fervilhava dos planos mais absurdos. Tinha, pelo menos, de passar pelo sono. Por fim, cambaleei até á casa de banho, ingeri um dos sedativos para as enxaquecas da Katie e voltei

para a cama. Cai a dormir, como se me tivessem dado com um cano de chumbo na cabeça. Quando reabri os olhos dormidos, o despertador olhava-me friamente da mezinha de cabeceira. Os dois ponteiros enguidos indicavam-me, de forma inflexível, que faltavam dez para as duas, e levavam-me vários minutos para compreender que eram na verdade dez para as duas e não dez e dez.

Sentei-me na cama. O sono traicoeiramente fizera-me trair Katie em seis horas, pois tencionara levantar-me ás oito. Enverguei a mesma roupa que vestira na véspera. Barbeei-me á pressa e arranquei a ligadura que me envolvia a cabeça. Tinha um golpe amarelo-azulado por cima da arcada esquerda e rapidamente, collei-lhe um adesivo em cima. A minha cabeça marejava-me furiosamente. Engoli duas aspirinas e desci a correr as escadas, enquanto ia fazendo o nó da gravata. Come qualquer coisa, disse a mim próprio, recordando-me das ultimas palavras de Katie, na véspera. De nada servirás, se não comeres. Não havia nada no frigorífico, além de um ovo e de uma lata de sumo de vegetais. Misturei tudo e engoli, enquanto me dirigia para a porta da cozinha. Só quando me sentei ao volante é que percebi que não fazia a mais pequena ideia de para onde ia e o que lá fazer. Neil Bailey? Não, não podia regressar ao Hotel Globo. Seria apinhado pelos dois detectives do tenente Lohrs. O empregado desconfiava de mim e já devia ter passado palavra ao posto. Nada me podia fazer, é claro, mas o tempo era curto, para eu o desperdiçar em perguntas. Um momento! Eu roubara o revólver de Bailey e recordei-me da bala que encontrara na caixa dos botões de punho e dos esticadores. A bala! Levei a mão ao bolso do lenço. A bala de chumbo ainda lá estava. Era um ponto de partida, no fim de contas.

(Continua)

23

NA

R. dos Fanqueiros

NÃO SE PAGA LUXO

TUDO SEMPRE MAIS BARATO

ENGENHEIRO OU AGENTE TÉCNICO

Para dirigir grande oficina de automóveis, pretende-se, com conhecimento do ramo, acentuado espírito de disciplina e de organização e com o bom senso indispensável para contactar com clientes. Exigem-se rigorosas informações. Guarda-se absoluto sigilo. Resposta com o maior numero de pormenores e vencimento desejado a este jornal ao n.º 10.

BOLIMMODO DIA

HÁ TRINTA ANOS

Da primeira página do «Diário de Lisboa» de 1 de Janeiro de 1931: «Hitler prepara os Alemães para a guerra. Já não pode haver, a esse respeito, quaisquer dúvidas. Reportagens recentes indicam que o caudilho, na impossibilidade de arranjar artilharia para os seus amigos, começou a adquirir aviões e a preparar as tripulações respectivas. Para isso aproveitou os oficiais que entraram na Grande Guerra e que se encontram arregimentados nas fileiras nacionais socialistas. São eles os encarregados de instruir e preparar as tripulações respectivas. glória e ignorante dos horrores da luta que terminou há onze anos».

PROGRAMAS DE RADIO

EMISSORA — Programa «A» — 451 m. 655 kc./s. — A's 17, A casa e o Mundo; 17 e 30, Canções; 17 e 45, Orquestras ligeiras; 18, Noticiário; 18 e 10, Música de dança; 19, Crónica etnográfica; 19 e 10, Concerto, pelo sexteto de artistas cegos, dirigido pelo violinista Augusto Coelho; 19 e 30, Radiomocidade; 20, Jornal sonoro; 20 e 15, Melodias; 20 e 30, Canções portuguesas; 20 e 45, Orquestras ligeiras; 21, Noticiário e Varanda da Europa, pelo nosso correspondente especial em Paris; 21 e 20, O pianista Carmen Cavallaro e orquestra de Domenico Savino; 21 e 30, Vinte minutos com os Jogaes de S. Paulo; 21 e 50, Trechos em acordeões; 22, Concerto ligeiro; 22 e 30, Os Grandes Momentos da História do Mundo; 23, Música de dança; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

Programa «B» — 397 m. — 755 kc./s. — A's 19, Intérpretes musicais; 19 e 50, Noticiário regional; 20, Festival Rencontres Internationales de Chimey, de 1960, gravações cedidas pelo Instituto Nacional Belga de Radiodifusão; recital de canto, pelo barítono Gérard Souzay, e em piano Dalton Baldwin; Quatro canções, de Albert Roussel; Ciclo de canções «Tel Jour, Telte Nuit», de Francis Poulenc; 20 e 40, Arias, pelo soprano Renata Tebaldi, acompanhada pela Orquestra da Academia de Santa Cecilia, de Roma, sob a direcção de Alberto Freyre; 21, Noticiário — Varanda da Europa, pelo nosso correspondente especial em Paris; 21 e 20, Separador; 21 e 30, Concerto, pelo Quarteto Vocal de Lisboa, constituído por: Américo Vieira, João Afonso, Luís França e Alvaro Malta, sob a direcção de Alberto Almeida; 21 e 50, «Sonatina n.º 5, op. 32 n.º 1» (Mozart), pelo pianista André Collard; 22, Horizonte, semanário de letras e artes, dirigido por Domingos de Mascarenhas; 22 e 30, Música contemporânea (com notas explicativas); obras de Petrarca e de Dallapiccola; 23 e 40, Música de tecla: «Berceuse, op. 57, em ré bemol maior», de Chopin, pelo pianista Julian van Karolyi; 23 e 45, Noticiário; 0, Encerramento.

RADIO CLUBE — A's 17 e 46 Solistas; 17 e 45, Variedades; 20 e 20, Solistas; 21 e 45, Curso de língua inglesa; 22, Hot Club; 22 e 15, Canções; 22 e 30, Conjuntos; 22 e 45, Imagens por musica; 23 e 30, Ritmos de baile; 23 e 45, Noticiário; 1 e 45, Noticiário; 3, Fecho.

Estação de Miramar — A's 17 e 55, Reabertura; 18 e 15, Música regional portuguesa; 18 e 30, Ritmos de baile; 20, Boletim informativo; 20 e 30, Curso de língua inglesa; 21, Noticiário; 21 e 15, Canções; 21 e 30, Programa de jazz; 22 e 45, Intermédio musical; 23, Rua

Larga; 23 e 30, Melodias de sempre; 1 e 7, Sumário; 1 e 10, Fecho.

RADIO RENASCENÇA — A's 18, Encontro às seis; 18 e 15, Noticiário e boletim religioso; 18 e 20, Terço e bênção; 19 e 5, Migalhas doutrinais; 19 e 25, Boletim do S. C. R.; 19 e 30, Chuva de estrelas; 20, França, Horizonte do Mundo; 20 e 15, Separador musical; 20 e 30, Noticiário; 20 e 55, Meditando; 21, Programa das nove; 22 e 35, Encontro com a noite; 23, A 23.ª hora; 1 e 55, Noticiário; 2, Fecho.

TELEVISÃO

A's 18, abertura; 18 e 2, «Viagens sem passaporte»; 18 e 30, «Toiros — Imagens da época tauromáutica de 1960»; 18 e 45, «Telejornal» (Edição da tarde); 19, fecho; 21, reabertura; 21 e 2, «Charlas linguísticas» (concurso), pelo dr. Raul Machado; 21 e 30, «Telejornal» (Edição da noite); 22, «Um caso estranho», da série «Danger Man»; 22 e 35, Henry Tony — 1.º prémio português de ilusionismo; 23, transmissão dos Estudos do Porto — António Pedro conversa sobre Teatro; 23 e 30, Desporto no Mundo (actualidade filmada dos principais acontecimentos internacionais); 23 e 50, «Telejornal» (últimas notícias); 23 e 55, «Amanhã na TV»; 24, fecho.

CARTAZ DO DIA

TEATROS

NACIONAL — «Do alto da ponte». MONUMENTAL — A's 20 e 30 e às 23 — «Boa noite, Betina!».

TRINDADE — A's 21 e 45 — «Lutar até de madrugada».

MARIA VITÓRIA — A's 20.30 e 22.45 — «Chá, chá, chá».

COLISEU — A's 21.30 — «Compagnie de circo».

A. B. C. — «Espero-te à saída».

CINEMAS

TIVOLI — «Um estranho na minha vida».

S. LUIZ — «A pousada das ilusões».

IMPERIO — «Começou em Nápoles».

S. JORGE — «A hora final».

EDEN — «A furia do poder».

POLITEAMA — «A terra das mil aventuras».

ODEON — «O pequeno coronel».

CONDES — «O grande capitão».

MONUMENTAL — «Ben-Hur».

ALVALADE — «A pousada das ilusões».

OLIMPIA — «O caçador da fronteira».

AVIS — «Ultimo tango».

ROMA — «Um raio de luz».

RESTEIO — «Heróica aventura».

ROYAL — «Miguel Strogoff».

JARDIM CINEMA — «O pistoleiro negro».

IDEAL — «Uma mulher no inferno».

MOSCAVIDE — «Anibal e os elefantes».

ARCO-IRIS — «Sem dó nem piedade».

S. JOSÉ — «A rapariga daquela noite».

S. L. BENFICA — «O homem da terra de Deus».

CAMPOLIDE — «A cidade perdida».

Farmácias de serviço

TURNO D

(Telefones entre parentesis)

BENFICA — Vicente, Est. de Benfica, 466-A, (782606) * **Alegria**, Est. de Benfica, 180-A-B, (780511).

PALHAVA — Canto, Est. das Laranjeiras, 202 (780841).

REGO — Berne, Av. de Berne, 44-A, (773568).

LUMIAR — Patuleia, Herdeiros, R. do Lumiar, 122-124 (790332) * **Douro**, Al. das Linhas de Torres, 93-A-B, (791131).

ALVALADE — Libia, Av. da Igreja, 4-B-C (711681) * **Nova Iorque**, R. António Patrício, lote 347 da Av. dos Estados Unidos da América (760658).

AREIRO — Marbel, Av. de Roma, 131-A (776235) * **Lusitana**, Av. de Roma, 18-A (725443) * **Chinde**, R. Agostinho Lourenço, 6-B (710331).

AVENIDAS NOVAS — Luagenit, Av. da Republica, 55-A (772132) * **Providência**, R. D. Filipa de Vilhena, 9-C (770324) * **Sá da Bandeira**, Av. Duque de Avila, 203-B (41961) * **Oliveira Viagas**, R. Viriato, 29-29-A (48966).

ESTEFANIA — Fonseca, Largo de D. Estefânia, 4-5 (54808).

BOLSA DE LISBOA

Fundos do Estado	Effect	Compra	Venda	C. Ultramarinas	Effect	Compra	Venda
Cons. 2 3/4 T. 10	699\$00	699\$00	700\$00	Ilha do Principe	—	—	950\$00
Cons. 3 % T. 10	800\$00	799\$00	801\$00	Incomati	—	—	1.900\$00
Cons. 3 1/2 % T. 10	940\$00	930\$00	940\$00	Moçambique	66\$00	65\$00	67\$00
Centenários 4 % 1940	2.000\$00	2.000\$00	2.005\$00	Zambézia s/d.	93\$00	93\$50	94\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1942	—	1.006\$00	—	Diamantes	560\$00	558\$00	565\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1943	—	1.006\$00	—	Lobito	490\$00	483\$00	490\$00
Obg. Tes. 2 1/2 % 1944	—	1.006\$00	—	C. diversas	—	—	—
Externo 1.ª série	—	1.305\$00	—	Cimentos Tejo	—	680\$00	710\$00
Ext. 1.ª série car.	—	1.305\$00	—	Cimentos Leiria	—	560\$00	—
Externo 2.ª série	—	1.305\$00	—	Crédito Predial	59\$50	59\$50	59\$80
Ext. 2.ª série car.	—	1.305\$00	—	Industrial Aliança	—	310\$00	—
Externo 3.ª série	—	1.350\$00	1.360\$00	Portugal e Colónias ...	460\$00	458\$00	—
Ext. 3.ª série car.	—	1.350\$00	1.360\$00	Nacional Navegação ...	—	1.110\$00	1.200\$00
Caut. 3.ª série s/juro	—	211\$00	212\$00	Colonial Navegação ...	860\$00	—	865\$00
Obrigações	—	—	—	Port de Celulose	—	2.950\$00	—
Agua Lisboa 5 % ...	—	506\$00	510\$00	Portuguesa de Pesca... 1.430\$00	1.400\$00	1.440\$00	—
Norte de Portugal 5 %	—	102\$50	105\$00	Port de Tabacos	325\$00	325\$00	327\$00
Gás Elect. 3 3/4 % ...	940\$00	935\$00	940\$00	Tabacos de Portugal ..	—	670\$00	—
Gás Elect. 4 %	—	—	—	S. Estrela	—	—	—
Gás Elect. 4 1/2 % ...	977\$00	976\$00	978\$00	Agua Electricidade e Gás	—	—	—
Gás Elect. 5 %	—	1.014\$00	1.019\$00	Agua Lisboa 1934	—	340\$00	350\$00
U. E. P. 3 3/4 %	—	—	92\$50	Agua Lisboa 1936	—	—	—
U. E. P. 4 % 1945	—	—	—	Eléct. das Beiras	—	1.700\$00	1.720\$00
U. E. P. 4 % 1948	—	—	94\$00	Gás e Electricidade ...	313\$50	313\$50	314\$00
U. E. P. 4 1/2 %	—	—	97\$50	H. Alto Alentejo	164\$00	164\$00	165\$00
U. E. P. 5 % 1951	—	—	100\$00	H. E. Cávado	—	1.355\$00	1.365\$00
U. E. P. 5 % 1952	—	—	—	H. E. Zêzere	1.365\$00	1.360\$00	1.370\$00
Alentejo	1.007\$00	1.006\$00	1.008\$00	Nac. de Electricidade ..	1.480\$00	1.475\$00	1.485\$00
H. E. do Douro	—	1.002\$00	—	União Electrica Port ...	180\$00	179\$00	181\$00
C. 2 4 1/2 %	1.020\$00	1.018\$00	1.026\$00	H. E. do Douro	—	1.325\$00	—
T. E. da S. 3 1/2 %	—	—	—				

Acções	Effect	Compra	Venda	PAISES	COMPRA	VENDA
Bancos	—	—	—	Africa do Sul	78\$00	79\$50
Alentejo	—	470\$00	—	Alemanha	6\$78	6\$93
Angola	—	—	3.300\$00	América:	—	—
Espirito Santo	—	2.500\$00	2.520\$00	Lolares de 1 e 2	28\$20	28\$50
Lisboa & Açores	—	3.025\$00	—	Dólares de 5 a 1000 ...	28\$40	28\$70
Portugal	1.630\$00	1.625\$00	1.635\$00	Argentina	3\$32	3\$35
Ultramarino	73\$00	72\$50	74\$00	Austria	1\$16	1\$15
Agricultura	—	—	—	Bélgica	8\$5,2	8\$7,2
Seguros	—	—	—	Brasil	8\$13,3	8\$15,3
Mundial	400\$00	390\$00	400\$00	Canadá	28\$30	28\$80
Soberana	—	1.300\$00	2.000\$00	Congo Belga	—	3\$4
Sagres	—	1.500\$00	1.900\$00	Einamarca	4\$00	4\$30
Tagos	—	—	—	Espanha	8\$46,9	8\$7,9
C. Ultramarinas	—	—	—	França (N. Franco) ...	5\$70	5\$85
Ag. Casseque	—	1.010\$00	1.020\$00	Holanda	7\$45	7\$75
Ag. das Neves	330\$00	320\$00	340\$00	Inglaterra	79\$50	81\$00
Agric. Colonial	—	240\$00	260\$00	Itália	50\$4,5	50\$4,7
Açúcar de Angola	—	—	1.310\$00	Marrocos	80\$4,5	80\$5
Boror	—	215\$00	225\$00	Noruega	3\$85	4\$15
Cabinda	—	—	—	Suécia	5\$40	5\$70
Cadã	—	—	—	Suiza	6\$60	6\$72
Colonial do Buzi	—	115\$00	121\$00	Ouro:	—	—

PINTO de MAGALHÃES, LDA.

BANQUEIROS
Capital e reservas: 66.000 contos
Depósitos à ordem e a prazo. Descontos de letras s/ o País e estrangeiro. Aberturas de créditos. Notas estrangeiras, moedas e metais preciosos. Títulos e cupões

TODAS AS OPERAÇÕES BANCÁRIAS

LISBOA: R. do Ouro, 95/99 — T. PPC 366056 (5 linhas)
Praça Paiva Couceiro, 12-E — Telef. 834724
PORTO: Rua Sá da Bandeira 53 — Telef. 20133 PPC

J. BURNAY, LDA.

Notas estrangeiras
TELEF. 21273
Papéis de crédito

RUA DO OURO, 72

DA ENCARNAÇÃO

Assembleia, R. 27, n.º 41 (389216).

MARVILA — Marvila (de), R. Direita de Marvila, 25 (381612).

DE ST. APOLÓNIA AO BEATO — Madre de Deus, R. da Margem, 15-B (382470) * **Banha**, Est. de Chelas, 173-175 (382241) * **Cruz de Malta**, L. do Chafariz de Dentro, 36 (866126).

GRAÇA — Almeida Dias, L. da Graça, 38-A-39 (862909) * **Higiénica**, R. Heliodoro Salgado, 20-A (844361).

PICHELEIRA — Marluiz, Calç. da Picheleira, 140-B-C (720703 - 728395).

ALTO DO PINA — Dalton, Av. Mouzinho de Albuquerque RSV (843571).

ALMIRANTE REIS — Lusa, Av. Almirante Reis, 199-A (41269) * **Romano Baptista**, R. Passos Manuel, 6-10 (50593) * **Magalhães**, Av. Almirante Reis, 4-D a 4-F (49479).

CAMPO DE SANTANA — Penin-sular, Campo dos Mártires da Pátria, 117-118 (53308).

CAMPOLIDE — Ronil, R. Rodrigo da Fonseca, 153 (683438) * **Salutar**, R. B. 75-A-B (Bairro da Liberdade) (683694).

AMOREIRAS — Amoreiras (das) Pr. das Aguas Livres, 8-D (681515).

CAMPO DE OURIQUE — Maria Pia, R. D. Maria Pia, 514 (687949) * **Linaida**, R. Ferreira Borges, 30 (660955).

S. BENTO — Confiança, Pr. das Flores, 59 (27901) * **Valentim**, Ld. R. Poço dos Negros, 88-90 (661353).

PEDROUÇOS — Higilux, R. de Pedrouços, 50-52 (610280).

AJUDA — Mendes Gomes, Calç. da Ajuda, 222 (638256).

ST. AMARO — Botânica, R. da Junqueira, 38-40 (638132).

ALCANTARA — Ester Nogueira, R. de Alcantara, 5-A (637563).

ESTRELA E LAPA — Alb, R. de Santana, 5 Lapa, 156 (663562).

MADRAGOA — Moderna, R. Garcia de Orta, 24 (663117).

ST. MARTA — Luís de Magalhães, H. R. de Santa Marta, 15-A-B (46490).

MOURARIA — Ferrão, R. da Mouraria, 12 (860464).

BAIXA — Silva Carvalho, R. dos Fanqueiros, 126 (26575) * **Andrade**, R. do Alecrim, 125 (23446).

Carreiras Aéreas

O programa da T. W. A.

Ao publicar o programa da T. W. A. para o ano de 1961, o Sr. Rocke, vice-presidente e director-geral daquela companhia, pôs em relevo os progressos verificados no ano transacto. Segundo disse, verificaram-se notável aumento dos serviços de jacto nas rotas dos Estados Unidos e uma maior expansão do serviço internacional, para o que muito contribuiu o eficiente serviço da sua companhia, com 81,2 % de cumprimento nos horários de partida e 86,3 % nos horários de chegada dentro do limite de 15 minutos. Igualmente, incrementou-se, a par das maiores facilidades para os passageiros, o transporte de carga por aviões de reacção, ao mesmo tempo que, números preliminares, indicam que a T. W. A. transportou 5.763.535 passageiros em 1960, num total de 5.521.162.000 milhas/passageiros, não se incluindo neste total o tráfego proveniente de fretamento de aviões.

Anunciou ainda a conclusão de um acordo com um grupo de companhias de seguros e Bancos, para o financiamento de 165 milhões de dólares, destinados à compra de aviões a jacto, Mercê de um acordo financeiro com a «Hughes Tool», a T. W. A. adquiriu mais 17 aviões «Boeing 707», que operaram alugados por aquela companhia, o que aumenta a sua frota para 27 aparelhos daquele tipo. Vinte «Convairs 880» serão posteriormente adquiridos pela T. W. A. graças a este financiamento.

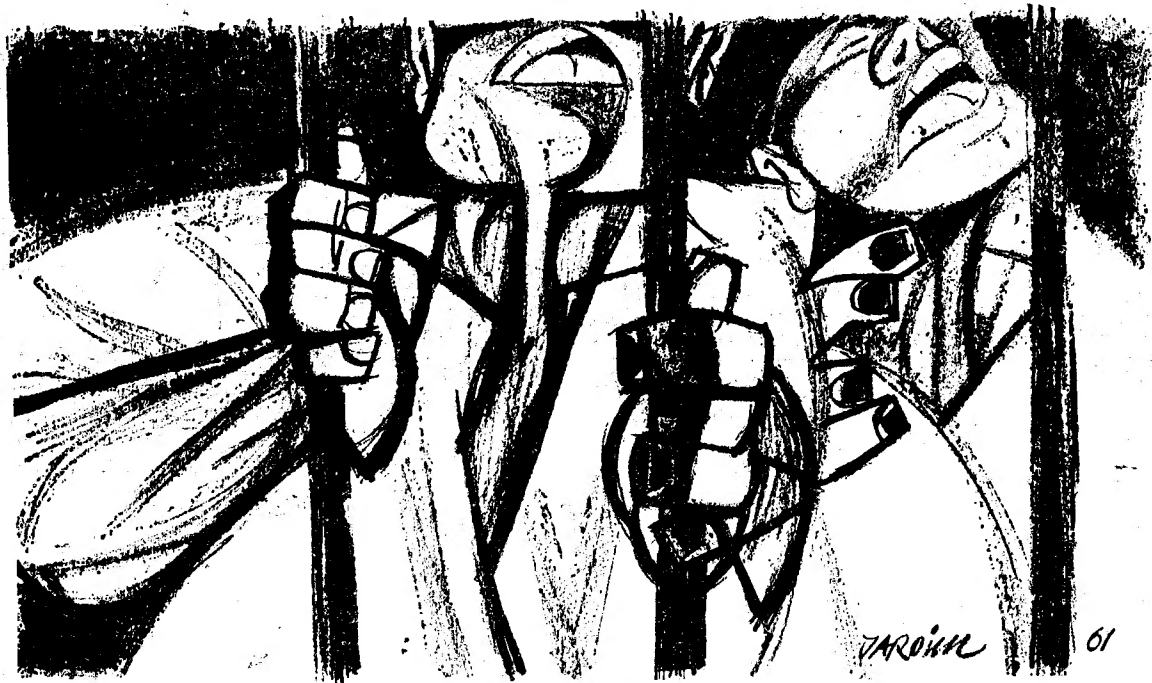
Nova carreira com jactos

A «P. A. A.», pioneira das carreiras aéreas entre os Estados Unidos e Portugal e que manteve ligações com a África do Sul, com escala pelo nosso aeroporto, inaugura no próximo domingo a utilização dos modernos aviões a jacto DC-8C. Os voos na rota entre Nova York-Lisboa-Dacar-Accra e Robertfield, servindo a Guiné Portuguesa, serão semanais e terão a duração de pouco mais de três horas.

REGISTO DE SOCIEDADES

É obrigatório o registo das Sociedades, alterações, etc. Trata da sua legalização, com colaboração de um ex-funcionário do notariado o INTER-POSTO DO CONTRIBUINTE, R. da Glória, 63-1.ª, D., Telefone 368987.

EM FERREIRA DO ALENTEJO. O «DIÁRIO DE LISBOA» VENDE-SE NA TABACARIA «A CHUC».



4, á cidade. Esta vivia repleta de foras-teiros, de gente vinda de outras terras. Do seu tempo, restavam poucos. E desses, apenas o dr. Amarílio continuava seu amigo.

Daquela assassínio, cometido com requintes de crueldade (a convicção geral fora de que a moça havia sido impiedosamente torturada, antes de ser morta), fazia mais de vinte anos, pouca gente se recordava, e adquirira aspectos legendários para as novas gerações. A gente nova só o conhecia, através dos cantadores de feira. O criminoso, capturado e condenado, morrera de tuberculose, na prisão, sem ter dado os nomes dos seus comparsas. O coronel Mariz, porém, se lembrava de tudo, e já mais perdoara aos seus traidores. E no fundo da sua alma, ainda palpitava um insofrido anseio de vingança. Mas era tarde, muito tarde. Chegara aos setenta. Em seu derredor, morreram amigos e inimigos. Os filhos casaram-se, emigraram, dispersaram-se pelo Mundo. A mulher, com quem se reconciliara na velhice, agonizava aos poucos. Nada lhe restava, a não ser a ruidosa alegria dos netos e bisnetos, quando em visita.

— Vovó! Vovó mandou chamar o senhor!

— Ela está só?

— Não! Mas disse que desejava ficar só, e falar com o senhor!

— Está bem! Diga a ela que eu já vou!

Ergueu-se a custo da cadeira de ba-

lão, onde se encontrava, sózinho, no alpendre, a rever o passado. Que lhe queria a Sinhazinha? Fazer-lhe, provavelmente, algum pedido, desses que se fazem á hora da morte, e que não se pode deixar de cumprir.

Encontrou-a semimorta, pálida como cera, os olhos fundos, o nariz afilado, a respiração ofegante. Mandou-o sentar-se, perto de si. Falava, cochichando. Queria pedir-lhe perdão. Estranhou-lhe a humildade. Ela sempre fora altiva e áspera.

— Perdão?

— Sim... Quero que me perdão... Faz tantos anos... Mas não posso morrer em paz, sem lhe contar, sem lhe pedir perdão... Fui eu... Fui eu quem mandou matar...

Saiu do quarto, contrafeito, atarantado, tropeçando nos familiares, sem saber o que fizesse.

Voltou á sua cadeira de balanço, os músculos da face crispados, os olhos perdidos nas longuras das serras. E viu pela milionésima vez o corpo de Mira, mutilado, cosido á facadas, coberto de sangue, irredento até então. E pela primeira vez, na sua longa vida de homem, sentiu um estranho calor dentro de si, alguma coisa que se funde e explode, como lava.

— Mamãe! Mamãe! Vovó está chorando!

— Deixa-o, meu filho! Eles se amavam muito!

REGISTO

• Uma «grialha» absurda, dessas que mais se afiguram sarcasmos das artes gráficas contra os que escrevem, deformou absurdamente o sentido do comentário que se publicou há uma semana neste lugar sobre a décima edição do romance «Ana Paula», de Joaquim Paço d'Arcos. Onde saiu «um facto vulgaríssimo na vida literária de País...» tinha-se escrito «um facto invulgaríssimo... etc.» Nem outra coisa poderia dizer-se de um acontecimento tão excepcional na nossa literatura contemporânea — consagrando com dez «dições» uma obra que ficou á assinalar definitivamente a vocação e o destino de romancista de Joaquim Paço d'Arcos.

• Romeu Correia, que tem sido um caso raro de dramaturgo profundamente identificado com o sentimento popular — talvez o unico neo-realista de obra perdurável e válido em teatro — publicou á farsa em três actos «O vagabundo de mãos de oiros». A sugestão de poesia através do verismo social, que já caracterizou algumas das peças anteriores do autor, é aqui mais sensível e envolvente, até pelo contraste com mais vivas expressões da realidade popular, não só na linguagem como nas reacções das personagens. A peça conserva, em toda a sua estrutura, um interesse emocional constante. Mas teria fortalecido o seu poder dramático, numa simplicidade mais cuidadosamente defendida na tessitura do enredo, á todo o passo perturbado na sua interessante concepção por «incidentes» que pouco o valorizam. Romeu Correia mantém com ela, além de uma já provada maestria teatral, uma tradição de verdadeiro teatro português que é lamentável não ver mais seriamente estimulada.

• Sob o patrocínio do Instituto de Alta Cultura iniciou-se a redacção, com singelas, mas elegante e clara apresentação grá-

fica, da «Obra literária e médico-literária» de Ricardo Jorge. Poram há pouco publicados os volumes «Passados de Erradio» e «Canhenho de um vagabundo», em que o cientista-escriptor coligiu crónicas e impressões de viagem, associando a um cosmopolitismo natural do tema um portugalismo camiliano de forma que suscita contrastante interesse de leitura. O ambiente histórico de circunstâncias que passa á gente de hoje já recostem o cunho de um longínquo passado, como o da primeira guerra á gente de hoje já rerestem páginas destes livros um valor documental de testemunho que á personalidade inconfundível do prosador mais robustece.

• A Editora Ulisseia trouxe recentemente o contributo de algumas edições de interesse para largo publico ao esforço que vem sendo realizado pelas nossas organizações editoriais para actualizar o mundo do livro em Portugal. Do escriptor norte-americano Frederic Wakeman foi publicada á longa crónica romancada «Excursão de luz», que faz passear o leitor, entre lares de humor, de experiência vivida e de sugestão paisagística e humana, por Veneza, Roma, Berlim, Paris e Madrid. O género é complexo mas resulta magistralmente bem neste conjunto de verve fecunda. De Lawrence Durrell, o romancista do colectivo, foi publicada á obra excelente e singularmente original «Justine», conjugando personagens de ficção com a vida real de uma cidade em que o autor apreende subtilmente o «clima» de individualidade e problemática social ou individual. Pela mesma Editora, ainda, foi dado á lume o romance de ficção científica «Mais que humanos», de Theodore Sturgeon, em que se aponta o véu da fantasia e solidariedade essencial de todos os homens perante á imensidade do Universo que os envolve mas de que se esquecem no viver habitual.

ESCAPARATE

(De 29 de Dezembro a 2 de Janeiro)

Título — «Andanças do demónio»
Autor — Jorge de Sena
Capa — Luis Filipe de Abreu
Género — Contos
Editora — Estudos Cor
Preço — 25\$00
Numero de páginas — 228.

Título — «Crónicas da Serra»
Autor — Irene Lisboa
Género — Crónicas
Editora — Bertrand
Preço — 25\$00
Numero de páginas — 229.

Título — «Actualidades e permanência do luso-brasileirismo»
Autor — Nuno Simões
Género — Conferências
Editora — Portugal
Preço — 30\$00
Numero de páginas — 241.

Título — «A minha prisão»
Autor — Padre Avelino de Figueiredo
Género — Documentos
Editora — Francisco Franco
Preço — 25\$00
Numero de páginas — 409.

Título — «Gente da minha terra»
Autor — Passos Coelho
Género — Contos
Editora — Caramulo
Preço — 30\$00
Numero de páginas — 176.

Título — «O Ultramar e a República»
Autor — Eugénio Ferreira
Género — Documentos
Editora — Portugal
Preço — 10\$00
Numero de páginas — 36.

Título — «A revolta militar no Congo»
Autor — Hélio Esteves Felgas
Género — Documentos
Editora — «Revista Militar»
Preço — 20\$00
Numero de páginas — 105.

Título — «Introdução ao estudo da Didáctica Especial»
Autor — Moreirinhas Pinheiro
Género — Estudo
Preço — 25\$00
Numero de páginas — 98.

Título — «Catálogo da Exposição Cartográfica e Iconográfica Comemorativa do 5.º Centenário da Morte do Infante D. Henrique»
Género — Estudo
Editora — Arquivo Histórico Ultramarino
Preço — 65\$00
Numero de páginas — 112.

Título — «O fim de Chérie»
Autor — Colette
Tradução — José Saramago
Capa — Paulo Guilherme
Género — Romance
Editora — Estudos Cor
Preço — 25\$00
Numero de páginas — 193.

Título — «Lady L»
Autor — Roman Gary
Tradução — José Cufaleiro
Género — Romance
Editora — Bertrand
Preço — 25\$00
Numero de páginas — 214.

Título — «O Santo no pic-nic dos ladrões»
Autor — Leslie Charteris
Tradução — Mascarenhas Barreto
Género — Romance policial
Editora — Livros do Brasil
Colecção — Vampiro
Preço — 12\$50
Numero de páginas — 171.

FEIRA DAS VAIDADES

A tradução

(Continuação da página anterior)

gente. É possível, como bônus, aceitar-lhes algo que não seja á carta comercial, alarimada, á exigir o desconto. A situação do autor na nossa engrenagem editorial, na gradação difícil que vai de conselheiro literário, á director, á proprietário, permite-lhe um diálogo com as editoras estrangeiras, menos individualizáveis. Diálogo inicialmente comercial mas que implica um mínimo de delicadeza, interesseira embora, no ambito da qual o nosso editor pode impor condições. Condições viáveis se as dozeas, as referir num crescendo estratégico, recusando em outros parágrafos, num jogo demorado. Quando á via está aberta definitivamente e o movimento das traduções tem um ritmo habitual, seguro, equacionável no balanço anual pela editora estrangeira, lança-se á exigência final, á tradução da obra portuguesa.

Menos sólido mas com resultados aproximados é, nesta matéria, á iniciativa privada. Iniciativa á que são estranhas traduções de obras portuguesas já publicadas, justas e normais. Sem o cabeçalho da editora, o autor isolado deve desenvolver uma actividade insistente e menos geométrica. Desde logo, os contactos internacionais, raros, exóticos, lançados de um País que não viaja, que vagamundeou em Quinhentos e é tudo. Sair por Santa Apolónia e cortar á península em obliqua, passar Hendaia e cair sobre Paris não é uma banalidade na vida literária portuguesa, sobretudo se possuímos um plano definido e tivermos assegurados contactos jornalísticos e editoriais. Em literatura, Portugal é um País baranco no mapa da Europa e um escriptor português, qualquer que seja, é, para o crítico e o editor estrangeiros, o início de um conhecimento curioso e perplexo. O nosso escriptor no estrangeiro tem uma enorme vantagem sobre outro qualquer intelectual de um país cuja literatura é razoavelmente conhecida: o prestigio do exotismo. É, imediatamente, á personificação de algo supetido nas afinal desconhecido. As circunstancias, á ignorancia dos outros e o descaramento dele, premeditado ou não, permitem-lhe situar-se á vontade na hierarquia que ele próprio organiza, inventa. Versão suspeita, é claro, para os outros. Mas os outros não estão dispostos á averiguar. Á atmosfera é de simpatia, á simpatia de alguém que chega, que assim á dá e exige. Á averiguação das declarações do escriptor português (rapidamente, na personificação fácil, cômoda, preguiçosa) é violenta, desleal, áspera. Além do que, apressadas noções de Geografia levam os outros á concluir que á vida literária portuguesa não tem amplitude para possuir duas versões de hierarquia de valores.

O turismo do escriptor português é regularmente interesseira e frenético. Em literatura portuguesa, á tradução é um Eldorado inevitável. Somos ainda os primeiros á chegar á qualquer local, porque á literatura portuguesa, ligada ao solo pelo peso dos pés imensos de Portinari, esquadrinhou, com o contador geiger do neo-realismo, todo o País, recusando, condenando mesmo á escapadela leviana, irresponsável. Chegamos onde quer que seja e envolve-nos uma curiosidade condescendente, porque se é verdade que há novidades para nós, libertos da disciplina neo-realista, á novidade gritante somos nós, chegados do desconhecido, finalmente certos no espaço e no tempo.

po. Temos á rudeza de pesquisadores e representamos uma literatura distante, mordida pelo Atlântico, esmagada pelo contraste espanhol, resolvida pela citação de Camões. Quem chega é o rótulo e passará á ser o tecto de uma estrutura que convém deixar apenas esboçada, sem possibilitar um estudo mais fundo e daí paralelos perigosos. Em literatura somos apenas um dialecto europeu.

O autor português mandou reinar á estante, de pinho, pesada e aborrecida, e pregou na parede um mapa da Europa que criva de alfinetes embaudeirados. Respira-se uma atmosfera oxigenada e intensa e há olhares distantes, expansionistas, napoleónicos. O objectivo é á Europa e o livro á arma. Ergue-se no horizonte um sol exagerado, de epopeia. O continente está pontuado por agentes de ligação. As instituições portuguesas, os leitores, os adidos culturais, os mais feroces políglotas aguardam o sinal. O livro enviado de Lisboa perde á sua mediocridade no cabedal dos sacos do correio e chega á Amsterdão prestigiado pela distancia, pela saudade de quem o recebe, pelo embrulho, pelos selos, pelo carimbo, pela língua que os caracteres tipográficos organizam nas páginas da brochura. Á dedicatória, que do Chiado atingiria o Areeiro discretamente, ganha uma sonoridade apreciável. O livro, que á critica portuguesa lança para um penultimo lugar na resenha jornalística e severa, abate-se sobre Milão, como uma obra poderosa. É possível, até, enunciar uma lei que seria assim: á qualidade livro português está na razão directa da distancia do meridiano de Lisboa. Daí, á conclusão lógica: o romance português atinge á generalidade nos antipodas.

Mas á curiosidade que o autor-turista provocou pode levar o editor e o jornalista á quererem conhecer o seu «habitat» cultural. Assim, temos viagens estranhas, truncadas, cheias de agas. O autor espera-os em Santa Apolónia, nervoso, á esburacar o cas com á ponta de aço do guarda-chuva. Atira-os para dentro de um taxi e aferrolha-os em casa. Os outros querem sair, atam lençois, tiram os caixilhos, fazem saltar os gonzo das portas. O autor vela, com um projector montado no terraço. Não os larga, não os deixa travar diálogos, ocupa-lhes o campo visual e organiza um simulacro de recepção, com figurantes e amigos íntimos.

Tendo á seu favor á ignorancia, o espanto do exterior, utilizando os aliados permanentes, incondicionais, angustiados, os que lêem o romance português original, resta dispor os factores com uma audácia que vale bem o prestigio internacional. Mais arriscada, laboriosa e incerta, á aventura individual tem sido trocada pela acção da editora, mas porque nem todos os escriptores dirigem editoras aquela é ainda tentada, no rasto fabuloso do Fernão Mendes Pinto que ainda somos, no que fica para cá do seu génio literário. Eis porque á Europa começa á situar uma literatura na faixa ocidental e atlantica da península, mas estendendo-a das formas mais diversas. Entendimentos que têm como raízes os contactos das cidades com quem, ido de cá, as atingiu primeiro. Versões que denunciam quem as originou e organizam uma insólita geografia europeia segundo á literatura portuguesa. Porque o autor português não pronuncia, no exterior, mais que três nomes, o segundo eo terceiro vagamente, o primeiro o dele e com á insistência do «salesman». Assim, temos á Suíça por Hugo Matoso, á Bélgica por Ernesto Sequeira, á Grécia por Carneira, o Sul da França por Pompeu, o Norte de Itália por Sacramento. Temos assim assim mas frágilmente, que Matoso, Sequeira, Pompeu e Sacramento não podem rivalizar com outras literaturas, essas colectivas, autênticas, inteiras. É, sobretudo, como consequência da fragilidade da atitude, pela condescendência da adopção (desapaixonada, afinal, para o estrangeiro), á ameaça do resultado de uma desmistificação em si mesma positiva. O perigo de desacreditar toda uma cultura pela destruição da hierarquia anterior. Daí, á ameaça que resulta da actividade do autor-editor e do autor-turista á favor da tradução dos seus livros. Á afirmação de um livro mediocre, sim, mas também algo de mais grave, o fosso que esse elo aparente rasga afinal, á negação da obra que não viaja assim, na petulancia, na pretensão, no cabotismo.

Colaborador Literário

Prática red. jornal ou revista, actividade editorial. Novo. Habituação desempenho respons. direcção. Conhecendo vários países Europa, Angola e Moçambique. Oferece-se. Informações completas. Resposta á este jornal ao n.º 48.

A "História da Arte Portuguesa"

(Continuação da 13.ª página)

obscura e enigmática. Mas não haverá quem lhes conteste a personalidade fecunda, a amplitude da informação, o vigor das interpretações. E' condição do ensaísta e do crítico — e só dos grandes ensaístas e críticos — serem versátilmente discutíveis e discutidos. Nesta obra primorosa, no entanto, Reynaldo dos Santos teve o escrúpulo de confrontar as mais diversas orientações com a sua própria. E isso imprime ao seu estudo uma largueza de perspectivas e uma riqueza de sugestões que dominam a leitura desde a primeira à última página. Na trajectória de uma fascinante aventura intelectual em que nunca se interrompem os poderosos atractivos.

A obra é prefaciada por D. José Camón Azuar, catedrático de História da Arte na Universidade Central de Madrid e director do Museu Lázaro Galdiano, também na capital espanhola. Nas palavras de apresentação do volume, que serão gratas a todos os portugueses das mais diversas opiniões, o eminente professor hispanico assinala que «poucos países poderão contar com um historiador de arte que tenha criado estudos tão numerosos, decisivos e belos, como Reynaldo dos Santos».



PROF. REYNALDO DOS SANTOS

para o conhecimento da arte da sua Pátria. E acrescenta mais adiante: «Quando se fizer, no futuro, a história da arte portuguesa, haverá que distinguir antes e depois de Reynaldo dos Santos. Foi ele quem esclareceu os grandes problemas da arte sob todos os aspectos». Esta consagração de um intelectual que desdobrou as suas actividades em tantas direcções, desde a alta ciência médica à literatura e à investigação histórica, representa uma força de irradiação internacional da nossa cultura que a ninguém poderá ser indiferente. A «História da Arte Portuguesa», divulgada por uma organização tão importante e dinâmica como a Editorial Labor, é mensagem empolgante da inteligência portuguesa na nossa época e testemunho que não deixará de abrir as portas a outras criações.

Para além dos seus próprios méritos, esta obra de Reynaldo dos Santos é um factor prestigioso de projecção universal da arte e da cultura nacionais. Por ela cumpre prestar ao insigne mestre a dupla homenagem que lhe é devida, como escritor e como português.

CINEMA e POESIA

Cinema e Poesia é o tema que constitui o programa de formato reduzido do Cineclub Imagem a efectuar na próxima quarta-feira no Centro Español.

Os filmes a apresentar são «Metropolitain», de Henry Gruel, imagens animadas realizadas com desenhos abstractos, lentamente modificados, de Laure Garcin, com jogos de luzes e cores em correspondência com o poema de Rimbaud, «Illuminations», «La Belle Saison Est Proche», de Jean Barral, dedicado à memória de Robert Desnos, dando-nos uma visão do poeta através dos seus amigos Max Ernst André Breton, Mouloudji, Jean-Luis Barraut, etc.; e «La Seine a Rencontré Paris», de Joris Ivens, evocação do Sena, com comentário-poema de Jacques Prévert, um poeta que soube encontrar na força evocadora do cinema a mesma sobriedade verbal dos seus poemas exemplares.



NOVIDADES LITERARIAS: «Anjo Negro — Anjo Branco» e «Cartilha de Marialva»

Dois jovens poetas

Henrique Tavares

(Continuação da 13.ª página)

miti-me a definir um angulo geral da observação sobre os nomes-mitos de cultura que definem uma condição de espectador em relação a um continente, a um país ou a um universo. Sintetizando três possíveis dilemas de vida e morte — acção, invenção e criação — nada mais fiz que pagar uma prestação da minha morte, sofrida como artista, a fim de continuar a manter o crédito aberto a mim próprio ou aos propósitos atribuídos. E talvez porque a morte pessoal esteja pela hora da morte fui considerado hermético, cabalístico e ininteligível e outras coisas que se me afiguram, e mais verdadeiramente, herméticas, cabalísticas e ininteligíveis. Uma história de bruxas... enfim... de sibilas... aqui—cá—ali—ai.

— Que pensa da relação, poesia — pintura? E como lhe parece que seria possível resolver-se o problema do poeta, no seu aspecto material?

— Não pode existir «grande» pintura portuguesa sem existir «grande» poesia. E a grande poesia não tem bolsa. Assim, não creio que a situação da pintura, entre nós, evolução da cristalização temática, atinida. Aliás ela foi até aonde foi a poesia editada e credenciada pelas editoras. Muito perto, por muito barata. Mas tudo o que é barato sai caro. Basta ver os preços dos catálogos... estou crente que medem bem o desejo, não «de ser», mas «de ter». Entretanto o problema fundamental persiste e debate-se num círculo vicioso. Perdemos ou não temos uma tradição pictural? Só com um conhecimento profundo das raízes da nossa arte tradicional podemos resolver este problema. Mas, para isso, seria necessário aprender a estudar a nossa história e depois estudá-la. Enquanto não nos resolvemos a resolver... vamos até Paris... Londres... Roma... para ver como os outros se resolveram a resolver. As bolsas têm um carácter itinerante aliás como as próprias

Manuel de Castro

(Continuação da 13.ª página)

portugueses officiosamente autorizados e ainda a ignorancia deste facto: ser surrealista é, para além de qualquer attitude de tipo literário (que pode acidentalmente surgir), participar numa revolução — a revolução surrealista — e de uma forma fundamentalmente activa. Acon-

As heroínas favoritas da vida real

Quais as vossas heroínas favoritas na vida real? Pronunciaram-se centenas de escritores. Das suas obras ou de respostas a inquéritos, escolhemos:

MARCEL PROUST — «Uma mulher de génio vivendo como uma mulher vulgar».

HERVÉ BAZIN — «As que têm o génio de ser o que são».

PIERRE BENOIT — «Isabel da Baviera, Santa Clotilde».

BLAISE CENDRARS — «As actrizes».

ANDRÉ CHAMSON — «Uma camponesa que a Gestapo chamava a primeira rapariga da resistência».

GEORGES DUHAMEL — «A mulher corajosa entre os seus filhos».

CLAUDE FARRÈRE — «Joana d'Arc essa fé, esse dom, essa razão».

PAUL GÉRALDY — «Joana d'Arc. essa fé, esse dom, essa razão».

JEAN GIONO — «Não há heroínas na vida real».

JOSEPH KESSEL — «Algumas mulheres da Resistência».

LA VARENDE — «Joana d'Arc, desde que a deixem ser camponesa».

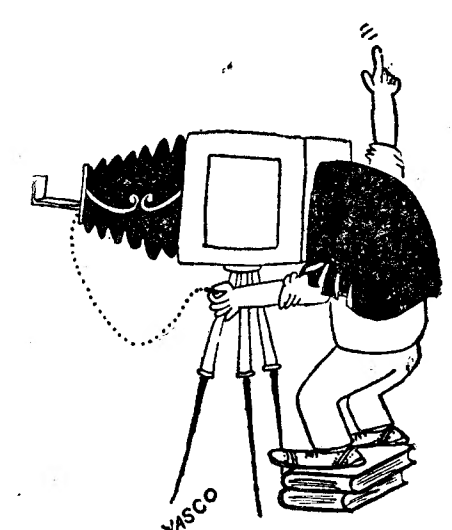
MARCEL PAGNOL — «A minha mulher».

ARMAND SALACROU — «As mulheres corajosas».

GEORGES SIMENON — «As mulheres que o são completamente».

JULES SUPERVIELLE — «As mais vivas».

PAUL VIALAR — «As que são mais mulheres».



Poema

Tão próxima a colheita!
Tão amável o dia!
(Um gnomo verde espreguia
Tua figura esguia).

Tão claro e manso o rio!
Tão distante o horizonte!
(Um véu de névoa e frio
Veste de espanto o monte).

Tão próxima a partida!
Tão para cedo a morte!
(A secreta ferida
Da vária, esquivia sorte).

Tão para pouco o amor!
Tão solitário o medo!
(Entre o mar e a flor,
Desvendo o teu segredo).

DANIEL FILIPE

(Do livro «A invenção do amor»).

A Espanha renova a sua indústria das artes gráficas

O Instituto Nacional do Livro Espanhol, com a colaboração do Ministério do Comércio de Espanha, e com o auxílio americano, levou a bom termo uma operação de compra de 334 máquinas gráficas. O objectivo é a renovação das oficinas gráficas de toda a Espanha.

Serão cerca de 200 as empresas editoriais que beneficiam dessa importação de máquinas de composição e impressão.

A qualidade do livro subirá bastante e as condições de exploração também. E' que algumas das máquinas agora adquiridas têm uma rapidez de dez linhas por minuto, ou seja um aumento de quarenta por cento em relação às actualmente em uso.

«O Amigo Fiel e o Fiel Amigo»

F. de Carvalho Henriques, autor de novelas como «A Mulher de Hoje», «Quarta Dimensão», «A Montanha da Lua» e «A Profecia», publicou agora «O Amigo Fiel e o Fiel Amigo», que começa na Eri-ceira e tem epílogo na Gronelandia, em plena pesca do bacalhau.

A vida dos nossos pescadores e aventura de um deles em tão longínquas paragens, os costumes dos esquimós e o seu sentimento em relação aos de fora, tudo é contado por F. de Carvalho Henriques numa linguagem simples, sem artificios, mas com grande poder descritivo.

(Edição Atlântida, de Coimbra).

TOMÁS BORRÁS

Prémio do Instituto de Estudos Municipais

Tomás Borrás, grande amigo de Portugal e figura de relevo da literatura espanhola, recebeu o Prémio do Instituto de Estudos Municipais pelo seu livro «Madrid, Torres Mil», já antes considerado pelos jornais espanhóis «o melhor do ano sobre Madrid».

Tomás Borrás, que passou por Lisboa pela primeira vez em 1923, dedicou a esta cidade o livro «Al-fama».